UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA GERAL

RENATA DO AMARAL TEIXEIRA RêDE

A Prosódia dos Compostos do Idioma Japonês

SÃO PAULO

2012

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA GERAL

A Prosódia dos Compostos do Idioma Japonês

Renata do Amaral Teixeira Rêde

Orientador: Prof. Dr. Paulo Chagas de Souza

Dissertação de mestrado na área de Semiótica e Linguística Geral, apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

SÃO PAULO

2012

AGRADECIMENTOS

Agradeço à CAPES que concedeu a bolsa de estudos para que eu pudesse estudar a acentuação do japonês com dedicação exclusiva. Também agradeço ao Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas que me acolheu nessa importante fase da minha vida acadêmica.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Paulo Chagas de Souza, por ter me incentivado a prosseguir nos meus estudos acadêmicos na área de Fonologia. Ao grupo de estudos FONEMOS, dedicado ao estudo da Fonologia e Morfologia, que me ajudou a pensar sobre diversos textos e questões fonológicas que utilizei na minha pesquisa. Para mim, cada membro desse grupo de estudos teve um papel importante na minha pesquisa, pois se tornaram meus amigos e acompanharam o desenvolvimento do trabalho desde o começo.

Também sou grata aos professores do Departamento de Letras Orientais da USP, Prof. Wataru Kikuchi e Profa Dra. Leiko Matsubara Morales que me guiaram no estudo de língua japonesa e me ajudaram a aprofundar meus estudos. Agradeço à Profa Célia Tomimatsu que me deu auxílio quanto à acentuação do idioma e assistiu, diversas vezes, a apresentações do andamento da minha pesquisa. Aproveito para agradecer a todos os professores e colegas de classe da Aliança Brasil-Japão, onde estudei japonês por muitos anos.

Aos meus pais, Rita de Cássia e Antonio José, que me incentivaram a prosseguir meus estudos, independente das dificuldades que pudessem aparecer. Aos meus avós, Eponina e João, que sempre estiveram ao meu lado durante as minhas tardes de estudo e me apoiaram.

RESUMO

Esta dissertação investiga o comportamento do acento nos compostos do idioma japonês. Os compostos do japonês falado em Tóquio apresentam apenas um acento, ou queda tonal H*L, por frase fonológica. Isso faz com que não se possa manter os acentos que estariam originalmente nas palavras simples. Apenas um acento sobrevive e seu local é de difícil determinação, porque, na maioria das vezes, não coincide com o local do acento anterior. Muitos linguistas já se debruçaram sobre esse tópico (McCawley, 1965; Saitou, 1997; Kubozono, 2001; Tanaka, 2001; Labrune, 2012) e com o auxílio dessas diferentes pesquisas, conseguimos estabelecer que diversos fatores influenciam no processo de acentuação dos compostos, especialmente aspectos morfológicos e fonológicos, como a fronteira de palavra e o pé fonológico. Assim, a acentuação do japonês não é determinada por cada membro do composto, mas pela distância em que a fronteira entre os membros está da margem direita da palavra.

Palavras-chave: acento-tonal; compostos; língua japonesa.

ABSTRACT

This dissertation investigates the behavior of the accent of Japanese compounds. Compounds in Tokyo Japanese only have one accent, or pitch drop H*L, in a phonological phrase. Therefore, it cannot maintain the accent of the simple words which make it up. Only one accent survives and its location is hard to determine, because, most of the time, it does not coincide with the location of the previous accents. Many linguists have tackled this topic (McCawley, 1965; Saitou, 1997; Kubozono, 2001; Tanaka, 2001; Labrune, 2012) and with the help of these different analyses, we established that several factors influence the accentuation of a compound, especially morphological and phonological aspects, such as word boundary and phonological feet. Thus, the accentuation of Japanese compounds is not determined by each member of the compound in particular, but from the distance that the boundary between the compound's member is from the right margin of the word.

Keywords: pitch-accent; compound; Japanese.

INTRODUÇÃO.....	3
CAPÍTULO 1 - CARACTERÍSTICAS DA LÍNGUA JAPONESA.....	7
1.1. Os estratos da língua.....	7
1.1.1. Palavras Nativas.....	7
1.1.2. Palavras Sino-japonesas.....	8
1.1.3. Empréstimos.....	10
1.1.4. Miméticos.....	11
1.1.5. Teoria centro-periferia.....	12
1.2. A composição.....	13
1.2.1. Os compostos no idioma.....	16
CAPÍTULO 2 - A PROSÓDIA.....	23
2.1. A teoria prosódica do japonês.....	25
2.1.1. A prosódia dos compostos.....	30
2.1.2. O pé fonológico.....	33
2.1.2.1. A universalidade do pé.....	36
2.1.2.2. O pé em japonês.....	38
2.1.2.2.1. O tipo de pé.....	42
2.1.3. A sílaba em japonês.....	44
2.1.3.1. A mora em japonês.....	47
CAPÍTULO 3 - O ACENTO.....	51
3.1. O acento em japonês.....	53
3.1.1. O acento nos empréstimos.....	58
3.1.2. O acento nos compostos.....	60
3.1.2.1. Análise de McCawley.....	61

	2
3.1.2.2. Análise de Saitou.....	65
3.1.2.3. Análise de Kubozono.....	68
3.1.2.4. Análise de Tanaka.....	70
3.1.2.5. Análise de Labrune.....	79
 CAPÍTULO 4 - A TEORIA DA OTIMIDADE.....	84
4.1. Teoria da Otimidade no japonês.....	88
 CAPÍTULO 5 - ANÁLISE DO ACENTO DOS COMPOSTOS.....	92
5.1. Observação crítica das análises.....	92
5.2. A análise.....	95
5.2.1. Fronteira de palavras.....	96
5.2.2. O papel da fonologia.....	98
5.2.3. Não-finalidade.....	101
5.2.4. Interpretação morfo-fonológica.....	103
5.2.5. O funcionamento na TO.....	105
5.3. Conclusão.....	112
 CAPÍTULO 6 - PROBLEMATIZAÇÕES.....	114
6.1. Acento, tom ou acento-tonal?.....	114
6.2. Mais sobre questão dos pés em japonês.....	122
 REFERÊNCIAS	125

INTRODUÇÃO

O idioma japonês é uma língua muito estudada, inclusive no ocidente, pois possui características que ajudam e desafiam os linguistas. Um desses pontos é a acentuação, e por isso a língua é muito estudada por fonólogos e interessados por questões da fonologia suprasegmental.

A acentuação da língua japonesa é diferente do que costumamos encontrar nas línguas mais faladas do ocidente e por isso chama tanto a atenção. No idioma japonês, o tom é usado de uma forma limitada. Não existem tantos pares mínimos quanto no chinês e sua função é organizacional. Em metade do léxico, existe uma queda tonal que alguns pesquisadores chamam de acento (BECKMAN, 1986). Essas palavras possuem esse acento associado à mora com tom alto que precede a queda tonal. Os demais vocábulos que não possuem esse contorno tonal são considerados palavras não-acentuadas. Entre os linguistas, esse tipo de língua que não é totalmente acentual ou tonal é muito conhecido como acento-tonal, ou pitch-accent. Ou seja, o tom e o acento desempenham um papel importante na fonologia da língua. Outros autores, entretanto, não inserem as línguas nessa terceira categoria e consideram que existe uma gradação de uso do tom ou acento nas línguas e veremos mais questões e explicações a respeito da tipologia do idioma japonês nos capítulos subsequentes.

As palavras simples do idioma japonês têm seu acento determinado lexicalmente, sendo assim, não é possível estabelecer alguma regra de acento, já que ele pode incidir em qualquer uma das moras da palavra. Entretanto, existem casos em que é possível fazer essa previsão. Por exemplo, quando se adiciona o honorífico o- como em o-sushi, há uma alteração previsível da queda tonal da palavra, recuando-o em uma mora. Outros exemplos excelentes estão na colocação de acento nos empréstimos recentes, vindos de línguas européias, como é o caso do inglês, alemão, italiano e o francês, percebe-se que existe um padrão de acentuação que pode ser facilmente determinado através de regras, sendo a principal a regra da antepenúltima mora (KUBOZONO, 2001). Nesses casos, a grande maioria das palavras emprestadas possui um contorno tonal com o tom alto associado à antepenúltima mora.

É preciso ter em mente o tipo diferente de acentuação e tom do idioma japonês quando pensamos em palavras compostas. O idioma japonês padrão – a variedade de

Tóquio - apenas permite uma queda tonal por palavra, H*L. Considerando a questão em termos de acento, como faz Beckman (1986), a língua apenas possui um acento por palavra, não havendo acentos secundários. Sendo assim, no caso da composição, não é possível que o acento de cada um dos membros do composto continue existindo depois da junção das palavras, pois apenas um acento é permitido. A acentuação dos compostos já foi estudada por diversos pesquisadores desde a metade do século XX. Aqui, abordaremos o caso da acentuação do composto em japonês considerando análises de diversos pesquisadores, sendo eles: McCawley (1965), Saitou (1997), Kubozono (2001), Tanaka (2001) e Labrune (2012a). Escolhemos essas pesquisas porque todas abordam visões bem diferentes entre si a respeito dos compostos em língua japonesa.

A acentuação das palavras compostas do idioma japonês não é um fator unânime entre os estudiosos. Mostraremos diversas interpretações linguísticas a respeito da acentuação porque as regras não conseguem dar conta de determinadas palavras e sempre existe um número grande de exceções. Além disso, o fato de que diversas palavras acentuadas estão sofrendo variação na língua dificulta a interpretação dos dados. Outro fator que complica o estudo suprasegmental dos compostos é a não-acentuação de uma grande parte do léxico, inclusive dentro dos compostos.

No capítulo 1, observaremos as características da língua japonesa e os aspectos que podem ajudar na compreensão dos tipos de palavras do idioma, e sobre a composição. O capítulo 2 é de grande importância para a compreensão futura da acentuação, pois é nele que trataremos sobre a prosódia da língua. Devido ao fato da língua possuir tom, aqui também investigaremos a sua interação com a hierarquia prosódica. No capítulo 3, veremos mais detalhadamente o tipo de acento-tonal na língua japonesa, suas implicações, e como os acentos se manifestam nos compostos de acordo com a interpretação dos linguistas acima mencionados. O capítulo 4 trata-se de uma pequena introdução à Teoria da Otimidade, que é mencionada por diversos autores ao longo de nossa pesquisa e que também será utilizada por nós. É no capítulo 5 que interpretaremos criticamente todo o material já visto a respeito de acentos de compostos no idioma japonês para conseguir chegar a uma interpretação mais fiel e significativa teoricamente. Por fim, no capítulo 6 abordaremos algumas questões complexas que ainda não são claras na literatura da área, como a questão da tipologia do acento do idioma japonês e as implicações que uma análise utilizando-se do pé fonológico possui.

Através dessa pesquisa, pretendemos compreender a questão da acentuação no idioma japonês. Primeiro observaremos o tipo de acento e tom do idioma. É necessário entender o funcionamento e as características de línguas com essa característica para observar melhor os fenômenos da língua. Assim, poderemos nos voltar aos dados de acentuação nas palavras simples e, então, poderemos observar as palavras compostas e sua acentuação.

Também é necessário abranger na nossa pesquisa os diferentes estratos da língua japonesa, conhecidos como nativo, sino-japonês, miméticos e empréstimos. Cada um desses estratos possui características próprias que precisam ser observadas também quanto à composição. Assim, consideraremos as similaridades e diferenças entre palavras de origem nativa e sino-japonesa, quanto à acentuação; e o grau de adequação do acento das palavras nativas.

Temos como objetivo a análise da colocação do acento em termos compostos e apenas consideraremos os nomes, pois os verbos, que também podem ser compostos, possuem características diferentes dos substantivos quanto à flexão e, conseqüentemente, ao acento.

Esta pesquisa pretende se inserir em um campo de estudos de muito interesse fonológico, devido ao tipo acentual do idioma japonês, e já foi explorado por diversos pesquisadores, trazendo diversos resultados diferentes. Sendo assim, primeiramente é necessário fazer uma revisão bibliográfica dos principais trabalhos já feitos sobre o assunto.

Após o levantamento e explicitação da teoria dos principais autores que abordaram e propuseram regras sobre a acentuação dos compostos em língua japonesa, iremos observar os dados linguísticos utilizados por cada autor e propor uma melhor solução para a questão da colocação do acento nos compostos. A nova proposta procura levar em conta uma explicação lógica para a acentuação que consiga abranger um maior número de dados e que não contradiz fundamentos teóricos básicos da fonologia e morfologia, como a questão de pés, acento e morfema.

Por fim, temos a intenção de comprovar nosso novo ponto de vista a respeito da acentuação de palavras compostas no idioma japonês através da Teoria da Otimidade (mais detalhada no capítulo 5). Para essa pesquisa, iremos utilizar o sistema de romanização Hepburn, que utiliza vogais do italiano e consoantes do inglês. Esse sistema de escrita ocidental do japonês não é o único, havendo também o modo Kunrei-Shiki. Observe as diferenças de transcrição de um método para o outro:

Como já mencionado, utilizaremos os dados linguísticos de compostos no japonês já utilizados por cada autor presente na revisão bibliográfica. Todos esses exemplos correspondem à variedade de Tóquio, que é considerada no Japão como padrão. Para consultas de acento de compostos, utilizaremos o dicionário de acentos do idioma japonês (pronúncia padrão), NHK Nihongo Hatsuon Akusento Jiten (NHK, 1998), que, além de explicitar a acentuação das palavras japonesas, aponta possíveis variações de acento.

CAPÍTULO 1 - CARACTERÍSTICAS DA LÍNGUA JAPONESA

Devido ao fato de o idioma japonês ser uma língua pouco conhecida da maioria dos falantes de língua portuguesa e possuir uma origem e características bastante diferentes, iremos nesse capítulo observar questões morfo-fonológicas relevantes para a compreensão geral da acentuação de compostos de língua japonesa. Em 1.1, observaremos a importante questão morfológica dos estratos do japonês que se comportam de maneiras diversas. A Partir de 1.2, observaremos as características gerais do composto japonês, como ele é formado e regras gerais de formação, assim como abreviação. Então, poderemos compreender melhor as análises que virão a seguir referentes à acentuação de palavras compostas.

1.1. Os estratos da língua

A língua japonesa reflete em sua estrutura, seu passado socioeconômico. A história dos contatos linguísticos japoneses transparece nos estratos¹ do idioma. O idioma japonês possui 4 estratos: palavras nativas, também conhecidas como Yamato; sino-japonesas; empréstimos e miméticos.

1.1.1 Palavras Nativas

De acordo com Yamaguchi (2007), são chamadas de palavras nativas aquelas que existiam no Japão antes dos empréstimos feitos do chinês, que aconteceram mais intensamente por volta do século VI. A pronúncia dessas palavras possui suas próprias características fonológicas. Além disso, segundo a autora, a maior parte do vocabulário básico do japonês é de origem nativa, como as partes do corpo, por exemplo (YAMAGUCHI, 2007:43):

(1)	ashi	/pernao
	ha	/denteo
	hiji	/cotoveloo
	hiza	/joelhoo

¹ Os estratos mencionados não têm relação com as propostas na morfologia e fonologia lexical de Kiparsky (1982).

kami /cabeloo

mimi /orelhao

Também são de origem nativa os verbos que denotam ação e utilizam partes do corpo. Em geral, atividades humanas básicas são nativas em uma língua, como no caso do japonês (YAMAGUCHI, 2007:43):

(2) aruku /caminharo

keru /chutaro

miru /olharo

nemuru /adormecero

taberu /comero

yasumu /descansaro

Adjetivos e posposições também são de origem nativa. A autora também expõe que a maioria dos fatores relacionados ao clima ou estações do ano também são nativos, como harusame 'chuva de primaverao, kogarashi /vento frio de invernoo. Porém, ela aponta que nem todas as expressões climáticas são nativas, como é o caso de taifu /tufãoo e nanpuu /vento do Sulo, que possuem a leitura on, chinesa, que veremos a seguir.

1.1.2 Palavras Sino-japonesas

O estrato do léxico sino-japonês, também chamado de kango (lit. língua da China), é composto de palavras do chinês. Na verdade, muitas palavras sino-japonesas não foram criadas na China, mas no Japão, quando se combinam morfemas de origem chinesa em novas palavras, ao exemplo de teisen (停戦), /cessar-fogo (SUGITO, 1989), em que o tei significa /pararo e sen significa /lutaro. Os vocábulos sino-japoneses constituem quase 50% de todo o léxico japonês.

De acordo com Shibatani (1990), acredita-se que as palavras de origem chinesa começaram a entrar no idioma japonês por volta do século I d.C.. Elas vieram primeiramente de livros chineses, principalmente livros budistas, e por séculos foram usadas apenas para questões oficiais. Foram incorporadas gradualmente e no período Edo (1603-1867) já faziam parte da língua coloquial.

O logograma chinês foi o primeiro sistema de escrita usado no Japão. Antes disso, não havia escrita. Os japoneses adotaram-no e após isso, criaram novas palavras utilizando esses morfemas.

Segundo Yamaguchi (2007), o japonês possui palavras sino-japonesas que têm tanto a leitura quanto o significado semelhantes na China e no Japão, como é o caso de himitsu /segredo e kabin /vaso de flores. Existem algumas palavras que são iguais nos dois idiomas mas possuem o significado diferente, como yasai, que significa /verdura no Japão e /ervas silvestres na China.

Além disso, algumas palavras com morfemas chineses foram criadas pelos japoneses. As palavras a seguir existem apenas no Japão, não havendo no chinês palavras formadas com os morfemas correspondentes (YAMAGUCHI, 2007:46):

(3)	hijouguchi	/saída de emergência
	saifu	/carteira
	eiga	/filme
	untan	/dirigir
	dosoku	/descalço
	nyotai	/corpo feminino
	jitensha	/bicicleta
	dokyou	/coragem
	aisatsu	/cumprimento

Ainda mais interessante é o caso das palavras que foram criadas pelos japoneses utilizando morfemas chineses e que, posteriormente, foram emprestadas pelos chineses e usadas também na China. Exemplo de (YAMAGUCHI, 2007:47):

(4)	tetsugaku	/filosofia
	housou	/difusão
	shakai	/sociedade

kagaku	/ciênciao
bungaku	/literaturao
shinri	/psicologiao
shizen	/naturezao
kougyou	/indústriao

Sendo assim, nem todas as palavras com pronúncia chinesa possuem sua origem, de fato, vindas da China. Pois, como vimos, diversas palavras utilizando a leitura chinesa, foram criadas no Japão devido à necessidade de novos conceitos para se expressar.

A maioria dos vocábulos sino-japoneses são nomes, muitos dos quais podem ser transformados em verbo com a adição do verbo suru /fazer. Segundo Shibatani (1990), morfológicamente, as palavras de origem chinesa são mais transparentes do ponto de vista semântico, pois essas palavras costumam constituir de dois morfemas, sendo o último o indicador de categoria do objeto e ao olhar os morfemas podemos muitas vezes adivinhar o significado do conjunto. Exemplo sendo gaku, o morfema de estudo, que junto com suu, /número, suu+gaku significa /matemática, o estudo dos números. Entretanto, isso não acontece em todos os casos. Em nyuugaku, /entrar e /escola, significando /entrar na escola se matricular.

O sino-japonês possui algumas peculiaridades quanto à restrições: os moldes de cada morfema não podem conter mais de duas moras. Além disso, seus radicais são diferentes dos nativos, porque costumam ser morfemas presos, e também são usados frequentemente para formar compostos (KURISU, 1999).

1.1.3 Empréstimos

Além do sino-japonês, também é importante na língua japonesa o estrato dos empréstimos. Chamamos de empréstimos os termos estrangeiros que vieram da Europa, como é o caso do inglês, alemão, italiano e o francês. Esses empréstimos são também chamados de gairaigo (lit. palavra vinda de fora).

O empréstimo de vocábulos estrangeiros começou com a chegada dos jesuítas no Japão. Missionários portugueses estiveram no Japão no século XIV, e isso deixou

registros no léxico do japonês, como são os casos das palavras *kirisuto* /Cristoo, e *botan* /botãoo. Entretanto, a maior parte dos empréstimos usados no Japão é da língua inglesa, e ocorreram primeiramente na Era Meiji (1868-1912), quando houve uma abertura do arquipélago para conhecimentos da cultura europeia, como medicina, culinária, música. Depois, também entrou um grande número de empréstimos após a Segunda Guerra Mundial.

É importante notar que os empréstimos não ocorrem somente quando o idioma precisa de uma palavra para se expressar cujo conceito não existe na própria língua. É muito comum observarmos diversas palavras que são emprestadas, mesmo quando já existe um equivalente na língua, como é o caso da palavra */leiteo*, que ainda que haja essa palavra no próprio idioma, *gyuunyuu*, é muito comum o uso do empréstimo inglês, *miruku*.

Segundo Neustupny (1978), os elementos fonológicos presentes nos empréstimos, ao serem comparados com a fonologia nativa, possuem um grau menor de assimilação, integração e estabilidade. Assim, esse grau menor de assimilação sugere uma necessidade de diferenciar essas palavras das palavras nativas.

1.1.4 Miméticos

A classe mais peculiar de todas, conhecida na gramática japonesa como *giongo/gitaigo/gijougo* é o que chamamos de mimético ou onomatopoeítico (ITÔ & MESTER, 1999) é bastante usada no japonês e corresponde a uma maior importância na língua do que, por exemplo, a onomatopéia no português.

Observe alguns exemplos (ITÔ & MESTER, 1999:63):

(5)	<i>pera-pera</i>	<i>/(falar) fluentementeo</i>
	<i>kori-kori</i>	<i>/asperamenteo</i>
	<i>sui-sui</i>	<i>/quietinho baixinhoo</i>
	<i>mota-mota</i>	<i>/vagarosamente (sentido negativo)o</i>

A palavra mimético engloba a imitação de sons, como onomatopéias, e a descrição de sentimentos humanos e situações. Haguenauer (1951), aponta que esse tipo de palavra que vemos no japonês é também muito comum em idiomas como o coreano e o manchuriano.

Yamaguchi (2007) explica que além de sons onomatopaicos (giongo), como don don /bater à porta, em japonês também existem os fenômenos (gitaigo), que descrevem através de palavras a maneira como uma situação ocorre; como é o exemplo de sui sui, que se diz quando vê uma ave voando levemente pelos céus. Além disso, existem os psicômimos (gijougo), quando se descreve o sentimento humano, como no caso de biku biku, quando se está nervoso e com medo de algo.

A diferença, segundo Yamaguchi (2007), entre os miméticos e as demais palavras japonesas se dá no fato de que elas são criadas a partir do redobro, como no caso de sui sui, ou possuem o indicador adverbial -to, como em gachan-to, /som de vaso se quebrando. Conclui-se, então, que essas palavras cumprem o papel de advérbio nas frases e são usadas para deixar a comunicação mais expressiva. Além disso, esse estrato possui peculiaridades fonológicas diferentes dos demais, por exemplo, palavras miméticas podem começar com p, como em petapeta /som de superfície em contato com algo, enquanto palavras sino-japonesas restringem essa consoante em começo de palavra.

1.1.5 Teoria centro-periferia

No idioma japonês, existem algumas restrições que são específicas de cada estrato. Itô & Mester (1995), propõe uma análise utilizando a TO para explicar as características fonológicas específicas de cada estrato, mas os autores não propõem que para cada um deles exista uma minifonologia e que não haja relações entre uma classe de palavras com as demais, porque não existe, na verdade, homogenia em nenhuma delas. Sendo assim, os autores propõem uma análise do léxico chamada de Core-Periphery Structure (Estrutura do Centro-Periferia). Essa teoria organiza cada classe morfológica em um grupo que possui centro e periferia. No centro, todas as restrições do estrato são aplicadas, mas a medida que o léxico se aproxima da periferia, as restrições

param de funcionar. De acordo com os autores (ITÔ & MESTER,1995), a importância do conceito de periferia em um estrato se dá pelo motivo de que nela não é adicionada nenhuma restrição e também não há o fortalecimento de nenhuma restrição existente, sendo assim, existe um aumento no grau de estruturas admissíveis na língua.

Além disso, de acordo com Itô & Mester (1995), é importante notar que a questão de centro periferia não possui relação nenhuma com questões de derivação anterior ou tardia do léxico na língua, pois tanto no centro, quanto na periferia existem as formas subjacentes.

Essa teoria Centro-Periferia nos ajuda em casos em que não há homogeneidade na língua, mesmo dentro de certo estrato, porque as opacidades podem ser explicadas através do conceito de periferia. Essa teoria poderá nos ajudar a analisar os dados de empréstimo e verificar se todos os estratos se comportam da mesma maneira em relação à acentuação dos compostos.

1.2. A composição

De acordo com Haspelmath (2002:85), a definição de composto é "um lexema complexo que pode ser pensado como se consistindo de dois ou mais lexemas base". Cada um desses lexemas é chamado de membro de um composto. Essa é, segundo Booij (2007), a forma mais comum nas línguas de se criar novos lexemas. Em línguas como o mandarim, essa é a única forma de se formar novas palavras. Segundo o autor, é a transparência semântica e a versatilidade que faz com que esse método seja tão produtivo, pois, já se sabe o que cada palavra significa e só é estabelecer a relação semântica.

Para Haspelmath (2002), os compostos podem combinar diferentes classes gramaticais, como substantivos, adjetivos, verbos, mas a produtividade de cada um deles varia de acordo com as línguas. De acordo com Bisetto & Scalise(2005), dentre todas as línguas do mundo, existem diversas formas gramaticais que podem ser unidas para se formar um composto, algumas delas são:

Formar substantivos: [N+N], [A+N], [V+V]_n, [N+V]_n, [V+N]_n, [Pro+N]_n

Formar verbos: [V+V]_v, [A+V]_v, [N+V]_v, [V+N]_v, [Pro+V]_v, [Adv+V]_v

Formar adjetivos: [P+A]_a

Segundo Booij (2007), os compostos costumam possuir núcleo, que pode estar no lado direito ou esquerdo. O outro membro do composto é o modificador ou complemento.

De acordo com Haspelmath (2002), existem compostos endocêntricos, cujas relações semânticas são dependentes de seu núcleo, ou exocêntricos, em que seu significado está fora do núcleo do composto, portanto possui um significado que não pode ser deduzido através dos seus constituintes. São exemplos de exocêntrico os compostos afixais, em que um afixo é adicionado a mais de dois morfemas, como em (HASPELMATH, 2002:89) *green-eyed* /aquele que possui olhos verdes. Existem também compostos com mais de um núcleo, compostos coordenados, como é o caso do japonês, *oya-ko*, "pais e filhos".

Bisetto & Scalise (2005) propõe uma classificação de composto um pouco diferente da anterior, baseada na relação gramatical estabelecida pelos constituintes do composto. Sendo assim, os compostos podem ser subordinados, quando existe uma relação de complemento; atributivos quando são formados por um adjetivo e um nome, ou dois nomes sendo que o não-núcleo é usado de forma metafórica para qualificar o núcleo; por fim, os compostos podem ser coordenados, quando no composto se subentende um "e" de adição entre um membro e outro. Nesse caso, geralmente ambos são núcleos. Todos esses tipos de compostos podem ser endocêntricos ou exocêntricos.

Segundo o autor, compostos endocêntricos – portanto, dependentes de núcleo – são descritos através de uma estrutura hierárquica, como sentenças na sintaxe, em que um núcleo superior determina o significado geral. Compostos com mais de dois morfemas têm mais de uma estrutura interna hierárquica possível, o que faz com que mudem o significado do composto, pois os núcleos superiores podem estar em diferentes lugares, dependendo das interpretações que a língua permite.

Um dos desafios do estudo dos compostos se encontra em diferenciá-los de sintagmas e de derivados. De acordo com Booij (2007), a primeira dificuldade se encontra no fato de que é provável que os compostos tenham derivado de combinações frasais. Quanto à derivação, considera-se composto apenas os lexemas, e a derivação é formada por afixos que não são lexemas.

Na maioria das vezes, é fácil distinguir um composto de uma sintagma, pois quando determinada língua não aceita a justaposição de lexemas da mesma classe gramatical como um sintagma nominal, por exemplo, surge a formação de um composto. Porém, em muitos outros casos, os compostos se parecem e até poderiam ser

sintagmas de determinada língua. A questão do composto é que ele é sempre idiomático, criado e usado no próprio idioma, por isso, quando a composição é produtiva em uma língua, ela costuma sempre manter o mesmo padrão semântico, pois isso já está convencionado entre os falantes.

Para descobrir se nos deparamos com composto ou um sintagma, Haspelmath (2002) elenca alguns critérios que podem funcionar de acordo com cada língua. São eles: o substantivo dependente do composto tende a ser sempre genérico, enquanto o núcleo, referencial. Haspelmath (2002:156) cita o exemplo de piano tuner /afinador de piano, em que piano sempre será genérico. Além disso, segundo a prosódia de cada idioma, a mudança na acentuação – ou outros fatores fonológicos – podem ser um critério para descobrir se determinada expressão é um composto. Outras soluções podem ser a coesão sintática ou morfológica, no caso da primeira, o critério de separabilidade dos membros pode responder se trata de um sintagma ou composto². Da mesma maneira, pode-se usar pronomes anafóricos para obter o mesmo resultado. (HASPELMATH, 2002:158). Além disso, ainda existe a questão da distinção na incorporação do nome pelo verbo, mas não trataremos disso aqui, pois iremos abordar apenas os compostos que formam nomes, ainda que sejam formados a partir de verbos, como é o caso de hanami, que é /o ato de olhar as flores de cerejeira, formado por hana, /flor, e mi do verbo miru, /olhar, mas o composto é um nome.

No caso do japonês, a questão de determinar se uma sequência é um composto ou um sintagma é muito mais fácil. O sintagma possui uma partícula que indica o genitivo, no, enquanto o composto não possui. Exemplo:

(6)	Shinjuku eki	/ estação Shinjuku (composto)
	Shinjuku no eki	/ estação de Shinjuku (sintagma)

No composto, Shinjuku-eki é o nome de uma estação de metrô, enquanto no sintagma Shinjuku no eki, é uma estação que fica no bairro de Shinjuku, mas não necessariamente é a Estação Shinjuku, pois o bairro pode possuir mais de uma estação de metrô.

² No idioma japonês, não é difícil determinar se é um composto ou um sintagma, devido à partícula no GEN. que indicaria um sintagma. Na verdade, a verdadeira dificuldade está em estabelecer a distinção entre composto e derivado.

Além disso, podemos distinguir o composto japonês do sintagma através do acento, como veremos mais adiante.

1.2.1.Os compostos no idioma

No idioma japonês, a composição é um dos processos mais produtivos para se formar palavras (KUDO, 2004), e pode originar compostos de origem nativa, sino-japonesa ou de empréstimos. Além disso, os compostos podem ser denominais, deadjetivais e deverbais. Pode haver a combinação de um substantivo com verbo ou, tendo em vista a recursividade da morfologia, inclusive a combinação de compostos.

De acordo com Yamaguchi (2007), cada morfema carrega significado, conceitos e idéias, sem que se tornem -necessariamente- palavras completas. A autora dá o exemplo da palavra 日本 nippon /Japão, por exemplo, possui dois logogramas, que são unidades de significado, cada um deles correspondendo a um morfema. O significado dos logogramas, também chamados de kanji, nem sempre corresponde ao significado do morfema, pois a combinação de cada logograma apenas sugere o sentido de cada componente. No idioma japonês, os morfemas de origem sino-japonesa são usualmente combinados entre si para formar palavras. Por exemplo: kai (海), /maro, juntado a tei (底), /fundoo, forma a palavra kaitei (海底), /subaquático. Esse tipo de morfema é considerado morfema de base presa e é formado por composição. Cada um desses morfemas sino-japoneses é raramente pronunciado sozinho, e por isso, para Kudo (2004), não se pode considerar a junção dos dois morfemas como um composto verdadeiro, apesar de cada um possuir um significado semântico.

Yamaguchi (2007) afirma que o japonês possui dois tipos de compostos: aquele que combina dois morfemas independentes, como em 親子 oyako, que significa /pais e filhos; ou duas ou mais palavras independentes, 親子電話 oyako [pais e filhos] denwa [telefone]. Quando uma parte dos compostos existe sozinha, é chamada de morfema livre. Já a afixação é o processo de utilizar uma palavra independente junto de uma unidade dependente para expandir o seu significado. Quando os morfemas são combinados, uma nova palavra é formada com outro significado ou com uma adição de sentido. No caso do composto 親子電話 oyakodenwa, segundo a autora, para um aprendiz da língua, parece indicar um telefone que é usado por pais e filhos, mas na

verdade, significa uma /extensão telefônica. O significado dos compostos pode ser inesperado, pois depende da relação entre suas partes.

Existem compostos sino-japoneses de mais de uma palavra, por exemplo roudou kumiai (労働 組合), /sindicato dos trabalhadores, em que cada membro do composto possui dois morfemas sino-japoneses. De acordo com Kudo (2004), existe uma importante diferença entre os compostos de origem sino-japonesa, como visto acima, e os compostos nativos. A diferença se dá justamente por causa da influência chinesa. O chinês é um idioma de ordem sintática SVO, enquanto o japonês é SOV. Sendo assim, na composição de uma palavra costumam respeitar essa ordem, por isso, os compostos de origem chinesa costumam ser VO e os de origem nativa obedecem OV. Isso pode ser visto no caso do composto de origem chinesa, /入院⁰, nyuuin /internar-se⁰, cujos morfemas significam respectivamente nyuu /entrar⁰ e in /hospital⁰. A correspondente frase em japonês teria o objeto antes do verbo, 病院に入る, byouin ni hairu /entrar no hospital⁰; observe que cada ideograma de nyuuin é correspondente aos ideogramas em negrito de byouin ni hairu. Isso é válido para os compostos com verbos, porque os N+N no chinês possui N2 como núcleo. Além disso, o autor expõe outra diferença importante, pois sabe-se que os compostos de origem chinesa são bastante produtivos na língua – e por isso difícil de achar todas as combinações no dicionário – porque são recursivos e não há um limite de constituintes.

Independente disso, os núcleos de compostos nominais de base livre do japonês costumam ficar sempre do lado direito – ao contrário do idioma português, por exemplo – mesmo que sejam palavras de origem chinesa (KUDO, 2004). Como no exemplo acima, roudou+kumiai, /trabalho e /sindicato⁰, respectivamente.

No idioma japonês, a composição é um processo tão produtivo que combina vários estratos gramaticais (SHIBATANI, 1990; 237):

(7) Compostos nativos:

a. N+N:	aki+zora	/outono+céu céu de outono ³
	kana-yuki	/pó+neve neve em pó

³ Os compostos do idioma japonês possuem o núcleo final, se compararmos ao português. Assim, aki significa /outono⁰ e sora é /céu⁰, formando /céu de outono⁰.

migratórios	b. A+N:	maru-gao	/círculo+rosto rosto redondo
		chika-michi	/próximo+caminho atalho
	c. V+N:	watari-dori	/atravessar+pássaro pássaros
		nomi-mizu	/beber+agua bebendo água

Compostos sino-japoneses:

a. N+N:	ki-soku	/regra+feixe regra
	fu-bo	/pai+mãe pais
b. A+N:	kyou-u	/forte+chuva chuva forte
	kou-ri	/alto+interesse alto interesse
c. V+N:	shi-ketsu	/parar+sangue parar o sangramento
	satsu-jin	/matar+pessoa assassino

Compostos híbridos:

a. Sino+ nativo:	dai-dokoro/suporte+lugar cozinha
b. Nativo+sino:	to-kei /tempo+medir relógio
c. Sino+ empréstimo:	sekiyu-s<u>toob<u>
	/óleo+fogão fogão a óleo
d. Empréstimo+sino:	taoru-ji /towel+tecido tecido de
	toalha
e. Nativo+ empréstimo:	ita-choko /barra+chocolate barra de
	chocolate

f. Empréstimo+nativo: garasu-mado /glass+janela janela
de vidro

Compostos de empréstimos:

a. Empréstimo+empréstimo: teeb<u>ru-manaa
/table+maner modos à mesa

Dentre os compostos nominais, N+N é o tipo de composto mais numeroso, porém Shibatani (1990) aponta uma série de compostos adjetivais e deverbais. Entretanto, como podemos ver pela tradução, parecem que não formam apenas verbos, pois podem ser substantivados. Observe (SHIBATANI, 1990: 238):

(8)

a. N+V:	yuki-doke	/neve+derreter neve derretida
	tsume-kiri	/unha+cortar cortador de unha
b. A+V:	naga-tsudzuki	/longo+continuar duradouro
	haya-jini	/cedo+morrer morte prematura
c. V+V:	tachi-yomi	/levantar+ler leitura em pé
	hashiri-dzukare	/correr+cansar fadiga por correr
d. N+A:	hara-ita	/estômago+dor dor de estômago
	iro-jiro	/cor+claro de pele clara
e. A+A	taka-hiku	/alto+baixo alto-baixo
	kire-naga	/corte+longo corte longo

Shibatani também nos mostra que a ordem de formação dos compostos sino-japoneses e nativos é diferente, como vimos em Kudo (2004), por causa da ordem chinesa. Observe a comparação de palavras com o mesmo significado, porém uma de origem nativa e outra sino japonesa feita por Shibatani (1990):

(9)

Nativo		Sino-japonês	
a. hito + goroshi		satsu+jin	/assassino assassinato
/pessoa /mataro		/mataro /pessoa	
N	V	V	N
13.			
b. chi + dome		shi+ketsu	/estancar sangue
/sangue /parar		/parar /sangue	
N	V	V	N

O sino-japonês está presente no idioma há tanto tempo que a ordem chinesa VO ainda é mantida mesmo em palavras sino-japonesas recentes. Como em (SHIBATANI, 1990):

- (10) a. raku-you /cair+folha folhas caídas
 b. shuk-ka /sair+fogo eclosão de fogo
 c. gyō-ketsu /coagular+sangue coagulação sanguínea
 d. nichi-botsu /sol+pôr pôr do sol

Porém, o autor concorda com Kudo(2004), quando afirma que compostos longos são feitos, a ordem japonesa é respeitada independentemente se a palavra for ou não de origem chinesa, como em yu-shutsu+sei-gen /exportação + limite, /limite de exportação.

Ainda é importante ressaltar mais um importante aspecto do idioma japonês, quando tratamos de compostos: as abreviações. Nesse idioma, as abreviações são muito frequentes porque o japonês é uma língua cujas palavras não costumam ser maiores que quatro moras. Além disso, de acordo com Shibatani (1990), palavras sino-japonesas de

no máximo duas moras são muito comuns no idioma, pois o léxico sino-japonês corresponde a mais de 50% do idioma e existe uma restrição de tamanho para os morfemas dessa origem. Por isso, para manter o equilíbrio fonológico de moras, palavras maiores tendem a ser abreviadas. A composição, de acordo com o autor, foge do limite de moras e, assim, sofre com esse fenômeno. Segundo Shibatani (1990:255), as palavras no japonês sofrem as seguintes abreviações:

(11)

- a. truncamento de tudo o que vem depois das primeiras 2 moras:

sutoraiku → suto (strike) /greve

- b. truncamento completo de qualquer uma das partes do composto:

puratto+hoomu → hoomu (platform) /plataforma

suupaa+maaketto → suupaa (supermarket) /supermercado

- c. a seleção de 2 moras de cada membro:

gakusei+waribiki → gakuwari /desconto para estudante

paasonaru + konpyuutaa → paaso-kon /computador (pessoal)

O modo de abreviação mais popular e produtivo no japonês é a seleção de duas moras de cada parte do composto, como mostrado em c. Além disso, de acordo com o autor, alguns compostos surgem de abreviações de sentenças inteiras, como:

(12)

mune ga kyunto naru → mune-kyun

peito SUJ aberto tornar coração aberto

/coração está apertado /o coração dói está apertado (por você)

(13)

aji wo tsuketa nori → aji nori

gosto OD colocar alga gosto alga

/alga que possui gostoo /alga temperadao

Como vimos nos exemplos acima, podemos perceber que a maioria das palavras abreviadas é de origem estrangeira, portanto, empréstimos. Isso acontece devido à epêntese que ocorre para a adequação fonética na língua, se tornam muito maiores do que o limite de 4 moras.

CAPÍTULO 2 - A PROSÓDIA

De acordo com a fonologia prosódica, existe uma representação mental da fala que é dividida em níveis hierárquicos, e é neles em que algumas regras linguísticas, mais especificamente fonológicas, podem acontecer. O estudo (NESPOR & VOGEL, 1986:01) propõe uma mudança de foco dos estudos na fonologia, pois vai além de determinar regras, já que observa o nível prosódico em que determinada regra deve acontecer.

Nessa teoria, noções não-fonológicas, como a morfologia e a sintaxe, podem ajudar a formar alguns domínios, mas de forma alguma concorrem igualmente com a prosódia, pois esta pode solucionar problemas que são resultados de alguns fenômenos que acontecem em seus níveis prosódicos que apenas a aplicação da sintaxe não resolveria. Segundo as autoras (NESPOR & VOGEL, 1986:03), a prosódia difere da morfossintaxe não somente na divisão de constituintes, mas na profundidade, pois a sintaxe é mais profunda por ser recursiva, enquanto a primeira não é recursiva.

A teoria da fonologia prosódica vem para suprir uma necessidade que já se apontava na Fonologia Gerativa, quando eram citadas em regras informações que já não eram mais fonológicas, mas morfológicas ou sintáticas, como os símbolos de contexto referentes a fronteiras de morfemas, palavras ou frases. Muitas vezes, algumas regras fonológicas se davam em domínios que não poderiam ser previstos pela morfossintaxe, como é o caso do /r de ligação do inglês, conforme citado pelas autoras (NESPOR & VOGEL, 1986:03-04), em que o fenômeno acontece mesmo entre algumas sentenças. É importante deixar claro que o componente fonológico faz relação com a morfologia, sintaxe e semântica, mas que existe uma não-isomorfia entre a prosódia e esses constituintes. Por exemplo, um morfema não equivale necessariamente a uma sílaba. A sintaxe, por exemplo, é relevante apenas indiretamente, pois algumas informações sintáticas são importantes para a construção de alguns constituintes prosódicos, como é o caso da Frase Fonológica (NESPOR & VOGEL, 1986:250). Sendo assim, não existe uma correspondência entre os constituintes sintáticos e os domínios em que as regras fonológicas se aplicarão, ou seja, não se deve referir à sintaxe para se prever aplicações de tipo de regra.

Na Fonologia Prosódica, as unidades fonológicas são agrupadas de maneira hierárquica para formar constituintes prosódicos, para isso, algumas informações da

gramática são necessárias. Os princípios de agrupamento dos constituintes são (NESPOR & VOGEL, 1986:07):

"Princípio 1. Uma dada unidade não terminal da hierarquia prosódica, X_p , é composta de uma ou mais unidades da categoria imediatamente abaixo, X_{p-1} .

Princípio 2. Uma unidade de um determinado nível da hierarquia é exaustivamente contida na unidade superordenada de que é parte.

Princípio 3. As estruturas hierárquicas da fonologia prosódica possuem ramos n -ários.

Princípio 4. A proeminência relativa definida para os nós irmãos é tal que para um nó é designado o valor forte (s) e todos os demais são designados com o valor fraco (w)."

Essas regras são responsáveis pela estruturação de níveis prosódicos dessa teoria, que são 7: a sílaba, o pé, a palavra fonológica, o grupo clítico, a frase fonológica, a frase entoacional e, por último, o enunciado fonológico. A sílaba é a primeira, e mais baixa categoria na hierarquia prosódica. Isso pressupõe que os constituintes abaixo da sílaba, como a rima e o ataque, não fazem parte da teoria prosódica. Segundo Nespor & Vogel (1986), o motivo para isso é que as unidades abaixo da sílaba não são ordenadas de acordo com os princípios prosódicos citados acima, como por exemplo o princípio 3, já que a rima e o ataque se dividem de formas binárias, e não n -árias. Ou seja, a sílaba se divide em ataque e rima e cada qual só poderá possuir um desdobramento binário.

Sendo assim, as autoras (NESPOR & VOGEL, 1986) assumem que o primeiro nível da hierarquia prosódica é a sílaba e que o último é o enunciado fonológico e nessa ordem os princípios devem ser aplicados, ou seja, as sílabas devem estar contidas em seus respectivos pés, que devem estar contidos na palavra fonológica, no sentido em que não se pode dividir uma parte do mesmo pé em palavras fonológicas diferentes, e assim por diante, de acordo com os princípios citados. Além disso, a partir da frase fonológica, é possível haver reestruturação de constituintes.

A existência desses níveis hierárquicos pode ser provada por regras fonológicas cuja aplicação fracassa ao usar o domínio da morfologia ou da sintaxe, e, por isso, precisariam de níveis de aplicação mais específicos, como os níveis da fonologia prosódica. Para isso, é preciso separar as regras fonológicas puras, que são aquelas que fazem referência apenas à fonologia, das regras fonológicas que precisam fazer

referência a fatores que vão além da fonologia. A fonologia prosódica só vai se preocupar em dar conta das regras fonológicas puras (NESPOR & VOGEL, 1986:27-28).

Nas próximas seções, veremos como a acentuação do japonês interage com cada um dos níveis prosódicos, e explicaremos cada nível com mais detalhe, a fim de compreender o domínio em que o acento é colocado.

2.1. A teoria prosódica do japonês

O japonês é uma língua que admite no máximo um acento por palavra e não possui acentos secundários. Sendo assim, não podemos cogitar que o domínio prosódico da acentuação do idioma japonês seja a sílaba (σ) – que é o domínio mais baixo – porque o idioma japonês não possui um acento por sílaba. Logo, não podemos pensar no pé (Σ), pois não seria possível que o japonês utilizasse desse nível aplicar as regras de acentuação nas palavras, já que a palavra teria no máximo um acento e não seria possível pensar que o japonês pudesse ter todos os pés acentuados. Sendo assim, ao pensar em domínio prosódico do japonês, devemos pensar na palavra ou níveis ainda superiores.

O próximo nível hierarquicamente superior é a palavra fonológica (ω). Por ser imediatamente superior ao Σ , devem estar incluídos em ω todos os pés exaustivamente. Dessa forma, as sílabas do mesmo pé devem permanecer juntas no mesmo ω , de acordo com os princípios de boa formação, já mencionados em 2.1. A palavra fonológica é o primeiro constituinte que é construído utilizando noções não-fonológicas, no caso, a morfologia. Porém, devido à característica não-isomórfica entre os níveis da gramática e os constituintes prosódicos, existe um reagrupamento da estrutura morfológica e isso faz com que o resultado do constituinte prosódico possa ser diferente do morfológico (NESPOR & VOGEL, 1986:109).

A descrição geral para o domínio da Palavra Fonológica de acordo com Nespor & Vogel (1986:141) é:

"Domínio de ω :

A. O domínio de ω é Q (correspondente ao elemento terminal na árvore sintática).

ou

B. I. O domínio de ω consiste de

- a. uma raiz;
- b. qualquer elemento identificado por critério específico fonológico e ou morfológico;
- c. qualquer elemento marcado com o diacrítico [+w].

II. Qualquer elemento desligado dentro de Q formam parte do ω adjacente mais perto da raiz; se esse ω não existir, eles formam um ω sozinhos."

Sabemos que a distinção entre palavras acentuadas e não-acentuadas acontece além da palavra, pois o tom baixo da melodia padrão da palavra acentuada H*L se realizará fora dela. Já que, segundo Nespor & Vogel (1986) a palavra fonológica não pode ser maior que a palavra morfológica, concluímos que a aplicação do acento não pode acontecer no domínio de ω .

O nível seguinte a ser analisado é o Grupo Clítico (C). Esse grupo foi proposto por Nespor & Vogel (1986:147-147), pois os clíticos possuem uma natureza híbrida, já que não se comportam nem como parte de uma palavra, nem como palavra separada. Observemos a formação desse grupo (NESPOR & VOGEL, 1986:154):

"Formação do Grupo Clítico

I. Domínio C

O domínio C consiste de uma ω contendo uma palavra independente (não-clítico) mais qualquer ω s adjacentes contendo

- a. Um DCL (grupo clítico direcional), ou
- b. Um CL (clíticos tout court) no qual não existe possível hospedeiro no qual ele divide mais membros da categoria."

Segundo as autoras (NESPOR & VOGEL, 1986:146-147), os clíticos não são acentuados, então, se determinado elemento é considerado parte da palavra fonológica no momento da colocação do acento, então ele é considerado um clítico, e não uma palavra.

O idioma japonês possui alguns clíticos, que são responsáveis pela indicação de tópico (wa), sujeito (ga), objeto direto (wo), objeto indireto (ni), entre outros. Os clíticos não afetam a colocação do acento na palavra, pelo contrário, o tom continua no clítico e ajuda a diferenciar significados, como podemos ver nos exemplos de Haraguchi (2001):

(14)	'kaki(-ga)	ka 'ki(-ga)	kaki(-ga)
	H L L	L H L	L H H
	/ostra ₀	/cerca ₀	/caqui ₀

Por enquanto, poderíamos pensar que o domínio de aplicação de acento acontece no domínio do grupo clítico, pois ele de fato acontece nos exemplos acima com clíticos. Entretanto, é precipitado fazer essa afirmação sem considerar os níveis superiores e observar se a aplicação de acento vai além de C.

Acima do Grupo Clítico está a Frase Fonológica (φ). Portanto, um ou mais grupos clíticos podem constar nesse nível prosódico. Este nível faz referência a mais informações sintáticas que o nível inferior, pois contém informações como direção de recursividade de cada língua e núcleo frasal. A construção de φ se dá da seguinte maneira (NESPOR & VOGEL, 1986:168):

"Formação da Frase Fonológica:

1. Domínio φ : o domínio de φ consiste de um C que contém o núcleo lexical X e todos os Cs do seu lado não-recursivo até o C que contém outro núcleo fora da projeção máxima de X.
2. Construção de φ : junte na árvore n-ária de φ todos os C inclusos em uma sequência delimitada por definição do domínio de φ .
3. Proeminência relativa de φ : em línguas em que as árvores sintáticas se ramificam para a direita, o nó mais a direita é nomeado s (forte); em árvores que se ramificam para a esquerda, o nó mais a esquerda de φ é nomeado s (forte)."

O idioma japonês é uma língua de recursividade oposta ao do idioma português, portanto, sua ramificação fica à esquerda. Para formarmos a frase fonológica em

(15)

L H L L L

L H H L L

(16)

LH HHH LL LL

LH L L L L

Dessa forma, notamos que o acento em japonês acontece além do grupo clítico (C). Aparentemente, o domínio do acento em língua japonesa é a Frase Fonológica, pois o japonês permite apenas um acento na mesma frase fonológica. Agora, entretanto, devemos verificar se o fenômeno acontece no próximo nível hierárquico, a Frase Entonacional (I). Esse nível é onde se estabelece a curva entonacional e, segundo as autoras, o fim de cada frase entonacional coincide com os locais em que as pausas podem ser introduzidas na sentença. A definição de I é (NESPOR & VOGEL, 1986:189):

"Formação da frase entonacional

I. Domínio I

Um domínio I pode consistir de

- a. todos os φ em uma sequência que não está presa estruturalmente à árvore da sentença no nível de estrutura-s ou;
- b. qualquer sequência restante de φ s adjacentes na sentença raiz."

Observe uma frase entonacional retirada de Beckman & Pierrehumbert (1986) que corresponde a uma frase entonacional:

Figure 5

Portion of utterance *Kore-wa mo'riya-no mawari-no oma'warisan-no hanasi desu* produced by speaker ST.

Gráfico de parte de uma pronúncia. Beckman & Pierrehumbert (1986).

O gráfico acima corresponde a uma frase fonológica gravada por um falante nativo de japonês por Beckman&Pierrehumbert (1986). A porção selecionada corresponde a uma frase entonacional⁴, de acordo com as regras de formação do domínio citadas acima. Como podemos ver, o gráfico nos aponta dois picos melódicos H*L :

(17)

⁴ Entretanto, para a frase entonacional estar completa, falta o clítico "no" após a palavra "omawarisan"

[mo'riyanomawarino] [o'mawarisan] "o policial das vizinhanças da floresta"

L H L L L L L L L H L L L

As autoras fazem o mesmo gráfico com frases semelhantes e o resultado ainda é o mesmo (BECKMAN & PIERREHUMBERT, 1986:263):

(18)

[moriya'mano][o'mawarisan] "o policial da floresta da montanha"

L L L H L L H L L L

[moriyano'niwano][o'mawarisan] "o policial do jardim da floresta"

L L L L H L L L H L L L

Podemos observar o mesmo neste outro exemplo das autoras:

(19)

[ma'yumiwa] [a'natani] [ai'mashitaka] "Mayumi se encontrou com você?"

L H L L L H L L L L H L L L L

O nível em que o acento em japonês acontece só pode processar um único acento e temos nos exemplos acima mais de um acento, portanto, concluímos que as regras de aplicação do acento em língua japonesa não acontecem em I. Sendo assim, observamos que o domínio correto é a Frase Fonológica (α).

2.1.1 A prosódia dos compostos

Observamos que a colocação do acento nos compostos se dá no nível hierárquico da frase fonológica, no idioma japonês. Devido ao fato de estudarmos o acento em compostos, é conveniente pensar um pouco a respeito do nível hierárquico em que o acento dos compostos é colocado.

Observar o que acontece no idioma grego moderno pode nos fazer pensar melhor sobre a acentuação. Os compostos do grego, assim como no japonês, não possuem acento previsível. Os vocábulos do idioma grego moderno podem ser

acentuados na penúltima ou antepenúltima sílaba do composto (a.) ou ter o acento na sílaba originalmente portadora de acento do segundo membro do composto (b.). Também existem compostos (c.) que possuem acentos em ambos os membros do composto (NESPOR & RALLI, 1996:358):

(20)

a.	'kukla+ 'spiti → ku'klospito	/casa de bonecaso
	s'pirtu+ku'ti → spirtu'kuti	/caixa de fósforo
b.	'pefko+ 'dhasos → pefko 'dhasos	/floresta de pinheiros
c.	'zoni+asfa 'lias → 'zoni asfa 'lias	/cinto de segurança

As autoras propõem que a diferença mais nítida está nos dois acentos presentes em (c.). Isso acontece porque, no grego, os compostos formados por [lexema+lexema] são formações frasais pós-lexicais. Enquanto compostos de [radical+radical] ou [radical+lexema] são morfológicos. A fonologia pós-lexical é responsável por processos que não visualizam apenas morfemas, pois eles estão contidos em um composto já formado. A fonologia pós-lexical inclui a fonologia prosódica. Para Nespor&Ralli (1996), a diferença principal entre (c.) e os demais compostos é o fato de que enquanto (a.) e (b.) formam, cada um, uma palavra fonológica portadora de um acento, em (c.), vemos que devido à formação pós-lexical, o composto é uma frase fonológica formada por duas palavras fonológicas portadoras de acento. As autoras analisam a diferença de acentuação de (a.) e (b.) como aplicação diversa das regras de acentuação e especificação lexical.

Em grego, vemos que alguns compostos são palavras fonológicas e outros são frases fonológicas. Isso acontece porque o primeiro é formado no léxico, enquanto o outro é gerado como sentença no componente sintático e é posteriormente analisado como item lexical.

De acordo com Lee (1995), o português do Brasil também possui esse mesmo tipo de distinção. Os compostos lexicais são considerados "compostos verdadeiros", e os pós-lexicais são palavras sintáticas reanalisadas que se tornaram "pseudo-compostos". Vejamos os dois tipos de compostos do PB (LEE, 1995):

(21)

- a. espaçonave, tomaticultura
espaçonaves, tomaticulturas *espaçosnaves, *tomatiscultura
- b. surdo-mudo, trem bala
surdos-mudos, trens bala *surdo-mudos, *trem balas

Os compostos lexicais se comportam como uma unidade e não permitem processos morfológicos, como a concordância no meio do composto, exemplo em a. Já os compostos pós-lexicais são sintaticamente transparentes e, por isso, permitem a concordância, como vemos em b.

Vimos acima que o grego e o português possuem compostos lexicais e pós-lexicais. A diferença está no fato de que enquanto podemos perceber esses indícios de acordo com a morfossintaxe (LEE, 1995), no grego, utilizamos a prosódia para descobrir esse fato (NESPOR & RALLI, 1996).

Vimos em grego que a composição pode ser resultado de diferentes processos de formação. Em japonês, entretanto, observamos que todos os compostos fazem parte de uma mesma palavra fonológica e o acento se dá no domínio de uma única frase fonológica. Sendo assim, todos os compostos possuem apenas um acento. Ou seja, os compostos são submetidos ao mesmo processo das palavras simples, pois quando a composição acontece apenas um dos acentos será permitido:

(22) ho'shi + so'ra → [hoshi 'zora] "céu estrelado"

L H H L

No caso do idioma japonês, a dificuldade de acentuação dos compostos não pode ser vista como uma questão de diferentes níveis prosódicos. Neste sentido, a dificuldade de estabelecer uma regra de acentuação está mais próxima com os exemplos (a.) e (b.) de Nespor & Ralli (1996), e não de (c.), ainda que as regras variem de língua para língua.

2.1.2. O pé fonológico

Quando pensamos em acentuação, logo aparece a questão do pé fonológico. Na fonologia, a presença do acento associado ao pé está quase sempre presente. Nos estudos prosódicos (Nespor & Vogel, 1986), as sílabas não são agrupadas diretamente em palavras, mas agrupam-se em pés fonológicos que, posteriormente, formam palavras. Esse nível hierárquico existe porque é uma boa maneira de se explicar a acentuação.

O termo "pé" possui sua origem na versificação clássica, quando era usado para distinguir a alternância de ritmos diferentes na linguagem. Os pés mais conhecidos são troqueus e iambs. A diferença desses dois pés binários se apresenta na saliência da sílaba. Enquanto o troqueu é acentuado na primeira sílaba do pé binário, o iambo é acentuado na segunda. O acento pode ser marcado com um asterisco e a sílaba átona por um ponto.

1. Troqueu:

(* .) = s w

2. Iambo

(. *) = w s

Os pés não são necessariamente binários. O que mantém sua coerência é possuir sempre o mesmo espaçamento entre um pé e outro. De acordo com Ewen & van der Hulst (2001), a unidade essencial para a compreensão do pé é o timing: "a line of metrical verse consists of a fixed number of feet, with the accented syllables being roughly isochronous – i.e. they tend to recur at roughly equal intervals of time" (EWEN & van der HULST, 2001: 204-205). O pé não-binário também é considerado por alguns autores como pé ilimitado, ou unbounded (HALLE & VERGNAUD, 1987). O menor pé que uma língua pode aceitar é o pé degenerado, que é formado apenas por uma sílaba (ou mora) quando sobra uma sílaba no parseamento do pé. O tipo de pé que a fonologia de uma determinada língua adota é determinado pela própria língua e por isso pode variar.

Para Hayes (1995) os pés podem ser tipologicamente classificados como troqueu silábico, troqueu moraico ou iambo, sendo que a diferença entre os dois primeiros é a sensibilidade à quantidade. Chamam-se de sensíveis à quantidade aquelas línguas que levam em consideração a estrutura interna da sílaba. Assim, em determinadas línguas, apenas as sílabas pesadas podem portar o acento, enquanto as sílabas leves não têm essa

possibilidade. Em outras línguas, apenas as sílabas fechadas podem manter o acento. Segundo Ewen & van der Hulst (2001), no caso do iambo, há também a distinção de sensibilidade à quantidade. Assim, toda sílaba leve formará um pé com a sílaba seguinte, que ganhará o acento. As sílabas restantes que forem pesadas podem formar um pé único, mas as sílabas leves não formam pés se estiverem sozinhas e permanecem não-parseadas.

Pensando nos casos acima de pés binários, palavras com um número ímpar de sílabas leves - no caso de troqueus moraicos e iambos - ou qualquer sílaba leve ou pesada - no caso de troqueus silábicos - podem sofrer de um problema em relação ao pé: falta de parseamento de uma sílaba inicial ou final, dependendo da direção que é feita a construção dos pés em cada língua. A sílaba que sobrou não poderia fazer parte da construção de um pé porque ele estaria incompleto. Entretanto, existem casos de línguas que permitem a formação de um pé incompleto, chamado de pé degenerado. Esse tipo de pé é o mínimo possível, pois é formado por apenas uma sílaba ou mora. Ewen & van der Hulst (2001) apontam que é mais difícil apontar se em determinada língua o elemento que sobrou forma um pé degenerado ou simplesmente fica sem parseamento em pés fonológicos.

Também é importante considerarmos um pouco mais os pés que não são binários. Além dos pés ternários, existe um tipo de pé que não pode ser considerado troqueu ou iambo, porque ele é de um tamanho indefinido, pois a sua fronteira ocupa um número n de sílabas. Chama-se de unbounded, ou ilimitado, o pé que pode englobar mais de duas ou três sílabas. Nesse tipo de pé, os acentos não são equidistantes uns dos outros porque a distância de cada pé ilimitado pode variar de domínio para domínio. Ewen & van der Hulst (2001) apontam que esse tipo de pé acontece na aplicação de um acento na sílaba pesada e é seguido por uma falta de outras sílabas pesadas.

Já que os pés ilimitados são relevantes para a nossa análise, porque ainda é difícil estabelecer o pé do idioma japonês por só conter um H^*L no domínio da frase fonológica, cabe estudarmos esse tipo de pé que parece não ter muita restrição um pouco mais detalhadamente. De acordo com Halle & Vergnaud (1987), a teoria que explica o pé deve considerar se o núcleo do constituinte está ou não na fronteira do constituinte, chamado de head-terminal (+HT); deve considerar se o núcleo é separado da fronteira do constituinte por mais de um elemento não-acentuado, que o limite do pé

que ele chama de bounded (+-BND). Pensando em núcleo terminal (+HT), só pode haver logicamente quatro tipos de constituintes que considerem (+-HT) e (+-BND) , como vemos abaixo (HALLE & VERGNAUD, 1987: 10):

(23)

[-BND]		[+BND]	
a.	*	b.	* .
	(*)		(* .)
a.	 *	b.	. *
	(. *)		(. *)

Nos exemplos (23), consideramos que todos os pés possuem o núcleo na fronteira dos constituintes, ou seja, são (+HT). É possível pensar também no caso em que os pés possuam núcleos que não estejam localizados no começo ou final do constituinte. Nesse caso, só poderia haver dois tipos de constituintes, pois os autores assumem haver um constituinte ternário com o núcleo no segundo elemento, chamado de anfíbraco (HALLE & VERGNAUD, 1987: 10):

(24)

[-BND]		[+BND]	
a.	. . *	b.	. * .

Os autores, então, discutem a legitimidade do pé a. no exemplo acima. Isso porque afirmam que não existem casos em que se precise usar esse pé. Para defenderem suas posições, eles invocam a Condição de Recuperabilidade, segundo a qual é possível prever a localização do acento da fronteira do constituinte métrico a partir do núcleo, da mesma forma em que é possível prever (ou recuperar) a localização do núcleo a partir da fronteira do constituinte métrico (HALLE & VERGNAUD, 1987:10).

Sendo assim, uma posição aleatória que não estivesse no início ou no fim em um constituinte ilimitado, ou seja, [-HT][-BND], impossibilitaria a dedução da posição da

fronteira do constituinte, e vice-versa. A violação dessa condição explicaria o não-uso desse tipo de constituinte para explicar os pés nas línguas do mundo. Sendo assim, os autores apenas consideram dois tipos de constituintes ilimitados: [+HT, -BND, direita] e [+HT, -BND, esquerda]. Isso significa que todos os constituintes ilimitados possuem o núcleo no começo ou no fim do constituinte.

2.1.2.1. A universalidade do pé

O texto de Fudge (1999) discute o fato de se assumir que o pé está presente entre a sílaba e a palavra na hierarquia prosódica, assim como faz Nespor & Vogel (1986). A primeira questão que Fudge (1999) indaga é o fato da hierarquia universal de Nespor & Vogel (1986) possuir 7 níveis prosódicos, sendo eles: a sílaba, o pé, o grupo clítico, a palavra fonológica, a frase fonológica, frase entonacional e enunciado fonológico. As autoras assumem que todos esses níveis fazem parte de um universal fonológico, sendo assim, todas as línguas devem possuir todos esses níveis. O autor concorda com o fato de que os níveis de hierarquia prosódica são universais, mas acredita que eles devem ser um número mais reduzido, pois acredita que sete níveis são muito numerosos para serem considerados universais, porém o autor só diminui um nível, de fato.

Sendo assim, ele investiga a universalidade do pé fonológico. Fudge (1999) acredita que o posicionamento do pé entre a sílaba e a palavra leva a considerações equivocadas.

Há a presença de duas hierarquias operando ao mesmo tempo: uma que designa acentos a uma parte da pronúncia, chamado de ritmo silábico, e outra que determina qual acento é realmente realizado como stress na pronúncia, o ritmo acentual. Como podemos ver no gráfico abaixo (FUDGE, 1999:279)

Figura: "Two distinct hierarchies linking Phonological Utterance and Syllable"
(FUDGE, 1999:279)

Fudge (1999, 279) defende que a Hierarquia I não implica diretamente no ritmo. O autor defende que línguas com o acento isocrônico precisam de pés integrais que preencham toda a cadeia fonológica. Entretanto, línguas que para conseguir completar a acentuação só necessitam de sílabas, como o francês que previsivelmente acentua a última sílaba, provavelmente não fazem uso do pé. Assim, o autor defende que todas as línguas usam a Hierarquia I, mas apenas algumas utilizam a Hierarquia II. Segundo ele, "apenas línguas que possuem pé irão mostrar diferenças rítmicas dependentes da maneira que grupos de pé e acentos se relacionam uns com os outros" (FUDGE, 1999:281).

O autor também utiliza como argumentos o fato de que nem sempre os pés são contidos em uma única palavra. Por exemplo (FUDGE, 2001:285), em /go to/ "ir para" em inglês, um único pé está contido em mais de uma palavra. A implicação é que para Nespor & Vogel (1986), toda camada inferior deve estar inteiramente contida na camada superior seguinte da hierarquia prosódica. Portanto, um pé que está em mais de uma ⁵palavra viola essa condição da hierarquia. A única forma, de acordo com Fudge (1999), de resolver esse problema é novamente considerar a Hierarquia II na qual o pé está inserido. Se o pé pertence a uma hierarquia diferente da palavra fonológica, então não existe violação quando um pé ocupa mais de uma palavra, pois fazem parte de hierarquias diferentes.

⁵ É provável que seja a interação no Grupo Clítico, já que em go to, o "to" é um clítico.

Sendo assim, Fudge (1999) defende que apenas a Hierarquia 1 - considerando apenas a palavra fonológica, grupo clítico e frase fonológica- é universal, enquanto a Hierarquia 2 (o pé) é apenas utilizado por algumas línguas que precisam dele para fazer seu ritmo acentual.

2.1.2.2. O pé no idioma japonês

O japonês é um idioma de acento sem stress de acordo com Beckman (1986), como será mais detalhado no capítulo seguinte. Isso implica no fato da língua não aceitar mais de um acento por frase fonológica. Isso faz com que o idioma japonês não permita acentos secundários.

Vimos que o conceito fonológico do pé pressupõe que todos os pés parseados sejam acentuados. Ou seja, não deveríamos supor a existência de um pé que não possua acento algum. Isso nos faz pensar em como analisar o pé nesse idioma. Observemos as seguintes palavras:

(25)

a.otou'to-ga	"irmão mais novo + SUJ"	b.mu'rasaki-ga	"cor roxa+SUJ"
L HH H L		L H L L L	

Ao tentarmos colocar pés nas duas palavras, enfrentamos algumas dificuldades. Em (26), pensaremos em pés binários, em (27), pensaremos em pés ilimitados:

(26)

a. otou'to-ga	"irmão mais novo + SUJ"	b.mu'rasaki-ga	"cor roxa+SUJ"
(* .)		(* .)	

(27)

a. otou'to-ga	"irmão mais novo + SUJ"	b.mu'rasaki-ga	"cor roxa+SUJ"
(. . * .)		(. * . . .)	

Como podemos ver, o parseamento dos pés no idioma japonês é uma questão delicada. Em (26)a., vemos que o pé binário funciona na língua do idioma, desde que haja um parseamento da direita para a esquerda e que a partir do momento em que encontra o primeiro acento, não seja feito mais pés, ou seja, um parseamento não-iterativo. Colocamos pés troqueus, mas nem ao menos isso é possível determinar e poderiam ser iambos em (26)a. também. Em (26)b., o pé binário foi construído longe das fronteiras de φ . Apenas é possível explicar o parseamento em (26)b. se pensarmos que as últimas sílabas sejam invisíveis, ou melhor, extramétricas à construção de pé.

Em (27), observamos que pensar no idioma japonês como uma língua de pés ilimitados é algo bastante complicado. Em a. e b. observamos que apesar de todas as sílabas do idioma estarem parseadas, os núcleos dos constituintes estão no meio do pé. Como foi visto anteriormente, de acordo com Halle & Vergnaud (1987), o pé [-HT] [-BND] não parece presente em nenhuma língua e parece injustificável pois viola a Condição de Recuperabilidade (HALLE & VERGNAUD, 1987:10). Além disso, um tipo de pé como visto em (27) a. e b. não parece ajudar nenhuma análise linguística e poderia muito bem não existir.

Isso nos traz à discussão proposta por Fudge (1999) na seção anterior: os pés realmente estão presentes em todos os idiomas? Existe o pé no idioma japonês?

Alguns linguistas defendem a existência do pé na língua japonesa baseados em evidências linguísticas. Poser (1990) busca diversos argumentos para exemplificar os pés no idioma, ainda que se esperasse que em uma língua de acento não-stress pudesse não considerar o pé métrico. Segundo o autor, o idioma japonês utiliza de dois constituintes principais, sendo eles a mora e a sílaba. A maioria dos fatos linguísticos japoneses leva em conta a mora, e apenas alguns poucos consideram a sílaba. Para Poser (1990), a proposta envolvendo os pés considera as moras, e não a sílaba. Assim, para o autor, o pé em japonês é sensível à quantidade.

Poser (1990) apresenta 8 fenômenos em que o uso do pé é crucial, incluindo a acentuação de compostos, que é o tema central da nossa pesquisa. O primeiro que o autor aponta é formação de hipocorístico, ou seja, é adicionado um sufixo hipocorístico / -chan "inho" ao nome e quando essa adição é feita o nome sofre processos

fonológicos (POSER, 1990:81-82):

(28)

Emi > Emi-chan Ayako >

Aya-chan Yuriko > Yuri-

chan Akira > Aki-chan

Osamu > Osa-chan

Wasaburoo > Wasa-chan

Em japonês, os nomes podem ser abreviados quando se usa o hipocorístico. Para realizar o encurtamento, fica claro que a língua se utiliza de um pé binário ao observar os exemplos em (28). Além disso, Poser (1990) defende que o pé do idioma japonês é sensível ao peso e considera moras, não sílabas quando observamos o nome "Taroo" que ao adicionar o hipocorístico, se torna "Taro-chan". O mesmo acontece com os nomes (POSER, 1990:81-82):

(29)

Jiroo > Jiro-chan

Aasa > Aa-chan

Outra evidência do pé em japonês está nos termos usados para designar familiares das outras pessoas. Para Poser (1990), os nomes familiares são compostos pelo prefixo de respeito /o-o/, por um pé sensível ao peso moraico, representado aqui entre parênteses, e pelo sufixo /sano "Sr(a)" que geralmente o precede. Observe:

(30)

o- (baa)-san "avó" o- (jii)-san "avô"

o- (kaa)-san "mãe" o- (tou)-san "pai"

o- (nee)-san "irmã mais velha" o- (nii)-san "irmão mais velho"

Segundo ele, pode-se pensar que /oba-sano "tia" e /oji-sano "tio" sejam um contra-exemplo, pois não possuem um pé. Entretanto, o autor defende que é possível que a palavra seja /oba oji e que o honorífico "o-" não esteja presente.

Além disso, Poser (1990) utiliza também como argumentos da existência do pé os nomes que as gueixas dão para seus clientes, os nomes rústicos de garota, a reduplicação e os miméticos, que não veremos com mais detalhes mas que seguem todos o mesmo padrão de pé binário e moraico.

A existência do pé no idioma japonês também é defendida por Kubozono (1999), que também mostra que diversas estruturas morfológicas e fonológicas do idioma japonês se explicam através de duas moras que parecem formar uma unidade prosódica superior. O autor acredita que além dos exemplos dados por Poser(1990), é possível encontrar um exemplo muito claro do uso dos pés através do truncamento feito em palavras compostas muito longas, que é um fenômeno muito comum no japonês. Observe (KUBOZONO, 1999:40):

(31)

a. se.ku.shu.a.ru+ha.ra.su.men.to → se.ku+ha.ra	"assédio sexual"
b.ri.moo.to + kon.to.roo.ru → ri.mo+kon	"controle remoto"
c. han.gaa+su.to.rai.ki → han+suto	"greve de fome"
d. han.bun+don.ta.ku → han+don	"meio-feriado"

Além disso, o autor utiliza exemplos de numerais em japonês para enfatizar a existência de pés. Os numerais, quando encurtados, também tendem a manter o padrão bimoraico (KUBOZONO, 1999:41):

(32)

hitotsu→hii "um"	mutsu→muu "seis"
futatsu →fuu "dois"	nanatsu → nana "sete"
mitsu → mii "três"	yatsu→ yaa "oito"

yotsu → you "quatro"

itsutsu → itsu "cinco"

Apenas não acontece um encurtamento em /kokonotsu₀, "nove", e /tōu₀, "dez". Todos os outros exemplos apresentam um encurtamento, preservando apenas as duas primeiras moras. Aquelas palavras que não possuem duas moras, provocam um alongamento como acontece em mitsu → mii, *mi.

Kubozono (1999) concorda com a existência dos pés, assim como Poser (1990), mas assume que existe ainda muito a ser investigado quanto a essa categoria prosódica no idioma japonês (KUBOZONO, 1999:58-59): "[the foot] whether it proceeds from left to right or from right to left, whether (or when) it permits a monomoraic (i.e. degenerate) foot, whether an unfooted syllable may be allowed, and whether it is entirely independent of syllable structure as assumed by Poser (1990). None of these questions has been settled in the literature." O autor também observa que a natureza do pé bimoraico também deve ser melhor observada.

Para Labrune (2012a), o pé do japonês também é bimoraico e pode ser formado pelas seguintes sequências fonéticas (LABRUNE, 2012a:171):

(33)

(C)VCV ('kata) /forma₀, (iru) /existi₀

(C)VV (hae) /mosca₀, ('ou) /rei₀

(C)VC ('hon) /livro₀, (kit)to /certamente₀

A autora aponta que o pé degenerado, ou monomoraico, é possível acontecer, especialmente quando existe o parseamento em uma palavra com consoantes geminadas ou vogais longas. Parece ser mais comum em palavras estrangeiras.

2.1.2.2.1.O tipo de pé

Como vimos, parece que o pé do idioma japonês se faz presente em diversos aspectos da língua. Entretanto, ainda cabe continuarmos a análise. Como vimos em (26)a. e (26)b., parece razoável assumir a existência de um pé binário. Poser (1990),

concorda com o pé binário e ainda apoia a extrametricidade no que seria o último pé do segundo-membro de um composto, no final da palavra, como podemos confirmar em "Para resumir, o pé binário desempenha dois papéis na acentuação dos compostos nominais, (...) um substantivo [antes] acentuado na última sílaba não conta como acentuado no pé final" (POSER, 1990:100-101).

Estabelecer um pé padrão de acento para o japonês é uma tarefa complexa. Ainda que já esteja estabelecido que o japonês provavelmente possui um pé binário e moraico, ainda nos resta determinar se é um troqueu moraico ou um iambo (naturalmente sensível à mora).

Sato (2010) propõe que o pé do idioma japonês esteja imediatamente relacionado com o tom, chamando-o de pé tonal. Sendo assim, o tom da palavra – de acordo com cada variedade do japonês – assume um padrão. O tom HL se torna um troqueu e LH um iambo. Assim (SATO, 2010:10):

(34)

a.hashi "palitinhos"

H L

b. hashi "ponte"

L H

No exemplo (34), vemos que os pares mínimos de acento ilustram que para Sato (2010), em (34)a. temos um troqueu e em (34)b., um iambo. No caso de palavras não-acentuadas, o autor considera o abaixamento inicial como um proporcionador de LH, fazendo com que palavras não-acentuadas sejam iampos.

Essa resposta parece ser insatisfatória, porque apenas utiliza o tom para explicar o pé do idioma. O autor não consegue satisfazer teoricamente a explicação para a construção dos pés tonais.

Ainda assim, o fato de diversos autores assumirem a existência de pés em japonês sem conseguir explicar se esses pés são iampos ou troqueus nos mostra que é provável que a natureza do pé em um idioma de acento-tonal, sem stress, ainda seja diferente do que a literatura de pés fonológicos nos proporciona até o momento.

2.1.3 A sílaba em japonês

A primeira menção no estudo de língua japonesa na teoria fonológica ocidental a respeito da sílaba foi feito em McCawley (1965:56), em que o linguista reconhece que o japonês é uma língua moraica, mas afirma que "the fact that a language counts morae does not prevent syllables from playing an essential role in the language as well". A partir deste momento, começaram a considerar que o japonês, assim como as línguas ocidentais mais estudadas, também possuía sílaba na sua estrutura prosódica.

O principal uso do conceito de sílaba feito na linguística do japonês foi a questão de investigar se a língua possuía ou não sílabas leves e pesadas. Entretanto, os estudiosos japoneses nunca utilizaram o conceito de contagem de sílabas para observar a língua, mas apenas se constatava o uso da contagem de moras, chamadas de onsetsu. Baseando-se nesses fatos e em diversas evidências que serão mostradas a seguir, Labrune (2012b) discute a real existência de sílabas no idioma japonês, defendendo que esse nível da hierarquia prosódica não está presente na língua.

A principal questão para Labrune (2012b) está no fato de que não se pode encontrar evidências para a existência da sílaba em japonês em lugares onde se esperaria encontrar de acordo com a tipologia.

Ela mostra que não existem evidências psicolinguísticas, pois os estudos feitos na área não conseguiram mostrar que ela existe cognitivamente no japonês. Além disso, os erros de fala no idioma são contra evidências para a sílaba, pois mostram que os falantes nativos, quando erram, acabam favorecendo a mora e não a sílaba, como no caso de Kyoono > Kikuno /nome próprio.

Na fonética, não existe um correspondente à rima silábica, ou seja, os segmentos que poderiam ser interpretados como coda não se comportam – junto ao segmento anterior – como se fossem uma só rima. As vogais que estariam em posição de coda não são foneticamente mais curtas que o núcleo. Além disso, parece que existe uma maior relação entre CV que V1V2, exemplo da consoante que é alterada quando seguida de determinadas vogais, como tu virando tsu. Outra questão é o suposto ataque que não é otimizado, como se poderia esperar em condições normais, se ocorresse uma ressilabificação, por exemplo, ten.ou /rei dos céus não é ressilabificado para *te.nou. A

sequência VCV nem sempre será pronunciada de forma a se privilegiar a formação de uma sílaba com ataque. Poderá ser V.C.V. ou V. CV⁶.

Por último, uma grande evidência para a não existência de sílaba na língua parte da própria prosódia. No japonês, as fronteiras de pés e de sílabas nem sempre coincidem e isso viola a strict layer hypothesis, já mencionada anteriormente, proposta por Nespor & Vogel (1986), que impõe que cada constituinte da camada inferior deve estar inteiramente contido na camada superior. Labrune (2012b:122) ilustra a situação com o exemplo de roriita konpurekusu → rori-kon/ *rorii-kon /complexo de Lolita.

A autora rebate as propostas a favor da sílaba e as justifica como situações em que se poderia usar apenas o conceito de mora ou, então, questões dúbias que não servem como argumento ou contra argumento a favor da sílaba. É o caso da não-acentuação de determinados fonemas que estariam, supostamente, na coda da palavra, como é o caso de pu'rinsesu /princess(princesa)0, onde se esperaria o acento em N , mas ele é deslocado para o que seria o núcleo silábico. Labrune (2012a) defende que o japonês é uma língua que possui "moras especiais", que são alongamentos de vogais R , consoantes geminadas Q e nasal N . Esses elementos não podem portar acento, exceto em condições muito raras. Isso faz com que o acento se desloque para a mora portadora de acento à esquerda. A explicação de Labrune (2012a) consegue descrever o mesmo fenômeno sem a utilização do conceito de sílaba. O mesmo é feito com exemplos de acento e truncamento de empréstimos.

Antes de Labrune (2012b), já havia um grande debate e relutância a respeito da existência da sílaba em japonês. Inaba (1998) defende que as sílabas não são unidades de tempo, ao contrário das moras, e por isso não devem estar correlacionadas com o pé moraico do idioma japonês. Portanto, ele propõe um troqueu moraico com a seguinte estrutura (INABA, 1998:111):

(39)

⁶ Esse caso também pode ser considerado uma questão morfológica, por exemplos como V.CV. só acontecem na fronteira entre morfemas sino-japoneses.

Devido ao fato de apenas o pé moraico e as moras serem unidades de tempo, ele propõe que a sílaba não deva interferir entre essas duas unidades prosódicas. Porém, Inaba (1998) defende que as sílabas em japonês existem, mas de forma divorciada do pé. Para o autor, o papel da sílaba tem relação apenas com a escala de sonoridade para se produzir unidades em japonês. Seu posicionamento é confuso, pois ao que parece, as sílabas existem para produzir sílabas. E isso apenas satisfaz as regras de acentuação de empréstimos de palavras estrangeiras, que Labrune (2012b) provou conseguir resolver sem esse mecanismo.

Línguas silábicas atestam o uso dessa camada hierárquica em diversas áreas, como em jogos de linguagem, versos poéticos, erros, truncamento, entre outros. Porém, em língua japonesa, nenhum argumento é capaz de comprovar a real existência da sílaba. O único fato que pode fazer despertar a ideia da sílaba em japonês são as moras que provocam o deslocamento de acento, as moras deficientes, como chama Labrune (2012a). Essas moras, quando deveriam ser acentuadas, provocam o deslocamento para a mora anterior. São chamadas de Q, N e R, que respectivamente significam consoantes geminadas, nasal e vogal longa. Essas moras, quando deveriam ser acentuadas, provocam o deslocamento para a mora anterior. Isso fica nítido no caso dos compostos, onde o acento é colocado na terceira mora em relação à margem direita da palavra e, quando a terceira mora é deficiente, o acento é colocado na quarta:

(40)

Q : mikkusu > 'mikkusu	/mix misturadoo
R : supaa-man > su'paa-man	/superman/ super homemo
N : purinsesu > pu'rinsesu	/princess princesao

Os exemplos de acentos do que é chamado de mora deficiente nos fazem voltar a pensar no conceito de sílaba e, especialmente, coda. Essa talvez seja a única evidência para uma possível existência da sílaba. Labrune (2012a) se defende desse fato dizendo que a "inabilidade das moras deficientes de portar acento não deriva diretamente da sua sonoridade fraca ou incompletude estrutural" (LABRUNEa, 2012:143). Além disso, afirma que em condições normais, essas moras não recebem acento, mas existem casos em que são acentuadas, como em obaasa hkko obaRsa NQko /criança adorada pela

avóo. Para a autora, essas exceções são provas de que não se pode usar isso como evidência para a existência de sílabas no japonês.

O assunto ainda é controverso. Mas a análise de Labrune (2012b) nos indica que é possível que nenhum nível hierárquico seja realmente obrigatório para todas as línguas do mundo. Ainda que seja imprudente concordar com a não-existência da sílaba baseada, porque não são conclusivos, achamos importante a tentativa de não utilizar em nossa análise o conceito de sílaba até onde ele for desnecessário, já que a probabilidade da sílaba não existir nos é convincente. Sendo assim, para a análise que faremos dos compostos, levaremos em conta apenas moras e pés, que parecem certos no idioma, e não mencionaremos em nenhuma regra a sílaba.

2.1.3.1. A mora em japonês

Segundo a teoria moraica, as unidades do esqueleto prosódico estão ligadas com a mora (μ). Segundo Broselow (1996), a mora é uma unidade de peso que mede os segmentos fonéticos da palavra. Essa medida é reconhecida praticamente por todas as escolas linguísticas. A essência dessa unidade é a capacidade de contar processos fonológicos de acordo com o seu peso, ao invés de contar segmentos. Em comparação com o conceito de sílaba, a mora opõe as sílabas pesadas, que são aquelas bimoraicas, às leves, monomoraicas.

Presume-se que os ataques não contribuam para o peso silábico e por isso não são contados como mora. Assim, as unidades do ataque se ligam à sílaba, não à mora. Observe um exemplo do português:

(41)

a. CV

b. CVV

c. CVC

Como pudemos ver no exemplo (41), apesar do ataque não possuir peso silábico, à coda, tanto em b quanto em c, é dado um valor moraico. À isso chamamos de peso-por-posição, ou seja, sílabas como CVV ou CVC possuem o mesmo peso moraico, pois ambas possuem coda. Entretanto, isso não é universal, pois varia de acordo com as exigências de cada língua. Em alguns casos, sílabas CVC não são consideradas pesadas. Todos os idiomas consideram a sílaba CV como leve.

Para a contagem de elementos moraicos, observamos que as sílabas CVCV possuem a mesma equivalência de peso que uma sílaba pesada, CVV. Isso porque ambas possuem duas moras.

Quanto ao ataque, já foi dito acima que somente o que estaria na rima é considerada portador de um peso moraico, quando se pensa em uma estrutura silábica de ataque e rima. De acordo com Broselow (1996), enquanto a estrutura esquelética designa posições para cada segmento, a mora somente o faz para posições que carregam peso, sendo assim, o ataque é irrelevante para o molde moraico.

Segundo esta teoria, todas as vogais estão associadas com a contagem moraica, enquanto as consoantes só adquirem valor moraico de acordo com regras específicas de cada língua, no caso do japonês, temos o exemplo das consoantes geminadas. Observamos o funcionamento da mora na palavra /kippu/ um empréstimo que significa "bilhete, passagem", em japonês:

(42)

No caso das consoantes geminadas, no idioma japonês, podemos ver que a consoante p possui sua posição tanto na coda da primeira sílaba da palavra, e por isso, possuindo um peso moraico, enquanto também é ataque do u seguinte. A palavra kippu, então, por possuir uma consoante geminada, possui três moras.

A mora já é bem estabelecida no idioma japonês e estudiosos japoneses contam com sua existência há séculos. Segundo Labrune (2012a:143), "a mora é a unidade de ritmo e de medida prosódica da língua japonesa". Cada mora ocupa uma unidade rítmica na língua. A autora aponta que a mora também é isocrômica, ou seja, uma unidade de tempo fonético que faz com que o falante de japonês pronuncie cada mora em tempos iguais. As moras no idioma japonês seguem a estrutura (LABRUNE, 2012a:143):

(43)

CV	sa , ko , ni ...
CyV (com consoante palatalizada)	nja , kju , tju , ʃa ...
V	a , i , o ...
N (a mora nasal)	hoN , hon /livro
Q (primeira parte de uma obstruinte geminada)	moQte motte /segurar
R (segunda parte da vogal longa)	toR , tou /torre

Podemos considerar que as moras em CV, CyC, V são regulares e podem ser acentuadas. Moras N , Q e R se comportam de maneira diferente na língua e são consideradas moras especiais, em geral não suportam o acento.

Otaka (2009) aponta que existem diversas evidências psicolinguísticas para a existência da mora. Uma delas é o jogo de palavras conhecido como shiritori (/pegar o final), em que os falantes, a maioria crianças, utilizam a última mora de uma palavra dada para formar outra palavra. O jogo termina quando um falante formar uma palavra que termine com N , já que não existem palavras no japonês que comecem com a mora nasal. Observe:

(44)

juudoo /judô> okurimono /presente> noren /boa vontade> (término)

O jogo utiliza, indubitavelmente, a unidade da mora. Logo no primeiro exemplo, o falante que ouve a palavra juudou /judô (alongamento grafado com /uô, som de o) utiliza o conceito de mora e utiliza a mora final o para formar a palavra okurimono. Caso utilizasse o conceito de sílaba, o falante utilizaria dou e poderia formar a palavra doubutsu /animalo, fato que não ocorre na língua. Otaka (2009) também aponta que diversos outros testes podem mostrar o uso da mora em japonês. Além do jogo de palavras, como mostrado acima, experimentos de monitoramento da percepção do falante também apontam para a mora, e não para a sílaba.

Labrune (2012a) também mostra que as canções e os poemas japoneses também utilizam o conceito métrico. No caso do haiku, aqui popularizado com o nome de /haikaio, é a mora que indica a composição dos versos. São três versos, sendo que o primeiro deve ter cinco moras, o segundo sete moras e o terceiro deve possuir cinco moras. Labrune (2012a:145):

(45)

Ikken no (5 moras)

chamise no yanagi (7 moras)

oinikeri (5 moras)

Haiku de Yosa Buson

"The Willow tree

By the lone tea house

It has grown old"

Trad. Ueda Makoto 1998)

Isso nos faz concluir que as moras tem uma importância para a fonética e fonologia do japonês. Assim, o idioma japonês considera a mora, mas não existem evidências fortes para considerarmos que o idioma também considera a sílaba.

CAPÍTULO 3 - O ACENTO

Neste capítulo, abordaremos o termo do acento e procuraremos distingui-lo de outros aspectos fonológicos. O acento tonal, o acento de tipo stress, o tom e a entonação são todos aspectos suprasegmentais que podem transparecer através da prosódia de cada língua e possuem características e funções diferentes. A seguir, procuraremos definir os principais termos de acentuação e estabelecer uma relação com o acento que veremos nesse trabalho, o acento tonal do japonês.

De acordo com Gussenhoven (2004;38), o termo acento, no sentido de accent como veremos abaixo, é usado para se referir ao lugar em que se deve inserir um tom ou melodia na palavra. Para Beckman (1986), o acento é um sistema contendo contrastes que formam moldes prosódicos que dividem a pronúncia humana em pedaços menores, com a serventia de especificar a relação entre as partes e organizar as frases. Porém, é necessário pensar sobre a palavra "accento". De acordo com Beckman (1986), com a observação de diferentes línguas, percebe-se que o fenômeno a qual chamamos de "accento" se manifesta de maneiras diferentes em línguas diferentes. Segundo a autora, o acento de algumas línguas difere de outras no fato de que dependem de outros atributos fonéticos que não somente a altura. Essas diferentes características podem levar a outras diferenças na fonologia das línguas que vão além de uma mera descrição fonética. Para ela, existem dois tipos de acento: o acento do tipo stress, chamado por ela de stress accent, e o acento puro, que não possui stress, chamado então de non-stress accent. Este último depende exclusivamente da frequência fundamental, que é produzida com a tensão das pregas vocais (LADEFOGED, 2001) e não possui acento secundário (McCAWLEY, 1965). Já o acento stress, segundo Beckman (1986), depende da frequência fundamental, mas também outros atributos, como a duração (ms) e intensidade (dB). Nesse tipo, podem existir acentos secundários, dependendo das restrições internas de cada língua de tipo stress a sua existência.

Para compreendermos melhor, um exemplo de línguas com o acento do tipo stress é o idioma português, pois a duração é um dos principais conceitos fonéticos do acento e também o acento secundário é permitido em palavras. O acento do japonês é do

tipo non-stress accent porque utiliza apenas a frequência fundamental e não permite acentos secundários⁷.

Também existe uma diferença entre acento e tom que deve ser relevante para a compreensão dessa questão. De acordo com Beckman (1986), o acento funciona mais como traço organizacional - ou seja, contrastes que constroem moldes prosódicos que dividem a pronúncia em uma sucessão de frases curtas e os organizam em um maior grupo frasal - que distintivo, portanto em línguas acentuais, não existem tantos pares mínimos que se distinguem apenas pelo acento. Quanto ao tom, existe um importante contraste paradigmático entre os diferentes tons de uma língua e, para os falantes de línguas tonais, ele possui uma importância tão grande quanto um segmento fonêmico. Neste aspecto, o japonês está muito mais próximo do acento, pois possui poucos pares mínimos de acento e sua função é organizacional.

Sabemos que o acento do idioma japonês possui peculiaridades diferentes das línguas que estamos mais acostumados a escutar, como o português e o inglês. Primeiro porque seu tipo de acento é non-stress accent e, por isso, possui características especiais, como o fato de não permitir acento secundário. Além disso, o acento do idioma japonês é chamado de pitch-accent; isso significa que nesse idioma, o tom sinaliza um contraste lexical nas moras. Assim, aparentemente, o léxico pode possuir ao mesmo tempo tom e acento. Uma característica importante para diferenciar das línguas de stress também é que nelas, a melodia do acento pode variar e ser alta ou baixa, porque não é dependente disso.

É característico, nesse tipo de acento, apenas um contraste tonal por palavra ou frase (GUSSENHOVEN, 2004:41). O pitch é uma sensação auditiva de altura tonal. Gussenhoven (2004) não acredita que haja uma classe tipológica de línguas de acento tonal, por isso, de acordo com o autor, o idioma japonês faz parte do grupo de línguas tonais, apesar de também possuir acento. Como vimos acima, entretanto, apesar de também possuir tom, o japonês não possui muitos pares mínimos e seu acento possui uma função organizacional, por isso, está mais próximo, neste aspecto de línguas acentuais comparando-o com línguas tonais como o chinês. Essa questão será melhor problematizada no capítulo 6.

⁷ Devemos compreender, entretanto, que o acento tonal não obriga o idioma a apenas utilizar a frequência fundamental, se tornando uma língua sem stress, pois, de acordo com Gussenhoven (2004), sabemos que existem línguas de acento tonal que possuem stress, como é o caso do sueco e servo-croata.

3.1. O acento em japonês

O acento do japonês é chamado de acento tonal. Essa é uma das definições da prosódia do idioma em que incide sobre a palavra simultaneamente o acento e o tom. Assim, o léxico possui ao mesmo tempo tom e acento (mais discutido no capítulo 6). Além disso, é preciso levar em conta que apenas metade do léxico da língua é acentuada, enquanto a outra parte é não-acentuada. A parte não acentuada do léxico do idioma japonês não possui acento, mas pode possuir tom alto.

Nessa pesquisa, abordaremos a acentuação apenas na variedade de Tóquio que é considerada padrão. Segundo Kuno (2007), a definição própria do que é chamado de dialeto de Tóquio é um pouco nebulosa, porque a cidade possui seu dialeto metropolitano, que é falado por quem habita a região e suas adjacências. Entretanto, a metrópole é o principal polo econômico e cultural do país e a migração é bastante grande. Assim, pessoas que se originam de outros lugares acabam por adotar essa variedade como uma língua-comum, que é usada por todos em um ambiente acadêmico e culto. Kuno (2007), aponta que essa língua-comum acaba possuindo algumas diferenças em relação ao dialeto metropolitano e aquela acaba por influenciá-lo. De qualquer forma, o que consideramos como variedade de Tóquio é essa língua-comum que é considerada culta, padrão e dicionarizada. Nessa variedade, o acento é realizado como uma sequência H*L, que pode estar localizada em qualquer mora da palavra (HARAGUCHI, 2001). Dessa forma, os vocábulos do japonês com n moras podem possuir $n+1^8$ tipos de acento, ou seja, uma palavra de duas moras pode não ser acentuada, ou pode ter acento na primeira mora ou na segunda mora (sendo n equivalente a 2, teremos $2+1=3$). Exemplo (HARAGUCHI, 2001:6):

(46)

a. ha.shi /margemo

H L

b. ha. shi /ponteo

L H

⁸ Consideraremos aqui a variedade falada em Tóquio e arredores, pois outros dialetos do japonês podem ser n, $2n+1$ ou, até mesmo, $3n+1$ (HARAGUCHI, 2001).

c. ha.shi /palitinhos

L H

Conforme podemos ver em (46), a. é acentuado na primeira mora, b. é acentuado na segunda, e c. é não-acentuado, porém possui o tom. Diferentemente de outras línguas que admitem contornos tonais em uma mesma mora, no japonês padrão, cada mora só está associada a um tom. Abordaremos a diferença entre b. acentuado e c. não acentuado a seguir.

O acento do japonês de Tóquio é sempre realizado com a melodia tonal básica H*L, e o acento dos substantivos é determinado lexicalmente, por isso, sua localização não pode ser prevista por regras, já que existe a possibilidade n+1. As palavras não-acentuadas, como em c., não possuem a melodia H*L e por serem não-acentuadas assumiriam apenas um mesmo tom, no caso H, por toda a palavra. Não consideramos que a melodia das palavras sem acento seja LH porque o tom baixo inicial não faz parte da melodia da palavra, mas é apenas uma marca de dissimilação inicial que acontece tanto em palavras acentuadas como não acentuadas. Caso esse processo não acontecesse⁹, o tom de toda a palavra ficaria H. Observem o que acontece com palavras não-acentuadas:

(47)

Não-acentuação		Dissimilação Inicial
(input)		output)
ya.ki.to.ri - ga	→	ya.ki.to.ri - ga
H H H H H		L H H H H

É possível que a dissimilação inicial no idioma japonês seja uma questão de restrição. Nesse caso, haveria uma restrição que proibiria o encontro das duas primeiras moras com tons iguais no começo da palavra, fazendo ocorrer um abaixamento tonal inicial.

⁹ Como podemos ver em Haraguchi (2001), a dissimilação inicial não acontece em alguns casos, quando a fala é muito rápida.

Essa dissimilação é um fenômeno que acontece no início das palavras do japonês, conforme podemos ver em (46)b. e (46)c., ou seja, aparecerá um tom baixo antes do tom alto (HARAGUCHI,2001). Essa dissimilação não acontecerá apenas quando o tom H* incidir sobre a primeira mora da palavra, pois não terá espaço para um tom baixo, como é o caso de 1a.No caso das palavras acentuadas, entretanto, de acordo com McCawley (1965:139), basta conhecer onde está o tom alto (H*) para sabermos a localização do acento, pois o acento sempre está em H* e depois dele virá uma queda tonal L.

O acento do japonês ainda possui mais uma peculiaridade. Ao observarmos (46), perceberemos que os tons de uma palavra acentuada na última mora, como "b. ha. shi" e "c. ha.shi" possuem exatamente os mesmos tons LH* sendo o L apenas devido à dissimilação. Além disso, o tom baixo que segue obrigatoriamente o H* aparentemente não é realizado. Portanto, precisamos de mais alguns elementos para compreendermos a realização da acentuação do japonês.

Observe na tabela abaixo a aplicação da acentuação do japonês:

		Acentuada				Não-acentuada
		Começo	Meio		Fim	Sem acento
.		'raa.men	o. 'ni.gi.ri	mi.so. 'shi.ru	o.too. 'to	ya.ki.to.ri
		-4	-3	-2	-1	0
.		○	○	○○	○○○	○○○□
		○○○□	○ ○○□	○ ○□	○ □	○
		●○○○□	○●○○□	○○●○□	○●●●□	○●●●■

Tradução para o português feita por nós da tabela 日本語アクセントの表記法 Nihongo akusento no hyoukihou ([Representação do Acento do Japonês]. Saitou, Yoshio. (1997). "Akusento [Acento]". In: Nihongo Onsei Nyuumon [Introdução à fonética do idioma japonês].pp.117.

A tabela acima representa graficamente os tipos de acento do japonês. As duas colunas da primeira linha superior se referem à divisão de palavras acentuadas e não-acentuadas, sendo apenas a última coluna correspondendo ao exemplo não acentuado. Na primeira coluna, vemos o exemplo de palavras com o acento no início da palavra, ou na primeira mora, é o caso de 'raamen. Na segunda e terceira coluna, podemos observar as palavras o'nigiri, com o acento na segunda mora, e miso'shiru, acentuada na terceira mora. Na quarta coluna, vemos a palavra otoo'to, com o acento na última mora. Na última coluna, referente aos vocábulos não-acentuados, podemos observar a palavra yakitori.

É importante olhar para a linha (b)3, pois os círculos correspondem ao acento tonal dos vocábulos. Os círculos que estão mais alto correspondem à H e os círculos mais baixos correspondem ao tom L. Em todas as palavras, exceto na primeira que possui um acento na primeira sílaba, existe uma dissimilação inicial de tom, seguida pelo tom alto. Os círculos de (b)3 nos permitem visualizar o fato de que tudo o que vem antes de H*L possui o tom alto, exceto a dissimilação inicial. Em (b)4 observamos a mesma informação da linha anterior, com outra visualização, pois ao invés de estar representados em diferentes espaços, o tom H é marcado com o círculo escuro (●) e o tom L com o círculo claro (○).

O importante a observar na tabela acima são os comportamentos semelhantes das duas últimas colunas:

(48)

o.too.to	ya.ki.to.ri
L HH H	L H H H
/irmão mais novo	/frango grelhado (comida típica)

A diferença entre os dois tipos de acento se dá quando a palavra é seguida por algum outro item gramatical, um clítico por exemplo, e está representado na tabela por um quadrado (□ ou ■). Com isso, vemos que a diferença entre uma palavra acentuada na última mora e uma não-acentuada se dá fora da palavra, pois o tom baixo de H*L no caso das palavras acentuadas, se realiza no segmento seguinte como L. Já no caso das

palavras não-acentuadas, o tom alto se mantém. Nesse tipo de vocábulo não existe uma queda tonal no final de seu constituinte. Como vemos a seguir:

(49)

o.too.to ga	ya.ki.to.ri ga
L H H H L	L H H H H
/irmão mais novoSUJo	/frango grelhado SUJo

O clítico /ga/ corresponde a uma das muitas partículas que a língua utiliza para representar funções sintáticas. O /ga/, no caso, indica que o vocábulo a que ele se refere é o sujeito da oração.

Os monossílabos podem ser resolvidos da mesma maneira (HARAGUCHI, 2001):

(50)

hi ga	hi ga
H L	L H
/fogo SUJo	/sol SUJo

De acordo com Haraguchi (2001), é possível, de acordo com a observação do comportamento dos nomes em relação às partículas e afixos, prever qual e como acontecerá a mudança de acento. Por exemplo com o honorífico /o/:

Honorífico /O/- Quando uma palavra é precedida pelo prefixo honorífico o acontece uma inserção de acento na primeira mora da palavra. Assim, independente da palavra ser ou não previamente acentuada, esse prefixo garantirá que a primeira mora terá o acento. Veja (HARAGUCHI, 2001:9):

(51)

Acentuada

Não-acentuada

su shi	o- sushi	tegami	o- tegami
L H	L H L	L H H	L H L L
/sushio	/sushi (mais formal)o	/cartao	/carta (mais formal)o

Adjetivos¹⁰ também podem ter suas acentuações previstas por regras, assim como os verbos quando unidos a sufixos como -you e -masu¹¹. Entretanto, não abordaremos maiores detalhes sobre esse comportamento do acento já que nosso foco está apenas em observar os compostos japoneses que formam nomes.

3.1.1. O acento nos empréstimos

Os diferentes estratos do idioma japonês, no caso das palavras simples, não parecem interferir na acentuação e previsão do acento em regras. Assim, palavras de origem sino-japonesa seguem o mesmo acento que as palavras nativas, ou seja, é um acento lexical que não pode ser previsto por regras. Um dos estratos da língua japonesa que pode ser previsto por regras são os empréstimos recentes, em sua maioria de línguas europeias, além dos miméticos. A regra para a acentuação nos empréstimos é baseada no peso moraico de cada palavra. De acordo com Kubozono (2001), a palavra é acentuada de acordo com a regra da antepenúltima mora, que indica que a terceira mora – da direita para a esquerda da palavra – deve portar o acento. Assim, as palavras estrangeiras que entram no idioma japonês devem seguir essa regra mesmo que isso viole a acentuação que a palavra possuía anteriormente, no seu idioma de origem. Observe:

(52)

pu. rin	/pudimo
ki. raa	/assassinoo
p<u>. rin.se.s<u>	/princesao ¹²
g<a>.ra.s<u>	/copoo

¹⁰ Consideramos aqui, como 形容詞 (keiyoushi) os adjetivos verdadeiros (que são flexionados), terminados em I. Os demais adjetivos, possuem um comportamento diferente destes, pois se comportam de forma parecida com os substantivos, já que não flexionam.

¹¹ Mais detalhes em Smith (1997).

¹² No caso da antepenúltima mora ser uma coda de sílaba, o acento recua para o núcleo dessa mesma sílaba. Ou, como Labrune (2012a) interpreta, quando for moras N, Q e R, o acento recua para a mora que pode receber acento.

Nota-se que todas as palavras do exemplo dado são empréstimos, mas somente as duas últimas possuem vogais epentéticas, marcadas com < >. Ainda assim, a regra de acento na antepenúltima mora funciona igualmente para todas as palavras, significando que as vogais epentéticas, nesse caso, são visíveis às regras.

Entretanto, há uma exceção para a regra da antepenúltima mora: quando uma palavra possui uma sílaba leve, seguida de uma pesada e a sílaba leve possuir uma epêntese, então, acentua-se a penúltima mora, como se pode ver (Kubozono, 2001:117):

(53)

s<u>. rii	/trêso
p<u>. ree	/jogarø
b<u>. ruu	/azulo

Como podemos ver, ao contrario do que Labrune (2012a) propôs, Kubozono (2001) utiliza do conceito de sílabas. Assim, vimos que no caso das palavras acentuadas na antepenúltima mora, o acento foi visível à regra; mas, em um tipo particular de palavras trimoraicas – as que possuem a primeira sílaba leve com epêntese, antecedendo uma sílaba longa, como é o exemplo de p<u>.'ree, /jogarø- a epêntese é invisível à acentuação.

De acordo com Beckman (1986), até mesmo as palavras que entraram há mais tempo no léxico do japonês e tiveram o seu acento original mantido, estão sendo alteradas pelos falantes de modo a seguir a regra da antepenúltima mora. Esse é o exemplo de:

(54)

'pi.k<u>.nik.k<u>	→	pi.k<u>.'nik.k<u>	/piqueniqueø
'ma.s<u>.kot.t<o>	→	ma.s<u>.'kot.t<o>	/mascoteø

Assim, vemos que existe uma tendência bastante forte na língua para se manter o padrão de acentuação do japonês para os empréstimos. Isso indica que a influência estrangeira, no caso dos empréstimos, não consegue se sobrepor às restrições do japonês.

Nos empréstimos, também é possível que haja palavras não acentuadas, porém, o fenômeno da não-acentuação é bem menor neste estrato, se comparado às palavras nativas e sino-japonesas. Apenas 10% dos empréstimos não possuem acento.

De acordo com Kubozono (2001:122), as palavras se tornam não-acentuadas se possuírem 4 moras, sendo que possuam uma sílaba pesada cercada de sílabas leves e sua vogal final não for um <u> epentético:

(55)

a. ri. zo. na	/Arizonao
ai.o.wa	/Iowa0
b<u>.ran.d<o>	/marca0
s<u>.pii.d<o>	/velocidade0
f<u>.rai.t<o>	/voo0

Palavras que não respeitarem as condições vistas no exemplo acima, continuam acentuando de acordo com a regra da antepenúltima mora. Como observamos (Kubozono, 2001:122):

(56)

s<u>. rip.pa	/pantufaso
g<u>. roo.b<u>	/luva0

Independente da análise feita por Kubozono (2001), observamos que os dados acima também podem se assemelhar com um caso de peso silábico que atrai o acento. Seria necessário observar mais exemplos a esse respeito¹³.

3.1.2. O acento nos compostos

Já vimos na seção 1.2 o modo de formação das palavras compostas no idioma japonês. Nessa seção, observaremos com atenção as propostas feitas por diversos linguistas em relação à acentuação desse tipo de palavra. Nessa seção, observaremos a análise morfológica de McCawley (1965) em 3.1.2.1., a observação sobre os segundos

¹³ Se confirmado, poderia vir a ser uma evidência a favor da sílaba.

membros do composto de Saitou (1999) em 3.1.2.2., e as análises baseadas na Teoria da Otimidade, ainda que muito diferentes entre si, de Kubozono (2001) em 3.1.2.3., Tanaka (2001) em 3.1.2.4. e Labrune (2012) em 3.1.2.5..

Essas análises tão diferentes entre si nos ajudarão a perceber os motivos do acento dos compostos do japonês ser um assunto ainda tão árduo e debatido e nos ajudarão nos capítulos seguintes a obter uma análise do acento dos compostos do idioma.

3.1.2.1. Análise de McCawley

McCawley (1965) já considerava antes da fonologia métrica que o estudo do acento nos compostos do japonês ainda estava, em sua época, uma total desordem. Assim, o linguista se propõe a fazer uma análise séria que se aproxime do estado real do acento nos compostos, fazendo uma série de regras que consigam prever o acento do ponto de vista fonológico, morfológico e sintático e que funcionem na maioria das palavras. McCawley (1965), gerativista, utiliza a fonologia segmental para propor regras para os compostos.

McCawley (1965) percebe que existem algumas coincidências na acentuação de algumas palavras. Por exemplo, quando o segundo membro do composto é longo, então retém o acento; se esse membro não for acentuado ou for acentuado na última sílaba, então o acento fica na primeira sílaba do segundo membro. A mesma aparente regra funciona para compostos com o primeiro membro longo e o segundo curto, como em *ki 'chi-suu* /número dado/, *ji 'mu-sho* /escritório/. Assim, ele percebe que o contexto das regras acima é correspondente a quando um morfema é prefixado ou sufixado a uma palavra completa, ou quando duas palavras inteiras são compostas juntas. Neste caso, monomorfemas só são considerados palavras quando possuírem 3 moras. Como se fazia na época, o autor explica essa teoria em termos de fronteiras: se um composto é formado através de uma palavra completa de significado, não sendo considerados afixos, essa palavra original carrega dentro do composto uma fronteira #, como o exemplo de *((#ji-mu#)sho)*. Assim, o que explica *sho* ficar sem fronteiras é o fato de ser monomorfêmico e possuir menos de 3 moras. Ele propõe, então, a seguinte regra (McCawley, 1965:174):

" 1. $S \rightarrow [+acc]$ in env. [] #...[$+acc$]...#

(i.e., accent the accented syllable of the second member)

2. $S \rightarrow [+acc]$ in env. []# ____...([$+acc$])#

(i.e., accent the first syllable of the second member if that is either unaccented or final-accented)

3. Remove all accents in env.

____# de-accenting morpheme #

4. $S \rightarrow [+acc]$ in env. ____# pre-accenting morpheme #"

A seguir ele avisa que essas regras servem apenas para nomes, pois compostos verbais e adjetivais precisariam de outras regras que dessem conta de sua acentuação. Além disso, a regra acima não abrange pre-accentuação ou desaccentuação da palavra. Ainda, as regras acima devem se aplicar apenas ao último item do composto; para resolver esse problema, o autor substituiu a fronteira de palavra (#) por fronteira externa de palavra(##).

Outra questão é que a palavra que será acentuada provavelmente já possuía acentos antes da formação do composto. Para lidar com esse problema em sua regra, ele apenas presume que quando um novo acento é inserido, todos os outros acentos do composto são imediatamente apagados.

McCawley(1965) defende que a sua análise baseada em fronteira de palavras (#) é mais eficaz do que se a análise fosse feita utilizando a estrutura de constituintes imediatos, ou seja, uma análise baseada em morfemas. Ambas as análises conseguiriam obter os mesmos resultados em compostos formados da seguinte maneira: ((A+B)#C), (A#(B+C)) e ((A+B)#(C+D)), pois os acentos ficariam em B, B e C, respectivamente. Porém, em compostos complexos cujo último morfema é desaccentuado, como em ((A+B)#((C+D)#E)), apenas a regra baseada em fronteiras conseguiria dar a resposta, adequada, que seria a desaccentuação de todo o composto, como em :

(57)

denshi-kenbikyou	/microscópio eletrônico
nankyoku-tankentai	/comemoração de exploração do Polo Sul
hakushi-ininjou	/carte blanche

Nos casos acima, todas as palavras são não-acentuadas, porém, a regra baseada em constituintes imediatos acentuaria a primeira sílaba do segundo membro.

Mais uma questão importante que McCawley(1965) aponta são as variações de acento que acontecem em uma série de palavras no idioma japonês. Ele propõe uma regra que muda o acento para a direita se estiver em uma sílaba não acentuada. Como é o caso de ta'temono/tate'mono, que significa /edifício. O interessante é que também parece haver uma regra contrária, que transfere o acento para a esquerda, como podemos ver nos seguintes exemplos (McCawley, 1965: 181):

(58)

kaga'kusha	→	ka'gakusha	/químico
nyoudo'kushou	→	nyou'dokushou	/uremia
zatsue'kifu	→	za'tsuekifu	/quebra-galho
baiko'kudo	→	bai'kokudo	/traidor da pátria
netsuri'kigaku	→	net'su'rikigaru	/termodinâmica

Para essas palavras, em especial, o autor propõe uma nova regra. Essa mudança de acento acontece apenas em palavras sino-japonesas de estrutura CVC sendo que a vogal é i ou u, seguidos por # (McCawley, 1965:181):

A seguir, o autor também aponta uma série de morfemas que, quando no final dos compostos, produzem resultados de acentuação inesperados que veremos com mais detalhamento na seção seguinte com os exemplos de Saitou(1999). Aqui, McCawley(1965) aponta o caso do sufixo de pessoa jin, que quando usado no final de compostos, indica a nacionalidade (McCawley, 1965:178):

(59)

a.

amerika	ameri'ka-jin	/americanoo
'doitsu	doi'tsujin	/alemãoo
su'pein	su'peinjin	/espanholo
'manshuu	man'shuujin	/manchurianoo

b.

ni'hon	nihon'jin	/japonêso
tai'wan	taiwan'jin	/taiuanêso

Assim como os morfemas ya, que pode indicar um estabelecimento comercial, ou mono, que indica objetos. No caso de ya, ainda podemos ver uma relação do primeiro membro do composto com o morfema, pois quando ele é acentuado, a palavra é acentuada, quando não é acentuada, toda a palavra se torna não-acentuada, por exemplo, so'ba→soba'ya /casa que vende sobao e udon→udonya /casa que vende udon; ou seja, o morfema ya permite que a forma precedente determine o acento do composto. Porém, existem algumas exceções, como em nat tou /soja fermentadao, que

gera o composto não-acentuado nattooya /loja de soja fermentada. O mesmo fenômeno acontece com o morfema mono. Outros morfemas finais bastante comuns como sho, /escrita, sho jo, /lugar, também possuem comportamentos inesperados, pois possuem uma variação entre formas acentuadas na última sílaba do composto ou totalmente não-acentuadas.

Em suma, a análise de McCawley (1965) é uma visão geral de diversos comportamentos do composto, e consegue estabelecer relações com a morfologia, mas, em geral, abrange aspectos de forma muito contraditória entre si.

3.1.2.2. Análise de Saitou

Saitou (1997), em sua explicação didática - já que trata-se de um livro introdutório - a respeito do acento em japonês também aborda a difícil questão da acentuação dos compostos. Ao invés de propor uma regra geral para a acentuação, ele discute o papel de diversos morfemas no núcleo do composto, influenciando a acentuação. Ele exemplifica utilizando alguns monomorfemas sino-japoneses como gaku, /estudo, e eki, /estação.

Observe a interação das palavras com o segundo membro do composto gaku (SAITOU, 1997:120):

(60)

a.

'butsuri+gaku →butsu rigaku	/física
'gengo+gaku →gen 'gogaku	/linguística
'chiri+gaku →chi rigaku	/geografia

b.

rekishi+'gaku →reki shigaku	/historiografia
chishitsu+gaku →chishi tsugaku	/geologia
kenchiku+'gaku kENCHI kUGaku	/arquitetura

Como vemos em a., palavras acentuadas na primeira sílaba, quando juntas de gaku, acentuam na última sílaba do primeiro membro. Em b., observamos que quando a palavra é originalmente não-acentuada, também fica no composto o acento na última sílaba. O mesmo padrão é repetido sempre que o segundo membro for gaku, exceto suugaku, /matemáticao, e yakugaku, /farmáciao, ambas com 4 moras.

Podemos ver que o mesmo acontece com eki, /estaçãoo (SAITOU, 1997:120):

(61)

a.

nagano+eki → naga hoeki	/estaçãoo de Naganoo
-------------------------	----------------------

mo rioka+eki → morio 'kaeki	/estaçãoo de Moriokao
-----------------------------	-----------------------

sou ru+eki → sou rueki	/estaçãoo de Seoulo
------------------------	---------------------

b.

yokohama+eki → yohoha maeki	/estaçãoo de Yokohamao
-----------------------------	------------------------

oosaka+eki → oosa 'kaeki	/estaçãoo de Osakao
--------------------------	---------------------

mosukuwa+eki → mosuku waeki	/estaçãoo de Moscouo
-----------------------------	----------------------

Esse mesmo comportamento de acentuação acontece em outros morfemas de origem sino-japonesa, como ken, /prefeiturao, e shi, /cidadeo, entre outros. Saitou (1997), entretanto, aponta que o morfema go, /línguao, possui um comportamento bastante distinto. Quando colocado junto de nomes de países, formam-se nomes de línguas (SAITOU, 1997:121):

(62)

a.

ni^ˈhon+go → nihongo /japonêso

'chuugoku+go → chuugokugo /chinêso

roshia+go → roshiago /russoo

b.

itaria+go → itariago /italianoo

furansu+go → furansugo /francêso

arabia+go → arabiago /árabeo

Como pudemos ver acima, independentemente do primeiro membro ter ou não acento, o resultado do composto é a desacentuação. Ao que parece, a não-acentuação do morfema obriga a desacentuação de todo o composto. Outros monomorfemas sino-japoneses também se comportam assim, como shi, /cerimôniao, e you, /usoo.

O caso de chihou, /regiãooo, apesar de possuir mais de um morfema, é apontado pelo autor, como um exemplo que corrobora o que foi visto acima, pois aparenta uma conservação do acento original do segundo membro. Observe (SAITOU, 1997:121):

(63)

a.

'kantou+ 'chihou → kantou 'chihou /região de Kantouo

'shikoku+ 'chihou → shikoku 'chihou /região de Shikokuo

'kyuushuu+ 'chihou → kyuushuu 'chihou /região de Kyushuo

b.

touhoku+chihou → touhoku chihou /região de Touhokuo

sanoin+ 'chihou → sanoin 'chihou /região de San-ino

okinawa+chihou → okinawa 'chihou /região de Okinawao

Assim, parece haver a conservação do acento de *chihou*, independente de ter ou não o primeiro membro do composto acentuado. O mesmo acontece com palavras como *daigaku*, /faculdade/, *genzou*, /revelação/, entre outros.

Entretanto, Saitou (1997) observa que pode-se observar outros moldes de acentuação. Além disso, palavras de três ou mais moras obedecem a outras regras, que ele não menciona quais são.

Com a análise, o modo como o autor dispõe a informação acima nos faz pensar que o segundo membro do composto é predominante para determinar a acentuação de um composto. Assim, alguns deles fazem com que o acento recue para a sílaba anterior, como o caso de *eki*, e outros mantém o padrão exato de acentuação do segundo membro, como em *go*. Assim, ao que parece, precisaríamos de uma lista com todas as palavras que podem ser usadas como segundo membro e determinar uma por uma qual é o tipo de acentuação que ela obrigaria caso a usassem para formar um composto. O que há em comum, entretanto, é que é sempre N2 que determina o acento.

3.1.2.3. Análise de Kubozono

Kubozono(2001) propõe uma regra que pretende funcionar para compostos japoneses cujo segundo membro possua apenas uma ou duas moras, e o primeiro membro seja mais longo, ou tenha mais de duas moras. Para ele, o relevante para a acentuação é apenas o segundo membro – chamado por ele de N2 – e o seu tamanho fonológico. O autor propõe as regras baseado nas restrições de não-finalidade (Nonfinality), e de Emergência do Não-Marcado (Emergency of the Unmarked). Além disso, utiliza sílabas para a sua análise, ao contrário de moras (KUBOZONO, 2001:124):

"a. Nonfinality: N2 retém seu acento como acento do composto a menos que ele seja acentuado na sílaba final;

b. Emergence of the Unmarked: Se N2 é acentuado na sílaba final ou não possui acento, então surge um novo acento para o composto no final de N1."

Essas duas restrições, baseadas na Teoria da Otimidade, funcionam conforme os exemplos abaixo (KUBOZONO, 2001:126):

(64)

a.		
'perusha+heko → perusha heko	/gato persao	
garasu + mado → garasu mado	/janela de vidroo	
b.		
'niwaka+yu 'ki → niwa 'kayuki	/chuva repentinao	
ka 'hagawa+ 'ken	/Prefeitura de Kanagawao	
'nekutai+ pin → neku 'taipin	/abotoadoro	
'kyouto+shi → kyou 'toshi	/cidade de Quiotoo	
'kabuto+mushi → kabu 'tomushi	/uma especie de gafanhotoo	

Como podemos ver em a., o segundo membro dos dois compostos não possui acento final, portanto, o acento se mantém neles. Entretanto, vemos em b. que quando o segundo membro é acentuado na sílaba final ou não-acentuado, o acento se desloca para a última sílaba do primeiro membro (N1). Trata-se, segundo Kubozono (2001), de uma interação entre a restrição Non-finality, que impede acento na sílaba final, Emergency of the unmarked, que espera que o acento fique em uma sílaba não marcada, já que as sílabas finais seriam marcadas em japonês. Por isso, desloca de sílabas finais e não-acentuadas, e, por fim, Max-accent, que exige que o acento permaneça em N2.

Dessa forma, a única razão pela qual o segundo membro do composto (N2) é impedido de ficar com o acento é ser acentuado no final do composto. O autor explica que existem algumas exceções para a regra, que segundo ele são idiossincráticas, como é o caso de palavra nativa que não segue a regra shirayu 'ki-hime, /Branca de Neveo, que deveria ser shirayuki- 'hime. Além disso, um grande número de palavras sino-japonesas não seguem as regras de acentuação, pois tendem a manter seu acento final, independente da restrição de não-finalidade (KUBOZONO, 2001:125):

(65)

yoyaku+ 'seki → yoya 'kuseki	"assento reservado"
saimin+ 'jutsu → sai 'minjutsu	"hipnose"

Kubozono (2001) considera ainda mais intrigante o fato de que palavras que são consideradas empréstimos no japonês mostram um comportamento muito mais regular que as palavras sino-japonesas. Observe (KUBOZONO,2001:125):

(66)

maik<u>ro+ 'bas<u>	→ maik<u>ro 'bas<u>	"micro-ônibus"
faas<u>to+ 'kis<u>	→ faas<u>to 'kis<u>	"primeiro beijo"

Sendo assim, percebe-se que a regra de Kubozono (2001) aparentemente funciona com todos os estratos do japonês, com algumas exceções, e é falha para palavras sino-japonesas porque ele propõe que as últimas vogais de sek<i> e juts<u> sejam epentéticas e invisíveis fonologicamente.

3.1.2.4. Análise de Tanaka

A principal intenção de Tanaka (2001) é explicar a acentuação do japonês através da TO. Para ele, três possíveis tipos de acentuação do idioma japonês (acentos fiéis ao input de N2, regra geral e desacentuação) podem ser explicados através de diferentes interações de restrições de marcação e fidelidade.

Tanaka (2001) acredita na regra que, como vimos em de Kubozono (2001), diz que o acento cai em N2, a menos que tenha acento na última sílaba mora. Porém, faz outra generalização (TANAKA,2001:164):

"Generalização revisada:

O acento do composto cai no penúltimo pé, a menos para a total preservação do acento em núcleos estrangeiros (ou em alguns núcleos nativos arcaicos ou sino-japoneses)."

Dessa forma, a acentuação no penúltimo pé se sobrepõe à preservação do acento do input do núcleo. Ele aponta que a acentuação no penúltimo pé fica nítida com os seguintes exemplos (TANAKA, 2001:164):

(67)

miso+shiru→mi'soshiru	/sopa de missão
i'shi+ata ma→ ishi atama	/cabeça-dura
minami+amerika→ minami amerika	/América do Sul

Assim, ele propõe um ranking de restrições que expliquem o acento dos compostos (TANAKA, 2001:165):

a. "Casos gerais:

Non-Finality (μ , σ , F) » Max(accent) = Align-L (σ , root) » Align-R (PrWd, σ)

b. Núcleos estrangeiros (ou alguns núcleos nativos antigos ou sino-japoneses)

Max(accent) » Non-Finality (μ , σ , F) » Align-L (σ , root) » Align-R (PrWd, σ)

c. Definições de novas restrições

Max(accent):

O acento do núcleo tem que corresponder ao acento do composto.

Align-L (σ , root):

A margem esquerda de qualquer sílaba acentuada está alinhada com a margem esquerda do núcleo da raiz.

Align-R (PrWd, σ):

A margem direita da palavra prosódica é alinhada com a margem direita da sílaba acentuada."

Conseguimos ver acima que a diferença que faz com que os acentos de palavras estrangeiras (nativas antigas e sino-japonesas) sejam diferentes é porque a restrição de fidelidade se coloca a frente da restrição de não-finalidade. Entendemos que sua análise em relação às variações está em sintonia com a proposta de Cofonologias, como podemos ver em Antilla (2002). A proposta das cofonologias surge para resolver problemas de variação e alternância nas línguas, ou seja, diferente ranqueamento de restrições para cada categoria morfológica. Por exemplo, na proposta da Cofonologia,

pode haver uma ordem de restrições para os substantivos e outra para as demais categorias fonológicas. No caso de Tanaka (2001), ele propõe que as palavras compostas nativas e a grande maioria das palavras sino-japonesas – com exceção para as de base-presa – sigam uma ordem de restrição, e estratos novos na língua, como os empréstimos, sigam outra fonologia, ou outro ranqueamento.

Depois de ter definido as restrições que irá usar, ele começa a dar muitos exemplos para defender sua proposta de acento no penúltimo pé. É o caso de palavras nativas cujo acento estaria em N2 mas tem seu acento transferido para a esquerda, ficando o acento no penúltimo pé (TANAKA, 2001:166):

(68)

Palavras Nativas: Non-Finality (μ, 'σ, F) » Max(accent)

ningyo+ hime → nin'gyohime	/princesa sereia ₀
nishiki+ hebi → nishi'kihebi	/cobra pitão ₀
kansou ¹⁴ + hada → kan souhada	/pele seca ₀
kansou+negi → kan sounegi	/cebola verde seca
densho+ hatō → den shobato	/pombo-correio ₀
'koumori+ 'kasa → koumo rikasa	/guarda-chuva ocidental ₀
nyuudou+ kumo → nyuu doukumo	/cúmulo nimbo ₀
niwaka+ ame → niwa'kaame	/chuva repentina ₀
kasure+ koe → kasu regoe	/voz rouca ₀
yakata+ fune → yaka tabune	/barco-casa ₀
garasu+ ita → gara suite	/táboa de vidro ₀
onna+ko'koro → onna gokoro	/coração feminino ₀
yu'de+támago → yude damago	/ovo cozido ₀
hidari+u'chiwa → hida riuchiwa	/vida confortável ₀
kámi+o'mutsu → ka miomutsu	/fralda descartável ₀

¹⁴ Na transcrição, a letra o seguida de u, ou seja, a sequência ou é pronunciada como $\bar{o}$ o longo. O mesmo tipo de transcrição é feito com a sequência ei.

mata+i ' toko → mata 'itoko /primo em segundo grau

Ele aponta que algumas palavras podem ser acentuadas em N2, como hidariuchiwa, mas não existe *onnago' koro. Segundo ele, esse tipo de acento pode soar arcaico para os mais jovens. Em compostos sino-japoneses, o acento também se move para a esquerda, como em a.. Mas há em algumas palavras em que o acento continua final (TANAKA, 2001: 167):

(69)

Sino-japonês: Non-Finality (L, 'G, F) » Max(accent) (às vezes rerranqueável)

a.

man+getsu → mangetsu	/lua cheia
'chou+ batsu → 'choubatsu	/ infringir punição
'kotsu → 'gaikotsu	/osso esquelético
suidou+' kyoku → sui 'doukyoku	/departamento de água
yoyaku+seki → yoya 'kuseki	/assento reservado
shuuchaku+eki → shuucha 'kueki	/estação terminal
nungyou+geki → nin 'gyougek	/teatro de bonecas
kenkyuu+shitsu → ken 'kyuushitsu	/sala de estudos
kekkon+' shiki → kek 'konshiki	/cerimônia de casamento
kougeki+' ryoku → kouge 'kiriyoku	/poder ofensivo

b.

'mei+' sho → mei sho	/paisagem bela
'kyuu+' sho → kyuu sho	/ponto vital
shinjitsu+mi → shinjitsu mi	/verdade
ni ' hon+jin → nihon jin	/japonês
'ban+gou → ban gou	/número (em série)
'kan+suu → kan suu	/função

'sen+sei→sen sei	/professor a, doutoro
'nichi+hon→ni 'hon nip pon	/Japão

Palavras que na análise de Kubozono(2001) eram uma exceção à regra, acabam fazendo parte da regra na análise de Tanaka (2001), como no caso de yoyakuseki. As palavras em b. são acentuadas na sílaba final e não respeitam a regra do autor. Palavras como nihonjin podem variar no acento, como em *ni* honjin. Outras palavras, como bangou podem se juntar em compostos, como denwa 'bangou, /número de telefone, e o acento não incidirá mais na última sílaba, respeitando assim a acentuação na penúltima mora, que por não poder portar o acento, sendo uma nasal, é deslocado para a mora anterior, a quarta mora da direita para a esquerda. O mesmo acontece com kansuu, que pode compor como sankaku 'kansuu, /função trigonométrica.

Outra anormalidade acontece com alguns compostos de empréstimos, que não respeitam a acentuação no penúltimo pé. Alguns são acentuados na sílaba final, como veremos em a., outros possuem o acento na segunda sílaba da direita para a esquerda, como em b., e em c. veremos palavras cujo acento se transfere para N1 (TANAKA, 2001:168):

(70)

Estrangeiro: Max(accent) » Non-Finality (μ, α, F) (quase sempre)

a. Final e parsed

'kafe+'baa→kafe 'baa	/café (loja)
eiga+ fan→ eiga fan	/cinéfilo
bi tamin+shii→bitamin shii	/vitamina C
besuto+tên →besuto tèn	/os 10 melhores
biggu+ben →biggu bem	/Big Beno
suijou+s<u>'kii → suijousu 'kii	/esqui na água
heya+b<u>rôo →heyabu rôo	/jogada de cabelo
k<u>ri<su>mas<u>+ts<u>rii → kurisumasutsu rii	/Árvore de Natal

b. Não-final e parsed

'roos<u>+'ham<u>→ roosu 'hamu	/presunto defumadoo
sii fuud<o>+piza→siifuudo piza	/pizza de frutos do maro
tennen+gas<u>→ tennen gasu	/gás naturalo
maik<u>ro+'bas<u>→ maikuro 'basu	/micro-ônibuso
dorag<u>+s<u>'toa→doragusu 'toa	/farmáciao

c. Final e com mudança

'suupaa+man→suu paaman	/super homemo
'sain+pen→sainpen	/caneta para assinaturao
f<u>rans<u>+pan→furan supan	/pão francêso
'remon+'tii→rémontii	/chá com limãoo
'ais<u>+koóhii→ai šukoohii	/café geladoo

Assim, Tanaka (2001) explica que em a. observamos compostos cujo acento se mantém na sílaba final. Essas palavras são fiéis ao seu input estrangeiro original mesmo quando elas formam palavras maiores, como koukyuukafé baa /alta qualidade]+café bar café de alta qualidadeo, ou kouyuuroosu 'hamu, /presunto de alta qualidadeo. Algumas palavras dessa classe possuem variação de acento, como em kurisumasu tsurii 'Christmas tree/árvore de Natalo e heyu 'buroo 'hair blow secador de cabeloso.

Nos demais estratos, Tanaka (2001) mostra que não são só as palavras de acento original final que se deslocam para a esquerda quando os compostos são formados. Quando o segundo membro do composto tem quatro moras, o acento não-final se desloca para a esquerda. Observe o comportamento dos acentos que estavam na penúltima sílaba em a., antepenúltima em b. e originalmente não-acentuadas (TANAKA, 2001:169-170):

(71)

Núcleos quadrimoraicos: Non-Finality (‘μ, ‘σ, F) » Max(accent) (fixo)

a.

‘oo+name ‘kuji→ oo hamekuji	/lesma grande ₀
‘denki+noko ‘giri→denki nokogiri	/serra elétrica ₀
‘denki+kami sori→denki ‘kamisori	/barbeador elétrico ₀
tsukaisute+chiri tori→tsukaisute ‘chiritori	/pá de lixo descartável ₀
shiharai+machigae→shiharai‘machigae	/erro de pagamento ₀
‘soos<u>+yaki ‘soba→soosu yakisoba	/yakisoba com molho ₀
shi routo+kan ‘ga→ shirouto ‘kanga	/idéia inoscente ₀

b.

neri+ha ‘migai→ neri ‘hamigaki neriha migaki	/pasta de dente ₀
‘aka+mu ‘rasaki→aka murasaki akamu ‘rasaki	/roxo avermelhado ₀
dendou+‘ haburashi→dendou ‘ haburashi dendouha ‘ burashi	/escova de dente elétrica ₀

yunnyuu+ku ‘damono→yunnyuū kudamono yunnyuuku ‘damono /frutas importadas₀ iro+o ri‘gami →iro ‘origami iroo ri‘gami /origami colorido₀koukuu+ri ‘kigaku→koukuu rikigaku koukuuri ‘kigaku /aerodinâmica₀‘shiro+fu ‘kuroo→ shiro fukuroo shirofu ‘kuroo /coruja da neve₀

c.

kita+amerika→ kita ‘amerika	/América do Norte ₀
‘shin+yokohama→shin yokohama	/Nova Yokohama ₀
kuchi+yakusoku→ kuchi yakusoku	/promessa verbal ₀
jikasei+tsukemono→ jikasei ‘tsukemono	/pickles caseiro ₀
binbou+gakusei →binbou gakusei	/estudante pobre ₀
rentai+sekinin→ rentai ‘sekinin	/responsabilidade coletiva ₀

roudou+kumiai→roudou'kumiai /sindicato dos trabalhadores

Tanaka(2001) também aponta que existe uma grande tendência de desacentuação no idioma. Algumas palavras parecem ser desacentuadas porque seus núcleos finais provocam a desacentuação, como o caso de nihongo, /japonês. Outras palavras que formam outputs quadrimoraicos também são desacentuadas, como em kinu+ito, resultará em kinuito, /linha de seda. Compostos quadrimoraicos formados de palavras sino-japonesas também resultam em desacentuação, como'rou+dou, se desacentua roudou, /trabalho manual. Para ele, isso pode ser explicado com a restrição dominante Non-Finality ($\mu, ' \sigma, ' F$) que é juntada com a restrição Non-Finality (PrWd), se tornando Non-Finality ($\mu, ' \sigma, ' F, PrWd$), evitando que o acento fique no fim da palavra prosódica e, conseqüentemente, evitando o H*L final.

Além disso, existe uma tendência de variação em direção à desacentuação em diversos compostos. É por isso que quando se tratava de cada restrição citada acima, Tanaka (2001) especificava se havia possibilidades de haver ou não um rearranqueamento das restrições no caso de haver variação. Observe (TANAKA, 2001:182):

(72)

Variações possíveis:

a. Parsed/ Penúltimo pé:

densho+'hato→densho'bato den shobato	/pombo correio
koumori+'kasa →koumor'gasa koumo r'igasa	/guarda-chuva ocidental
niwaka+'ame→niwaka'ame niwa'kaame	/chuva repentina
ni'hon+'jin→nihon jin ni'honjin	/japonês
'besuto+'ten→besuto ten besu'toten	/os 10 melhores

b. Penúltimo pé Desacentuado:

namida+'me → nami'dame namidame	/olhos lacrimosos
'taion+'kei→tai'onkei taionkei	/termômetro
'akita+'inu→aki'tainu akitainu	/cachorro Akita
'kansha+'jou→kan shajou kanshajou	/carta de agradecimento

suihei+sen→ sui ' heisen suiheisen	/linha horizontalo
c. Parsed/ Penúltimo pé Desacentuado:	
shinjitsu+mi→ shinjitsu mi shinji tsumi shinjitsum	/verdadeo
kichou+men→ kichou men ki choumen kichoumen	/natureza metodológicao
kashi+' kin→ kashi ' kin ka shikin kashikin	/dinheiro emprestadoo
ka 'chi+to ki→ kachido 'ki ka chidoki kachidoki	/grito de vitóriao
'hato+mugi→hato mugi ha 'tomugi hatomugi	/aveiao
d. Parsed/ Desacentuado:	
sankou+\$hou→ sankou shou sankoushou	/livro de referênciao
keisatsu+' shou→ keisatsu shou keisatsushou	/posto policialo
'saiban+' shou→ saiban shou saibanshou	/corte (justiça)o
wanpaku+mo ho→wanpakumo ho wanpakumono	/menino levado o
warai+' koe→ warai goe waraigoe	/voz risonhao

Palavras miméticas também parecem seguir o mesmo caminho de variação que as palavras acima. Ou são acentuadas no penúltimo pé (N1) quando acompanhadas da partícula to, ou são não acentuadas quando estão acompanhadas da partícula ni (TANAKA,2001:183):

(73)

a. Acento no penúltimo pé:

'run→' runrun (to)	/alegrementeo
'beta→' betabeta(to)	/pegajoso o
'kira→' kirakira(to)	/brilhantemente o

b. Desacentuação:

'run→runrun(ni)	/em estado de alegria o
'beta→betabeta(ni)	/em estado de grude o

ˈkɪrɑ→kɪrɑkɪrɑ(ni)

/em estado de brilho

A pesquisa de Tanaka(2001) mostra que as palavras em japonês tendem a se desacentuar, ou seja, Non-Finality (μ, σ ; F; PrWd) passará a dominar Max(accent) em todos os aspectos. Ele explica que Max(accent) ainda está ranqueado em posições superiores na hierarquia de restrições porque o idioma japonês ainda costuma emprestar um número muito grande de palavras de outros idiomas.

3.1.2.5. Análise de Labrune

Para Labrune (2012a), o acento dos compostos em japonês é diferente do que acontece com o inglês, que mantém o acento de um dos membros do composto. Em japonês, o acento é "recomputado" e por isso pode cair em moras que não eram acentuadas no input. Para a autora, não se pode considerar que o acento seja mantido em sua forma original, exceto em dois casos: quando o tamanho do segundo membro é superior a 5 moras e quando o composto possuir um significado coordenativo, conhecido como composto dvandva.

Segundo ela, o molde do acento do idioma japonês é muito fácil de prever, a menos que o segundo membro do composto seja curto. Porém, os fatores que levam à acentuação são inúmeros e as interações são difíceis de compreender. Labrune (2012a: 215-216) elenca os parâmetros que podem influenciar em sua análise para a acentuação de compostos:

- "- A natureza da relação morfologia-sintaxe entre os dois constituintes.
- O tamanho do composto.
- O tamanho de cada constituinte.
- A categoria gramatical de cada constituinte.
- O acento intrínseco de cada constituinte.
- O estrato léxico dos constituintes (Yamato, Sino-japonês, Ocidental).
- O grau de sonoridade das vogais no núcleo do pé."

Para nossa análise, é interessante observar sua análise de compostos [modificador-núcleo], já que compostos de base presa, dvandvas, miméticos e compostos verbais seguem suas próprias regras previsíveis e únicas de acentuação. Assim, para a autora, os compostos com núcleo e modificador dependem do tamanho e do molde original de acento do segundo membro que é o –sintaticamente – mais importante; mas é possível que o primeiro membro também desempenhe um papel.

Labrune (2012a) segue a análise feita por Kubozono (1997) e altera alguns detalhes, conforme veremos mais adiante. Ela acredita que se deve fazer a distinção entre N2 curtos, ou seja, de uma ou duas moras, N2 longos, com três ou quatro moras, e N2 extralongos, com cinco ou mais moras. Ou seja, o que ela chama de N2 curto pode ser considerado um pé e o N2 longo mais de um pé. Os membros mais curtos apresentam um número muito maior de irregularidades.

Os compostos com o segundo membro curto, ou seja, uma ou duas moras, são aqueles cuja acentuação é a mais difícil de determinar. Em compostos com o N2 curto, é possível que o acento caia na última mora do primeiro (LABRUNE, 2012a:218):

(74)

'kabuto+mushi → kabu 'tomushi	/besouroo
abare+ u'ma→ aba'reuma	/cavalo indomávelo
'ningyo+ 'hime→ nin'gyohime	/princesa sereiao

Labrune (2012a) acredita que esses compostos possuem o acento no primeiro membro porque lista uma série de lexemas que quando ocupam o lugar do N2, fazem com que o acento seja transferido para a esquerda. Ela afirma que os lexemas que causam esse efeito possuem, em sua maioria, acento final. Mas vemos em (74) que é possível a acentuação de N1 com N2 curtos de acento na primeira, segunda mora ou sem acento.

Ela também lista uma categoria de palavras com N2 curto que seria as palavras que mantêm o acento original do composto. O que se toma por acento original é aquele presente na palavra simples. Nesse caso, acentua-se a mora inicial do segundo membro e as palavras são, geralmente, nativas ou empréstimos. Ela indica que esses compostos

também que os lexemas simples de N2, nestes casos, são sempre de acentuação inicial. Observe (LABRUNE, 2012a: 218):

(75)

uroko+'kumo → uroko'gumo	/cirrocúmulus (nuvem)o
garasu+'mado → garasu'mado	/ janela de vidroo karasu+
mugi ' → *karasu mugi	/aveiaø

O composto também pode ser átono, em alguns casos em que os N2 têm acento final no input (LABRUNE, 2012a: 219):

(76)

kodomo+he'ya → kodomobeya	/quarto de criançaø
o'renji+i'ro → orenjiro	/cor de laranjaø
oto'ko+ 'te → otokode	/ ajuda do homemø

A autora aponta que nem sempre o membro que possui acento final se torna desacentuado, pois existe mi'nami+ka'ze cuja forma composta é "minamika' ze", /vento Sulo, mas essas formas costumam variar com a falta de acento.

Labrune segue a análise de Kubozono (1997), ou seja, o acento do composto é colocado na primeira mora do segundo membro, exceto quando o acento dele for final ou desacentuado. No caso de compostos com o N2 longo, três ou quatro moras, o composto recebe o acento na primeira mora do segundo membro.

Existe, entretanto, um importante ponto de discordância: a autora é a favor da não-existência da sílaba no idioma japonês, defendendo apenas a mora e o pé. Portanto, em sua análise, a principal mudança em relação à análise do autor mencionado é o fato de que desconsidera a restrição de não-finalidade da sílaba. Segundo ela, essa é uma boa forma de deixar a análise mais simples e considerar exemplos como "sunakku baa" /snack bar bar de acompanhantesø e "nebada' shuu" /Estado de Nevadaø, ambos os casos de exceção do autor, que propõe um bloqueio ao acento no final da sílaba do composto. Para Labrune (2012a), a diferença está no fato em que "shuu" possui um acento no nível lexical em sua última mora shu'R , enquanto "baa" possuem o acento na primeira mora

'baR. Assim, podemos explicar que o acento de "shuu" é previsível, pois se trata de uma palavra acentuada na última mora, enquanto "bar" não é acentuado na última mora.

Labrune (2012a:228) propõe uma série de restrições a partir de Kubozono(1997), com algumas alterações devido à sua nova interpretação:

"OCP: Não mais que um pico acentual na PrWd.

FaithIO (Head Accent): O acento principal do membro núcleo ocupa a mesma posição no input e no output.

NonFinality(): A mora acentuada não pode ser final.

NonFinality (π): O pé acentuado não deve ser final.

AlignRight: O acento se situa na margem direita da palavra."

Apesar de dizer que o acento do idioma japonês nos compostos é recomputado, ela acredita que para alguns casos o uso do input/output ajuda na análise, para isso, utiliza a restrição dada acima: FaithIO (Head Accent). Além dessas restrições, Labrune (2012a) propõe a restrição AlignGA: Alinhe o acento com a fronteira entre o N1 e N2. Como só pensa em compostos acentuados, pois acredita que a não-acentuação é "closed word class", utiliza a restrição Accent para afirmar que só analisará palavras acentuadas do japonês.

A principal restrição de Kubozono (1997) que não utilizou e nem modificou foi a NonFinality(σ), pois não acredita na existência da sílaba em japonês. Sendo essas as restrições, a hierarquia é a seguinte (LABRUNE, 2012a:229):

Accent >> NonF() >> FaithIO(A) >> NonF(π) >> AlignCA >> AlignRight

Como empresta a análise de Kubozono(1997), um grande padrão de palavras permanece como exceção, é o caso de *ningyo+ hime* que se torna "nin gyohime", /princesa sereia. Ela chama essas palavras de "closed class" e as marca todas como casos excepcionais. Conclui que em N2 longos, o padrão é preservar o acento na posição original (do input), a menos que seja no final da palavra. Assim, a autora utiliza da restrição FaithIO(A) para explicar os casos em que a acentuação não seria tão esperada. O problema principal está nas palavras que são originalmente não-acentuadas, como é o caso de (60). A acentuação continua como o esperado mas não se pode

justificar com o FaithIO(A), pois o input não possui acento. Segundo seu tableau a restrição simplesmente não se aplicaria por causa da falta de acento. Porém, isso nos faz pensar se é essa realmente a resposta para a acentuação do composto.

CAPÍTULO 4 - A TEORIA DA OTIMIDADE

Na seção inicial deste capítulo, observaremos, com base em Kager(1999), a Teoria da Otimidade. Achamos conveniente usar essa teoria para esse trabalho, pois seu modelo de funcionamento pode nos ajudar a explicar fenômenos fonológicos que encontraremos e diversos autores da área também utilizam essa teoria para tratar de questões de acentuação em língua japonesa.

Esse capítulo trata-se de uma breve introdução à teoria da otimidade para ajudar entender os termos e funcionamento básico da análise e interpretação que será feita no Capítulo 5.

A teoria da otimidade é, dentre as teorias fonológicas, relativamente recente (PRINCE & SMOLENSKY, 1993). Ela pode ser considerada parte da teoria gerativista, que procura descrever os princípios universais das línguas. Em vários aspectos, a Teoria da Otimidade (TO) se diferencia de algumas maneiras do modo gerativista que se vinha usando até então, pois nela não há mais a noção de uma regra de reescrita, portanto, sem "gatilhos" e "reparos", para ela, as restrições universais também podem ser violadas. Nessa teoria, o output torna-se muito mais relevante que o input, pois ainda que este seja importante, acaba não sendo necessário, muitas vezes, para se estabelecer o melhor candidato.

A TO sustenta o fato de que as formas de superfície de uma língua são, na verdade, resoluções de embates entre restrições. Assim, uma forma se torna ótima quando comete o mínimo de violações possíveis, de acordo com a hierarquia de exigências de cada idioma. Devemos notar, então, que essas restrições e fidelidade de determinados traços são universais, mas o que causa o diferenciamento de uma língua para a outra é o modo com o qual cada uma delas irá hierarquizar essas restrições. Observemos, entretanto, que as línguas possuem um caráter econômico, pois não existem violações gratuitas, portanto, as restrições devem ser mínimas. Essa teoria é bastante relevante para esse estudo, pois ela se dedica bastante às questões de acento, ainda que abranja também outras áreas linguísticas que não só a fonologia.

As teorias linguísticas gerativistas têm como alvo principal encontrar os elementos que são universais em todas as línguas, fazendo parte, assim, de uma

gramática universal (GU). De acordo com a Teoria de Princípios e Parâmetros, estas propriedades são condições universais, assim, ainda que cada língua possua fatores que as diferenciem uma das outras, elas devem seguir os princípios dessa universalidade.

A interpretação que se fazia de universalidade era de princípios impossíveis de serem violados em todas as línguas, porém, segundo a TO, como explica Kager (1999), existe a possibilidade de se interpretar essas propriedades universais de uma maneira menos restrita e é assim que aparece o termo marcação. As línguas possuem, em cada aspecto linguístico, valores marcados e não-marcados, sendo que elas dão preferência a estes e evitam aqueles. Quanto à marcação, devemos perceber que os elementos marcados o são somente quando comparados a outros elementos, não sendo, em si, mal-formados. Além disso, o que é considerado marcado ou não-marcado não é determinado arbitrariamente, pois possui relação com a percepção e a articulação.

Notamos que a Teoria da Otimidade adota uma interpretação do fator universalidade que difere bastante do que é tido como universal na Teoria dos Princípios e Parâmetros. Dessa forma, a marcação transforma a interpretação de valores universais em algo mais complexo.

A marcação determina, de acordo com Kager (1999), o que é e não é marcado para cada situação linguística em um determinado idioma, é ela que participa na escolha das restrições para gerar o output da palavra. A Teoria da Otimidade depende da relação do output com o input da palavra, sendo o output a forma fonética e o input a forma subjacente, necessária à medida que mantém uma relação de fidelidade com o seu respectivo output. Para a Teoria da Otimidade, as restrições podem ser violadas. Dessa forma, a não-observância a uma restrição não faz com que a palavra se torne agramatical. Entretanto, ainda que as restrições sempre estejam em conflito, cada output deve violar o mínimo de restrições possíveis. Para isso, segundo o autor, existe um mecanismo regulador para esses conflitos, que hierarquiza por ordem de importância as restrições universais para cada língua. Assim, a violação de restrições mais baixa na hierarquia é menos grave que a violação de um item hierarquicamente mais importante.

Em contraposição à marcação, que determina os fatores marcados e não-marcados das línguas, temos a fidelidade, uma força que preserva os contrastes lexicais. Assim, supondo que houvesse uma gramática que fosse totalmente fiel aos contrastes

gramaticais, ela teria seu output idêntico ao input. A importância da fidelidade nas línguas é a capacidade de preservar contrastes de significado.

A fidelidade sempre entrará em conflito com a marcação, pois enquanto há um item marcado em cada posição, tenta-se preservar, ao menos um pouco, o contraste lexical. De qualquer forma, esse conflito é de extrema importância para todos os idiomas, já que caso uma língua fosse absolutamente fiel aos contrastes do léxico, haveria um número imenso de fonemas e combinações possíveis entre si, tornando a comunicação humana impossível. Por outro lado, caso houvesse uma língua que respeitasse totalmente a marcação, então haveria pouquíssimos fonemas e combinações, e com poucas palavras, seria muito difícil de se fazer uma distinção de significados. Assim, a T.O. percebe que não há preferência de uma língua por esta ou aquela, pois, enquanto pode priorizar a marcação em determinados aspectos, em outros, a mesma língua pode preferir a fidelidade em aspectos específicos.

Na Teoria da Otimidade (KAGER, 1999), para cada input é gerado e avaliado um número que pode ser infinito de candidatos para que se possa selecionar o candidato "ótimo", que é aquele que comete menos, e menos graves, violações das restrições. É importante que esse candidato evite violar as restrições mais altas na hierarquia, pois isso custaria a harmonia do idioma.

As restrições devem ser satisfeitas ou violadas pelo output de uma língua. As de marcação se referem ao output somente e exigem que ele siga os critérios de boa-formação. Já as restrições de fidelidade querem que o output preserve as formas lexicais do input. Devemos notar que essas restrições possuem algo em comum: ambas são universais e possíveis de serem violadas. São universais porque elas, todas, fazem parte da gramática de todas as línguas naturais, o que não significa que estão ativas em todas elas. Quanto à violabilidade, ela é possível quando há a necessidade de se evitar a violação de uma restrição hierarquicamente mais importante. Portanto, deve-se evitar ao máximo a violação, apesar de que, em alguns casos, ela é necessária.

Precisamos agora observar qual é o candidato ótimo para o output. Ele é considerado "ótimo" – e é por isso que a teoria tem esse nome – quando comete o mínimo de violações e que não viole restrições que são mais importantes na hierarquia da língua. Sendo assim, o que consideramos como output de qualquer palavra em

qualquer idioma é o melhor candidato que poderia ter sido, de acordo com a hierarquia de restrições de cada um.

Quanto à hierarquia das restrições, os conflitos são resolvidos pela dominação, ou seja, aquela restrição que estiver mais alta na ordem hierárquica domina as demais. O símbolo que indica a dominação é », como em A»B, ou seja, A domina B.

Listaremos a seguir alguns exemplos de restrições:

*Voiced-coda: é uma restrição de marcação. Significa que não é permitido vozeadas na coda.

Ident-IO: é uma restrição de fidelidade. O traço a ser especificado deve ter o output igual ao input. As restrições de fidelidade trazem consigo a noção de correspondente, ou seja, o output é a realização do input.

No quadro a seguir poderemos ver a interação dessas duas restrições, exemplo retirado de Kager (1999:16):

(77) Se *Voiced-coda » Ident-IO (vozeado)

Candidatos	*Voiced-coda	Ident-IO
a. [bɹ]		*
b. [bɹd]	*!	

Neste caso, se uma língua, como vemos no exemplo, possui a restrição *Voiced-coda que domina a Ident-IO, então, o candidato que não viola a primeira restrição é selecionado para o output.

A fim de descobrir o funcionamento da Teoria da Otimidade, os linguístas que a estudam procuram determinar os mecanismos pelo qual a criação e seleção do output funcionam para que se consiga selecionar o candidato ótimo. De acordo com Kager (1999), os componentes que coordenam esse mecanismo são o GEN (gerador) e o EVAL (avaliador). Assim, na língua existe um léxico que é onde os itens lexicais ficam em suas formas subjacentes, é o input. Então, o gerador utiliza-se desse input para criar

os candidatos que são submetidos ao avaliador, que nada mais é que a série de restrições em hierarquia pela qual esses candidatos devem passar para que se possa selecionar um deles que seja ótimo.

Quanto ao léxico, conjunto de itens lexicais, ele contém os morfemas de uma língua e nele estão inclusos também suas propriedades semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas. O léxico possui uma propriedade chamada de "riqueza de base", pois nele não há nenhum tipo de restrição, possuindo uma diversidade de formas subjacentes.

Já o mecanismo gerador possui a propriedade que chamam de "liberdade de análise", pois ele pode gerar inúmeros candidatos possíveis, contanto que se respeite os elementos do vocabulário universal, como a divisão morfológica e sintática.

O avaliador é o mecanismo central para a Teoria da Otimidade. Ele é o sistema hierarquizador das restrições e, por isso, é ele o responsável por garantir a harmonia dos outputs.

O avaliador segue a economia, ou seja, as restrições só podem ser violadas para evitar violações ainda mais graves, que são aquelas mais altas na hierarquia; entretanto, essas violações, como já foi dito, devem ser mínimas. Além disso, devemos observar que, segundo a dominação estrita, não se pode compensar a violação de uma restrição importante pela satisfação de uma menos importante. Por fim, o avaliador também é o responsável pelo paralelismo, que é o fenômeno em que todas as restrições que pertencem a um tipo de estrutura devem interagir na mesma hierarquia.

4.1. Teoria da Otimidade no japonês

Antes de nos debruçarmos sobre como a teoria da otimidade ajuda a ilustrar os fenômenos de acentuação dos compostos, observaremos o seu funcionamento nas palavras simples. O idioma japonês possui uma gramática que distingue nomes de adjetivos e verbos. Isso se reflete na localização do acento em japonês, porque o acento dos nomes é determinado lexicalmente, enquanto o dos verbos é previsível.

Quanto aos substantivos simples, não se pode prever onde irá incidir o acento (Haraguchi, 1977):

(78)

'inochi	"vida"
ko'koro	"coração"
ata'ma	"cabeça"

Como pudemos ver, temos nomes que são acentuados em cada uma das três moras da palavra. Além disso, não devemos esquecer que uma palavra também poderia ser desacentuada.

Já nos verbos e adjetivos, quando são acentuados, esse comportamento do acento é previsível. Acentua-se a penúltima mora da palavra. Vejamos em a. os verbos e em b. adjetivos terminados em i:

(79)

a.	
'kaku	"escrever"
y'omu	"ler"
ta'beru	"comer"
deka'keru	"sair"
b.	
omoshi'roi	"interessante"
su'goi	"maravilhoso"
utsuku'shii	"adorável"

Como podemos ver, não há contrastes fonológicos entre os verbos e entre os adjetivos. Sendo assim, de acordo com a TO, podemos ver que a marcação domina a fidelidade. No caso da marcação, a nomearemos de FixLoc(acentos); chamaremos a restrição de fidelidade de FaithLoc(acentos). Observem (SMITH,1997):

(80)

a. dekakeru "sair"

Quando FixLoc(acento) » FaithLoc(acento)

Candidatos	FixLoc(acento)	FaithLoc(acento)
a. [de. 'ka.ke.ru]	*!	
b. [de.ka. 'ke.ru]		

b. utsukushii "adorável"

Quando FixLoc(acento) » FaithLoc(acento)

Candidatos	FixLoc(acento)	FaithLoc(acento)
a. [u.tsu. 'ku.shi-i]	*!	
b. [u.tsu.ku. 'shi-i]		*

Essas regras para verbos e adjetivos, na verdade, se aplicam à forma simples, no infinitivo. No caso dos verbos e adjetivos, quando declinados, segundo Smith (1997), mudam a acentuação. Como é o exemplo de /ka'keruø, "ligar", que no passado fica /'kaketao; como exemplo de adjetivos, Smith (1997) aponta o /tá kaio, alto, que no passado fica /'takakattaø. Essas declinações são, entretanto, previsíveis, pois de acordo com cada morfema, haverá um local para a acentuação.

Para adequar os nomes à essa seqüência, considera-se a existência de uma restrição de fidelidade que vale apenas para os nomes, assim, os verbos e adjetivos poderão manter seu padrão de acentuação. Essa restrição será chamada, de acordo com Smith (1997), de restrição de fidelidade para o nome, FaithLocN(acento), ou seja, no caso dos nomes, o output deve ser fiel à localização do acento.

Vejamos um exemplo do uso de FaithLocN(acento):

(81) Quando FaithLocN(acento) » FixLoc(acento) » FaithLoc(acento)

Candidatos	FaithLocN(acento)	FixLoc(acento)	FaithLoc(acento)
a. [i. 'no.chi]	*!		*
b. ['i.no.chi]		*	

Note que a inserção da restrição FaithLocN(acentos) não interfere para a análise de verbos e adjetivos. Assim, podemos refazer a tabela que foi apresentada acima para o adjetivo /utsukushii, "maravilhoso":

(82)

Candidatos	FaithLocN(acentos)	FixLoc(acentos)	FaithLoc(acentos)
a. [u.tsu. 'ku.shi-i]		*!	
b. u [u.tsu.ku. 'shi-i]			*

No próximo capítulo, observaremos as análises que utilizaram a teoria da otimidade nos dados do acento dos compostos do idioma japonês. E iremos explicar a nossa observação do assunto também em termos de TO.

CAPÍTULO 5 - ANÁLISE DO ACENTO DOS COMPOSTOS

No capítulo anterior, vimos uma síntese da análise de diversos linguistas a respeito da acentuação no idioma japonês. Essas análises foram escolhidas por serem bastante representativas dentro do estudo de compostos do idioma japonês e por serem bastante conhecidas. Além disso, todas essas análises propostas anteriormente são relevantes porque mostram a visão do mesmo fenômeno sob diferentes perspectivas. McCawley (1965) propôs uma análise que considera a fronteira de palavras como local de acentuação, Saitou (1999) considera que o segundo membro pode influenciar lexicalmente o acento de toda a palavra, Kubozono (2001) acredita que o acento fica em N2 a menos que seja final ou não acentuado, proporcionando o recuo, Tanaka (2001) propõe o acento no penúltimo pé e, por fim, Labrune (2012a) segue a análise de Kubozono (2001) mas desconsidera a sílaba. Assim, pudemos conhecer análises puramente fonológicas, outras lexicais, e também métricas.

Ao observar todas essas diferentes propostas, nós linguistas temos uma certa dificuldade ao nos decidir por este ou aquele ponto de vista. Neste capítulo, observaremos brevemente a peculiaridade de cada uma das análises anteriores e considerando aquela que dê conta de um maior número de dados e consiga explicar teoricamente melhor as exceções.

5.1. Observação crítica das análises

As análises sobre a acentuação dos compostos do idioma japonês colocadas no capítulo anterior são muito diferentes entre si. Observaremos aqui os detalhes dessas análises para compreender quais são os pontos principais de cada uma delas para nos ajudar a compreender o que é realmente relevante para a acentuação das palavras em japonês.

A primeira e mais antiga análise vista foi a de McCawley (1965). Ele propõe uma análise morfofonológica bastante consistente. Em seu trabalho, o acento ocorre em fronteiras de palavra. O núcleo do composto, aquele que está no lado direito, é sempre aquele que determina o acento. Assim, se o morfema ao lado direito que estiver na fronteira da palavra for não acentuado, tornará a palavra toda não-acentuada.

Porém, como a fronteira possui dois lados, é um pouco difícil determinar a regra precisa; assim, temos muitas exceções na acentuação. Para lidar com essas palavras, McCawley (1965) propõe que existem regras que alteram a direção do acento. O acento se locomove para a direita quando a sílaba em que o acento cairia fosse surda. O acento muda para a esquerda, quando palavras sino-japonesas de estrutura CVC possuem a vogal *i* ou *u* e estão na fronteira da palavra #. Ainda mais, o autor aponta que uma série de morfemas finais podem alterar inesperadamente a acentuação das palavras, como o caso de *jin* /pessoa₀ que indica nacionalidade.

Dessa forma, vemos que a interpretação de McCawley (1965) possui uma boa análise morfológica, porém possui algumas regras contraditórias para as quais não parece existir nenhuma justificativa teórica, mas servem apenas para recolher os dados que não foram aceitos pela primeira regra.

Em Saitou (1997), vemos uma lista de morfemas sino-japoneses que interferem no comportamento do acento no composto. Ao que parece, o núcleo do composto, o segundo membro, parece ditar a acentuação de todo o composto. Dessa forma, o monomorfema *jin* /pessoa₀, que é o segundo membro do composto em *roshia-jin* /russo₀, por exemplo, é o responsável pela desacentuação do composto. Esse fato parece ser indiscutível para monomorfemas. Entretanto, o autor expressa a possibilidade que palavras no segundo membro do composto com mais de duas moras, ou mais de um morfema, também possuam esse tipo de acentuação. Enquanto isso pode ser verdade para casos excepcionais, não se pode afirmar que todos os acentos de compostos sejam de origem lexical, pois caso isso acontecesse, o falante do japonês precisaria decorar a listagem completa de palavras e de sua acentuação no composto.

Em Kubozono (2001), vemos que ele considera o acento em N2 como não-marcado e o acento em N1 como marcado. Para o autor, o acento no primeiro membro do composto só acontece quando o segundo membro é acentuado na última sílaba, ou seja, o acento (x'x)+(xx) -sendo x apenas para indicar TBUs- é a exceção e ocorre apenas porque o acento em N2 é bloqueado pela restrição de non-finality, quando havia um acento final ou era não-acentuado.

Contudo, essa análise deixa de fora diversos compostos que são acentuados na última sílaba de N1, como é o caso de *yoya'ku-seki*, /assento reservado₀. Para resolver esse dilema, ele propõe que palavras vindas do chinês há muitos séculos, conhecidas como sino-japonesas, possuem a última vogal epentética, *sek<i>*, pois houve uma

adequação fonética há muito tempo atrás. Entretanto, essa epêntese é vista como opaca à regra de acentuação e o acento enxerga essa palavra como se ela fosse acentuada na última sílaba. A palavra com epêntese final passa a respeitar a restrição de não-finalidade e o acento é colocado em N1.

Labrune (2012) aceita fielmente a análise feita por Kubozono (2001). Apenas discorda do fato da proibição da não-finalidade para sílaba, pois, para a autora, não é necessário utilizar esse conceito para explicar as regras de acentuação e esse torna-se mais um argumento para a não-existência da sílaba em japonês. Essa visão é de grande importância para o estudo da prosódia do japonês, mas não interfere muito na análise da sílaba, pois o mesmo funcionaria na análise de Tanaka (2001).

Na análise de Kubozono (2001), chama a atenção o fato de que os dados considerados regra de acentuação de compostos no japonês são exatamente o oposto daqueles que vemos em Tanaka (2001). Resta-nos decidir por qual a análise mais abrangente para saber qual tipo de exemplos são a regra.

A análise de Tanaka (2001) não pressupõe que o acento caia em um membro ou em outro do composto, mas que o acento deva respeitar a uma restrição que estabelece que o acento deve ficar no penúltimo pé. A restrição que corresponde à essa regra é Non-Finality ($\mu, ' \sigma, ' F$), sendo que a restrição sobre pés é a mais relevante, pois obriga a não-finalidade de sílaba e mora. E parece funcionar em vários casos, tanto em palavras cujo segundo membro é longo quanto em outras em que o acento incide no primeiro membro.

A questão do pé parece resolver uma série de problemas e explicar o recuo do acento no idioma japonês. Ainda assim, considerar o pé em língua japonesa requer uma série de interpretações teóricas a respeito da prosódia da língua japonesa, como demonstrado no capítulo 2. Além disso, o autor admite que o acento se dá no penúltimo pé, mas não consegue elaborar em qual das duas moras do pé binário o acento incidirá. Ou seja, não consegue dizer se o pé é iâmico ou trocáico, pois acontecem acentos nas duas posições. As exceções passam a ser explicadas através de estratos linguísticos e o autor mostra o processo de variação rumo a uma aparente regularização do idioma.

Como decidir entre a análise de Kubozono (2001) e Tanaka (2001) que apontam dados opostos como regra e exceção? Ao observar os dados, Kubozono indica palavras como *perusha'neko* /persian+gato gato persão como regra principal: o acento cai no

segundo membro do composto, enquanto Tanaka (2001) aponta que palavras como kan'souhada /seco+pele pele secao são a regra: acentua-se a unidade que não seja a mora, sílaba e pé final, havendo o recuo do acento para o primeiro membro do composto no caso do segundo membro de apenas duas moras (ou um pé).

É importante notar que a regra de um não consegue prever o acento da palavra exemplificada pelo outro. Isso quer dizer que no conjunto de restrições proposto por Kubozono (2001), as palavras de Tanaka (2001) são tidas como acento não previsto por regra - por serem marcadas lexicalmente - e vice-versa.

Acreditamos que a regra de Tanaka (2001) fornece a análise mais adequada, porque o autor mostra, como veremos mais abaixo, uma série de palavras nativas e sino-japonesas que respeitam a mesma restrição, acentuando o penúltimo pé. Enquanto, se observarmos de perto a análise de Kubozono (2001), observamos que a maioria dos exemplos fornecidos de palavras que são acentuadas no segundo membro são palavras que possuem, em sua maioria, algum tipo de empréstimo, como perusha'neko /persian+gato gato persao e garasu'mado /glass+janela janela de vidro. Além disso, Kubozono (2001) indica em sua análise que há um "comportamento peculiar" dos empréstimos recentes que respeitam melhor o seu conjunto de restrições que algumas palavras nativas e sino-japonesas. Como mostrado em maikuro'basu /micro+bus micro-ônibus, faasuto'kisu /first+kiss primeiro beijo e minto'gamu /mint+gum chiclete (KUBOZONO, 2001:125).

É interessante notar que o autor assume que empréstimos recentes de língua inglesa e que entraram há poucas décadas no idioma respeitem mais as restrições da estrutura japonesa que palavras que são nativas ou as que estão presentes há muitos séculos, como as sino-japonesas.

É por essa razão que, ao comparar estas duas análises radicalmente opostas, acreditamos que a análise de Tanaka (2001) consegue se aproximar mais dos fatos linguísticos do idioma japonês em relação ao acento dos compostos.

5.2. A análise

Ao citarmos os cinco autores (MCCAWLEY,1965; SAITOU,1997; KUBOZONO,2001; TANAKA,2001; LABRUNE,2012a), pretendemos mostrar modos diferentes de se examinar os dados e observar os acentos dos compostos do idioma

japonês. Como pudemos ver em 5.1, essa questão é tão complexa que não existe unanimidade, por isso, todas as análises mostradas são bastante divergentes umas das outras.

Ao observarmos os dados, notamos que algumas questões apontadas pelos estudiosos parecem nos aproximar do que realmente acontece com os fatos do idioma. Assim, notamos que com o auxílio da questão morfológica de fronteira de palavras proposta por McCawley (1965) e o questionamento a respeito do pé no idioma japonês, em Tanaka (2001), pretendemos esboçar uma nova maneira de se visualizar a questão de acentuação dos compostos. Além disso, como já avisamos em 2.1.3, quando tratamos especificamente da sílaba, iremos desconsiderá-la ao tratar do acento dos compostos, como feito por Labrune (2012a). Também utilizaremos a teoria de Centro-Periferia proposta por Itô & Mester (1995).

5.2.1. Fronteira de palavras

A primeira questão que levaremos em consideração nessa análise morfológica do acento em japonês é a sua localização. Durante a observação, percebemos que todos os acentos estão, de alguma maneira, em uma fronteira de morfemas, como pudemos ver no exemplo (68). Observe alguns deles (TANAKA, 2001:166):

ningyo+'hime → nin'gyohime	/sereia+princesa princesa sereiao
'koumori+ 'kasa→ koumo rikasa	/morcego+guarda-chuva guarda-chuva
ocidental	
'onna+ko 'koro→onna gokoro	/mulher+coração coração feminino
yu'de+tamago → yude damago	/fervido+ovo ovo cozido

De acordo com McCawley (1965), o acento deve ficar sempre na fronteira de morfemas, especialmente na fronteira de palavra. Todos esses exemplos acima possuem o acento em N2. Porém o acento não está no final da palavra, porque deve estar na fronteira com o morfema da palavra anterior. Note que onna'gokoro, o acento não poderia estar em *onnago 'koro porque o acento não estaria em fronteira de morfema,

mas no meio do morfema ko'koro /coração/.

Palavras nativas, como exemplificadas no capítulo anterior em (68) são fáceis para visualizar essa questão do acento, pois são em sua maioria morfemas de bases soltas, ainda que também encontremos morfemas nativos compostos. Portanto, o morfema ficará claramente na fronteira de uma palavra com a outra, como em [yu'de]+[ta'mago] que se torna [yude] ['damago], pois o composto se constitui de apenas dois morfemas.

Podemos observar a interação de mais morfemas se pensarmos em compostos de origem sino-japonesa. A maioria das palavras sino-japonesas são formadas por morfemas de base presa. Assim, em um composto formado por duas palavras, é possível que haja a interação de um, dois ou mais morfemas por membro do composto. No exemplo (69), observamos uma série de palavras de origem sino-japonesa e seu acento. Observe nos exemplos a seguir que indicamos os morfemas através de [] interno e cada membro do composto através dos [] externos:

[[bin][bou]]+[[gaku][sei]] → binbou gakusei /pobre+estudante estudante pobre
 [[rou][dou]]+[[kumi][ai]] → roudou'kumiai /trabalho+sindicato
 sindicato dos trabalhadores

Apesar de McCawley (1965) afirmar que o acento em palavras compostas acontece só em fronteira de palavras, ou seja, no caso de [[bin][bou]]#[[gaku][sei]] o acento incidiria apenas sobre [bou] ou [[gaku], devido à fronteira, podemos observar que existem alguns casos em que o acento não está na fronteira de uma palavra, mas está na fronteira de morfemas de uma mesma palavra. Porém, os casos em que o acento incide na fronteira do morfema que não é fronteira de palavra está em variação em rumo à regularização e pode-se ver as duas pronúncias no estado atual do idioma. Podemos observar casos como esse em alguns exemplos dados por Tanaka (2001), vistos anteriormente em (71)b. (TANAKA,2001:169-170):

[[den][dou]]+ [[ha][burashi]] → dendou 'haburashi dendouha 'burashi /elétrico+escova
 dedente escova de dente elétrica

[[yu][nyuu]]+[[ku 'da][mono]]→yunyuu'kudamono yunyuuku damono /importação
+fruta frutas importadaso

[i 'ro]+[[o ri][gami]]→iro brigami iroo rigami /cor+dobradura origami colorido

[[kou][kuu]]+[[ri 'ki][gaku]]→koukuu rikigaku koukuuri'kigaku /vão+dinâmica
aerodinâmicao

Nos exemplos acima, podemos observar algumas situações em que o acento incide sobre uma sílaba que não está na fronteira da palavra, que seria o esperado, já que a posição é hierarquicamente superior, mas que está na fronteira do interior de um dos membros do composto. Sendo assim, o acento se dá em um encontro de constituintes morfêmicos. Porém, como vemos nos exemplos acima, nessas situações existe sempre uma variação para a forma em que o acento é colocado na fronteira da palavra.

Como pudemos ver, o acento, quando não em fronteira de palavra, não é colocado em fronteira de morfemas do primeiro membro do composto (ex.: *['[x][x]]+[[x][x]]). Isso acontece porque, assim como a regra da antepenúltima mora (KUBOZONO, 2001), a direcionalidade do processo de acentuação do japonês parece acontecer da direita para a esquerda. Em termos de otimidade, podemos pensar em alinhamento com a margem direita da palavra. Assim, logo que se encontra a primeira fronteira de palavra o acento é colocado e parece não existir a possibilidade do acento ser posto em uma fronteira de morfema que venha depois da fronteira da palavra. Mas não devemos esquecer que outras restrições também estão em jogo simultaneamente, como a que alinha o acento à palavra e a não-finalidade do pé, como veremos mais adiante.

5.2.2. O papel da fonologia

Quando o acento é colocado na fronteira da palavra, à primeira vista observamos que esse acento pode incidir sobre o primeiro ou segundo membro do composto. Para descobrir qual o fator determinante para a colocação do acento em compostos na língua japonesa, observamos aspectos relacionados à fonologia, ou seja, uma determinada contagem de moras e pés ajuda a determinar o acento; ou, podemos observar aspectos morfológicos (além da fronteira da palavra, já mencionada na seção anterior). Acreditamos que o principal determinante para estabelecer o local exato do acento está relacionado à fonologia, e não à morfologia. Mostraremos a seguir as razões para essa

consideração.

Exemplos como mostrados anteriormente em (68), nos fazem pensar que existe a possibilidade de que o último morfema nunca seja acentuado. Ao olhar para palavras nativas, observamos que em sua maioria, o acento sempre recua para o primeiro membro. Veja alguns exemplos (TANAKA,2001:166):

kansou+'hada → kan souhada	/seco+pele pele seca0
densho+'hato → den shobato	/transmissão+pombo pombo-correio0
garasu+'ita → gara suite	/vidro+táboa táboa de vidro0
kasure+'koe → kasu regoe	/rouco+voz voz rouca0

As palavras que estão no segundo membro dos compostos listados acima são todas nativas e monomorfêmicas. Nota-se que ao observar os dados, poderíamos pensar que existe um certo tipo de proibição de acento no último morfema da palavra. Para isso, existem algumas palavras que permitiriam o acento, como onna+kô koro → onna gokoro /mulher+coração coração feminino0.

Quando olhamos para outras palavras, no caso, sino-japonesas e com o segundo membro monomorfêmico, essa idéia de que talvez não se acentuasse o último morfema continua. Como em alguns dos exemplos citados anteriormente em (69) (TANAKA,2001:167):

man+getsu → mangetsu	/completo+lua lua cheia0
ningyou+geki → nin gyoungeki	/boneca+teatro teatro de bonecas0
kenkyuu+shitsu → ken 'kyuushitsu	/sala+estudo sala de estudos0
kekkon+'shiki → kek 'konshiki	/casamento+cerimônia cerimônia de casamento0

Entretanto, exemplos como os acima são uma ilusão. Isso porque os morfemas sino-japoneses possuem restrição de tamanho de no máximo duas moras. A melhor maneira de observar que a acentuação dos compostos do idioma possui restrições fonológicas e não morfológicas é observar palavras cujos segundos membros sejam longos e monomorfêmicos. Não existem palavras sino-japonesas longas e

monomorfêmicas, mas existem algumas palavras nativas. Observe as seguintes:

(83)

[[nuka]]+ [[yoroko bi]] → nuka yorokobi /farelo+alegria divertimento
prematureo

[[aka]]+[[mu rasaki]] → aka murasaki /roxo avermelhado

Ao observarmos os compostos cujos segundos membros sejam longos, como , notamos que o acento continua perto da fronteira de palavras. Além disso, o morfema fica em N2. Esses exemplos podem ser muito úteis para elucidar nossas dúvidas a respeito da colocação do morfema. Se o que determinasse a colocação do acento em N1 fosse o fato de o segundo membro ser monomorfêmico, o acento dos compostos acima deveria ser *nu'kayorokobi e *a'kamurasaki, fato que não acontece. Entretanto, se a restrição de acentuação dos compostos for /palavra com mais de 2 moras retém o acento, aqui considerando o pé, interagindo com o fato de que o acento deve cair na fronteira de morfema, então, precisamente o acento é aka murasaki e nuka yorokobi.

Contudo, percebemos que a morfologia cumpre – de fato – um papel importante na acentuação quando se trata de monomorfemas de base presa que são ligados a um primeiro membro do composto, ou seja N1+Mpreso¹⁵. Esses casos são aqueles apontados por Saitou(1999) quando ilustra casos de que determinado segundo membro, todos monomorfemas de base presa, altera a acentuação do composto de forma previsível. Como vemos, -jin 'nacionalidade pessoa, é um morfema que não podem ser usado separadamente e que provoca a desacentuação de todo o composto¹⁶.

Ainda assim, devemos esperar que a acentuação de compostos de base presa seja completamente diferente da acentuação de dois compostos verdadeiros, de base solta. Por exemplo, apesar da clara proibição de se acentuar a mora e o pé final nos compostos, conforme veremos a seguir, morfemas de base presa não respeitam esse tipo de restrição, como ban'gou /número. Entretanto, quando esses compostos de base presa formam compostos com outras palavras, o acento não se mantém mais na última mora ou pé. Como é o caso de denwa 'bangu, e não *denwaban gou. Assim, concluímos que

¹⁵ Utilizaremos pela primeira vez aqui o Mpreso como abreviação de morfema de base presa. Nesse caso, a base está presa ao N1.

¹⁶ O morfema -jin pode ser analisado também como derivado.

as palavras compostas por morfemas de base presa não seguem as mesmas regras de acento de palavras compostas livres. Aqui trataremos apenas de compostos de base solta.

5.2.3. Não-finalidade

A não-finalidade desempenha um papel muito importante para a acentuação do idioma japonês, pois é uma restrição que parece ser superior a qualquer alinhamento com a margem direita da palavra. Essa restrição de não finalidade está no pé fonológico, conforme mostrado por Tanaka (2001), melhor explicado na seção 3.1.2.4. Existe também uma proibição de finalidade para moras. Conforme já mencionado, iremos adotar a visão de Labrune (2012a) e não considerar a questão da sílaba no idioma japonês, por isso ser um fator ainda duvidoso, como discutido em 2.1.3..

Tanaka(2001) foi o único a demonstrar que o pé, em relação à margem final do composto, desempenha um papel de grande importância no idioma japonês. A acentuação se dá ao pular o último pé – se é que ele é formado, ou formado e depois apagado por não possuir acento – e acentua-se o penúltimo pé. Isso acontece em palavras nativas (a.) e sino-japonesas (b.), como vemos a seguir:

(84)

a.

kansou+'hada→kan 'sou)(hada) /seco+pele pele seco

densho+'hato→den sho)(bato) /transmissão+pombo pombo-correio

b.

man+ 'getsu→man)(getsu) /completo+lua lua cheio

binbou+gakusei→ binbou 'gaku)(sei) /pobre+estudante estudante pobre

Vemos que o penúltimo pé moraico do japonês é infalivelmente acentuado, tanto em palavras nativas quanto em palavras sino-japonesas de base solta, que são os dois estratos da língua que estão presentes há mais tempo no idioma.

A distinção não é tão clara e é isso que faz da acentuação dos compostos em idioma japonês um tema complexo. Existem muitos casos em que o acento está fora do

penúltimo pé, e parece respeitar uma fidelidade à palavra simples, no caso, o input. São essas palavras que confundem os estudiosos da língua, pois parecem mostrar um padrão diferente. Tudo isso fica mais claro quando Tanaka (2001) mostra que nesses casos acontecem variações. Observe abaixo, e mais exemplos podem ser vistos em (72) (TANAKA, 2001:182):

densho+'hato → densho bato den shobato /transmissão+pombo pombo correio

'koumori+kasa → koumorigasa koumo rigasa/morcego+guarda-chuva guarda-chuva ocidental

'niwaka+'ame → niwaka ame niwa 'kaame /abrupto+chuva chuva repentina

Como podemos ver em cima, palavras nativas que não acentuam o penúltimo pé, mas o último, estão em variação com palavras que respeitam a restrição de não-finalidade e acentuam o penúltimo pé.

Outro tipo de acento inesperado acontece nos empréstimos, palavras de origem estrangeira que entraram recentemente no idioma, como melhor detalhado na seção 1.1.3. Palavras estrangeiras podem respeitar a não finalidade do pé (a.), mas na maioria dos casos, existe a acentuação do pé final(b.), ainda respeitando a relação de fidelidade com o input original.

(85)

a.

suupaa+'man → suu paaman /super+man/super homem

'sain+'pen → sainpen /sign+pen/caneta para assinatura

remon+'tii → re montii /lemon+tea/chá com limão

b.

'kafe+'baa → kafe 'baa /cafe+bar/café (loja)

eiga+ fan → eiga fan /filme+fan/cinéfilo

maikuro+ basu → maikuro basu /micro+bus/micro-ônibus

Surpreendentemente, os casos em a. são menos numerosos que b., apesar do fato

que a não-finalidade seja uma restrição muito importante na língua. Em b., vemos que o acento do segundo membro é preservado assim como foi emprestado de sua língua original.

Palavras emprestadas, ou melhor, o estrato dos empréstimos se comporta de maneira muito diferente em diversos aspectos do idioma, entre eles a acentuação da palavra simples. Sendo assim, não é inesperado encontrar dados dentre os compostos que não respeitem as mesmas restrições que palavras nativas e sino-japonesas.

Assim, não podemos dizer que todas os empréstimos não seguem a regra de acentuação dos outros estratos do japonês, pois, como visto acima, algumas palavras parecem seguir. Podemos, entretanto, explicar esse comportamento do estrato de palavras emprestadas seguindo a teoria de Itô & Mester (1995), melhor mencionado em 1.1.5., chamada de Centro-Periferia. As palavras nativas estariam mais próximas do centro, a seguir viriam as palavras sino-japonesas, que estão há mais tempo no idioma. Os empréstimos são mais recentes e por isso estão em uma posição linguística que está mais longe do centro e mais próxima da periferia. É lá que as regras estão menos fixas e existe mais interferência e tolerância ao desrespeito de regras ou restrições que não devem ser violadas quando perto do centro.

Sendo assim, quando pensamos em acentuação de compostos do idioma japonês, acreditamos que não podemos deixar de pensar em pés, pois eles são relevantes à medida que existe uma proibição de acentuação no último pé, que veremos melhor com a restrição de não-finalidade da TO.

5.2.4. Interpretação morfo-fonológica

Tendo observado detalhadamente todos esses aspectos mencionados acima, concluímos que não se pode deixar de pensar em não-finalidade do pé no idioma japonês. Entretanto, a não-finalidade por si só, como proposto por Tanaka(2001) não resolve alguns problemas de acentuação no composto. Isso porque a análise de Tanaka não consegue resolver a questão do acento no penúltimo pé, pois o pé pode ser troqueu ou iâmbico. A grande questão é que simplesmente não podemos dizer que é troqueu ou iâmbico porque existem casos em que o acento acontece no penúltimo pé em posição de troqueu(a.), e em outros casos, de iambo(b.):

(86)

a.

aka+mu rasaki → aka)(mura)(saki) /vermelho+roxo roxo avermelhado

minami+amerika → minami)(ame)(rika) /sul+America América do Sul

b.

yoyaku+ seki → yoya ku)(seki) /reserva+acento acento reservado

niwaka+ ame → niwa ka)(ame) /abrupto+chuva chuva repentina

Sendo assim, nossa pequena colaboração com a análise do acento se dá no fato de que a ajuda do constituinte morfológico, junto com o conceito de acento no penúltimo pé (TANAKA, 2001), consegue determinar com melhor precisão a colocação do acento. Observe que enquanto Tanaka consegue estabelecer o acento no pé correto nas palavras do exemplo acima, não é possível precisar sobre qual das duas moras do pé o acento incidirá.

A resposta é clara: o acento está no penúltimo pé e na mora deste pé que mais se aproxima com a fronteira do constituinte morfológico. Assim como já apontava McCawley (1965), o acento fica sempre na fronteira de palavras. É por isso que não se pode precisar se o pé binário do idioma japonês é iambo ou troqueu, porque a restrição morfológica é muito forte e se sobrepõe a essa questão. Pode ser que a importância de se acentuar esse local aconteça porque o acento na fronteira da palavra pode ser um sinal que indica para o ouvinte a divisão prosódica de cada membro do composto.

Em palavras cujo segundo membro é curto, o constituinte morfológico se aproxima do início do pé, então temos um iambo: xx+'x)(xx). Entretanto, quando o segundo membro do composto é maior, o pé consegue se completar antes da fronteira da palavra e o acento é colocado próximo da fronteira, gerando um troqueu: xx+'xx)(xx).

Com isso, percebemos que as análises feitas anteriormente eram insuficientes para compreender a acentuação dos compostos, mas que ao usarmos conceitos diferentes já propostos e observar sua interação, conseguimos nos aproximar mais do que acreditamos que deva acontecer na questão da acentuação dos compostos em

idioma japonês.

Percebemos, então, que a questão do acento dos compostos do idioma japonês não é resolvida se pensarmos que o acento deve cair no primeiro ou segundo membro. Para responder essa questão, não importa o membro do composto, mas a distância do acento em relação à margem direita da palavra – o pé – e a fronteira da palavra.

5.2.5. O funcionamento na TO

Esse trabalho não se propõe a fazer uma análise exaustiva do acento dos compostos sob o foco da Teoria da Otimidade (TO), porém, como vimos nos capítulos anteriores, diversos linguístas que trabalharam com o acento das palavras compostas do idioma japonês fizeram suas propostas de acordo com essa teoria. Sendo assim, devemos utilizar a TO para contrastar nossa proposta com os demais resultados. Isso será útil para perceber se a nossa pequena contribuição causou alguma alteração na hierarquia de restrições.

Kubozono (2001), Labrune (2012a) e Tanaka (2001) propuseram as seguintes hierarquias de restrições. Respectivamente:

OCP, Nonfinality (, σ) >> Parse (Accent) >> Nonfinality (F) >> Edgemostness

Accent >> Nonfinality() >> FaithIO (Accent) >> AlignCA >> AlignRight

Nonfinality (F, σ,) >> Max (Accent) >> Align-R (PrWd, σ)

As três restrições são bastante diferentes uma das outras, principalmente quando se trata da primeira e da Terceira. O fato de possuírem hierarquias diferentes reflete no fato de serem interpretações diferentes para os dados dos compostos. Notemos de antemão que as restrições OCP (KUBOZONO, 2001), referente a onset obligatory contour, e Accent (LABRUNE, 2012a) no topo da hierarquia proposta pelos autores apenas indica o fato de que isso se refere apenas às palavras acentuadas, com contorno H*L, no japonês.

Primeiramente, observamos a análise de Kubozono (2001), que propõe a não-finalidade do pé como a restrição mais alta na hierarquia, dentre as palavras acentuadas. Em sua análise, não é permitido o acento na última mora e no último pé das palavras compostas. Em seguida, a restrição Parse (accent) se refere ao acento que deve estar

presente no segundo membro do composto, pois segundo o autor, essa é a posição privilegiada. Menos importante é a finalidade do pé e a última restrição a ser respeitada é o acento na margem direita da palavra, pois isso raramente acontecerá. Observe o tableau de perusha-neko /persa+gato gato persao utilizando dessa sequência que ele consideram padrão:

(87)

perusha+neko	NonF(σ ,)	ParseA	NonF(F)	Edgemost
a. σ perusha)- (neko)			*	σ #
b. perusha)- (neko)		*!		$\sigma\sigma$!
c. perusha)- (neko)	, σ !	*	*	

Como podemos ver, nesse exemplo de Kubozono (2001), o candidato ótimo é perusha-'neko, pois a não finalidade da mora sílaba elimina o candidato c. na restrição mais alta e o candidato b. é eliminado no Parse(Accent), porque não possui acento no segundo membro, mas no primeiro. Dessa forma, Kubozono (2001) consegue justificar porque o acento fica no primeiro pé no segundo membro. Devemos observar, entretanto, que conforme estamos vendo nesse capítulo, é duvidoso que o exemplo de perusha-neko seja a regra geral para a acentuação de compostos.

A análise de Labrune (2012a) não propõe muitas mudanças do que foi feito por Kubozono (2001). Ela propõe como restrição mais alta apenas a não-finalidade da mora, e não da sílaba, em seguida, FaithIO indica que é muito importante a fidelidade ao acento do input. Menos importante é o alinhamento do constituinte morfológico ao acento, AlignCA e, por último, a restrição menos respeitada é o alinhamento à margem direita da palavra composta. O mesmo exemplo de perusha-neko dado acima de acordo com as restrições propostas pela autora fica da seguinte maneira (LABRUNE, 2012a:230):

(88)

perusha+neko	NonF()	FaithIO(A)	NonF(F)	AlignCA	AlignR
a. perusha)- (neko)			*	*	
b. perusha)- (neko)	*!	*	*		*
c. perusha)- (neko)		*!			**

Vemos acima que o mesmo exemplo de composto é visto de forma bem parecida. Entretanto, ela reconhece que não existe a preferência ao acento em N2 como restrição, mas sob forma de fidelidade ao acento original do input.

Palavras que não possuem o acento na segunda mora do segundo membro do composto, como visto acima, se comportam de forma a desrespeitar a fidelidade e respeitar a não fidelidade do pé (LABRUNE, 2012a: 230):

(89)

abare+uma	NonF()	FaithIO(A)	NonF(F)	AlignCA	AlignR
a. abare)-(uma)	*!		*	*	
b. abare)-(uma)		*	*!		*
c. abare)- (uma)		*			**

No caso do exemplo acima, o acento na última mora do primeiro membro do composto não pode mais ser justificado como fidelidade ao input, e podemos ver que a restrição que passa a ter uma grande importância é a não-finalidade do pé. A grande questão da análise de Labrune (2012a) e, conseqüentemente de Kubozono(2001), está no fato de que exemplos pouco numerosos são considerados como regras gerais. Além disso, esses exemplos, em sua maioria, são empréstimos. Para justificar isso, vemos no tableau de perusha-neko que isso é justificado por uma restrição de fidelidade ao input. Porém, quando falamos em compostos japoneses, a fidelidade ao input é algo muito pequena, pois quando acontece a formação do composto, apenas um acento é

recolocado e ele raramente continua na posição em que estava. Desconsiderando essa fidelidade ao input, vemos que o que acaba cumprindo o papel de colocar o acento é uma restrição que Labrune (2012a) coloca como pouco importante no ranqueamento: NonF(F), não-finalidade do pé.

Sendo assim, a hierarquia de restrições de Tanaka(2001) é muito mais coerente porque não justifica toda a acentuação utilizando restrições de fidelidade, principalmente porque vemos que o acento coincide raramente com o do input.

Em Tanaka(2001) vemos que a restrição mais importante é a Não-finalidade da mora, sílaba e pé. Em seguida, a restrição de fidelidade Max(accent) e, por último, o alinhamento à margem direita. Isso consegue resolver caso em que o acento está no primeiro membro do composto, e casos em que o acento está no segundo membro, porque o foco é a distância do último pé do composto. Exemplos (TANAKA, 2001: 174):

(90)

nagoya+shi	NonF(⌢F)	Max(Accent)	Align-R(PrWd, ⌢)
a. nagoya)-(shi)	***!		
b. ⌢nagoya)-(shi)		*	*

No exemplo acima, vemos que o acento está no primeiro membro do composto porque existe a proibição do acento no último pé do idioma. A fidelidade não desempenha um papel importante. A restrição Max(Accent), de finalidade, só representa um papel importante quando tratamos de empréstimos. Como vimos em 3.1.2.4., Tanaka (2001) propõe que exista uma diferente hierarquia de restrições para os empréstimos. Uma cofonologia que inverte a importância da restrição de finalidade ao input em palavras que entraram recentemente no idioma. Nesse caso, respeitar o Max(Accent) passa a ser muito mais importante do que respeitar a não-finalidade do pé e isso explica o porquê das palavras estrangeiras se comportarem de maneira inesperada. Observe (TANAKA, 2001: 173):

(91)

kafe+baa	Max(Accent)	NonF(σF)	Align-R(PrWd, σ)
a. ☞ kafe)-(baa)		**	
b. kafe)-(baa)	*!		*

A análise utilizando cofonologias, duas hierarquias de restrições, uma para os estratos que estão a mais tempo no idioma, como o nativo e sino-japonês, e outra para as palavras recentemente emprestadas, é uma maneira teoricamente convincente de se justificar o comportamento inesperado dos empréstimos.

Concordamos com a análise e sequência de restrições de Tanaka (2001) e acreditamos que as diferentes hierarquias propostas para lidar com as exceções, que em sua maioria são empréstimos, conseguem lidar com um grande número de dados do idioma japonês.

Nossa pequena contribuição, como vimos na seção 5.2.4. vai em direção à questão dos pés no idioma. A restrição Non-Finality (F, σ,) consegue explicar a acentuação da língua,mas ainda é difícil determinar o pé do idioma – se é iambo ou troqueu. Isso faz com que a hierarquia não consiga precisar o tipo de exemplo visto em (86). Ou seja, em palavras quadrimoraicas não se conseguiria apenas com a hierarquia acima estabelecer o acento na palavra. Veja o caso de aka-murasaki /vermelho+roxo roxo-avermelhadoo usando apenas as restrições propostas por Tanaka (2001):

(92)

aka+murasaki	NonF(σF)	Max(Accent)	Align-R
a. X aka)-(mura)(saki)			**
b. aka)-(mura)(saki)		*!	***

O resultado esperado não é akamu rasaki, mas aka murasaki. Portanto, a hierarquia de restrições não consegue lidar com quadrimoraicos, pois não consegue precisar o tipo de pé.

Para resolvermos esse problema, propomos que haja uma restrição morfológica que obrigue a colocação do acento na fronteira do constituinte morfológico, chamada de

Align (CA). Essa restrição também fora usada por Labrune (2012a), mas em um ranqueamento bastante inferior.

Como vimos em (86), alinhar a fronteira do constituinte morfológico ao acento no penúltimo pé consegue estabelecer com mais precisão o acento e consegue explicar o porquê de não conseguirmos determinar se o pé é iambico ou trocaico. Além disso, propomos que AlignCA está no mesmo nível da hierarquia que Não-Finalidade, e por isso as duas restrições são igualmente importantes. Esse é nosso ranqueamento:

$$\text{NonF(,F), AlignCA} \gg \text{Max(Accent)} \gg \text{Align-R}$$

As restrições de não-finalidade e alinhamento morfológico estão no mesmo nível de hierarquia porque não conseguimos determinar qual se aplica primeiro. De fato, parece que as duas são igualmente importantes e nenhuma é superior à outra em nenhum momento.

A seguir, ilustraremos o funcionamento dessa hierarquia de restrições com tableaux feitos a partir do acento de diferentes tipos de palavras.

Palavra com acento em N1, yoya'ku-seki /reserva+assento acento reservado:

(93)

yoyaku+seki	Non-F(,F)	AlignCA	Max (Accent)	Align-R
a.yoyaku)+(seki)	*!	*	*	
b.yoyaku)+(seki)	*!			*
c. yoyaku)+(seki)			*	**
d.yoyaku)+(seki)		*!	*	***

Como podemos ver no tableau acima, o candidato ideal é yoya'kuseki, que respeita ao mesmo tempo o constituinte morfológico e a não-finalidade do pé. Nesse caso, o acento fica em N1 porque N2 é curto e possui apenas um pé. No caso abaixo, veremos um exemplo em que o acento fica em N2, yama-arashi /montanha+tempestade tempestade da montanha:

(94)

yama+arashi	Non-F(,F)	AlignCA	Max (Accent)	Align-R
a.yama)+(a)(rashi)	*!	*!	*	
b. yama)+(a)(rashi)	*!	*!	*	*
c. yama)+(a)(rashi)				**
d. yama)+(a)(rashi)			*!	***

No exemplo acima, vemos que devido ao fato de ter mais de um pé, o acento fica no segundo membro do composto. Além disso, a restrição de alinhamento à direita e a fidelidade são os fatores que impedem que o acento recue para a esquerda mais do que é necessário. O mesmo acontece com denwa-bangou /telefone+número número de telefoneo:

(95)

denwa+bangou	Non-F(,F)	AlignCA	Max (Accent)	Align-R
a.denwa)-(ban)(gou)	*!			
b. denwa)-(ban)(gou)				*
c. denwa)-(ban)(gou)			*!	**!

A restrição de alinhamento do constituinte morfológico ao acento, AlignCA, só cumpre um papel importante quando falamos de quadrimoraicos, para ajudar a definir o pé. Observe o comportamento no tableau de aka-'murasaki /roxo avermelhadoo:

(96)

aka+murasaki	Non-F(,F)	AlignCA	Max (Accent)	Align-R
a.aka)-(mura)(saki)	*!	*	*	
b. aka)-(mura)(saki)	*!	*	*	*
c. aka)-(mura)(saki)		*!		**
d. aka)-(mura)(saki)			*	***

O tableau acima ilustra que é exatamente AlignCA que faz com que o candidato

ótimo seja d. e não c., caso ele não existisse, ou estivesse em posições inferiores, o candidato escolhido seria c.

O exemplo quadrimoraico acima nos ajuda a mostrar que é necessário utilizarmos a restrição de constituinte morfológico para ajudar a estipular o acento nas palavras compostas do idioma japonês e por isso ele fazer parte do ranqueamento de restrições.

5.3. Conclusão

Essa pesquisa pretendeu colaborar com a discussão linguística a respeito da acentuação das palavras compostas do idioma japonês com o compilamento e interpretação do que os principais estudiosos já propuseram a respeito desse tema. A observação de diversos olhares a respeito da acentuação nos fez perceber que em cada uma das análises podemos aprender e observar uma perspectiva diferente. Alguns dos trabalhos vistos foram muito contraditórios entre si, e isso nos fez observar as razões que fazer um mais convincente que o outro para poder nos auxiliar em nossa pesquisa.

Compreendemos que quando pensamos em acento dos compostos em idioma japonês não devemos pensar se o acento ficará no primeiro ou segundo composto, pois a resposta está na distância entre a margem direita da palavra e a fronteira, que é determinado pelo acento no penúltimo pé. Além disso, a fidelidade desempenha um papel muito pequeno na acentuação dos compostos, assim, pouco precisamos nos preocupar com o acento do input, no caso, o acento da palavra simples.

O tema da acentuação de compostos em idioma japonês é muito discutido porque existem uma série de exceções que parecem muito confusas. Observamos que com o auxílio das pesquisas anteriores, casos que não são esperados possuem o seu próprio padrão. Por exemplo, como vemos em Saitou (1997) os monomorfemas - que são base presa - possuem características próprias e lexicais na determinação do acento do composto, às vezes determinando um tipo de acento, outras vezes causando a desacentuação. Outra confusão que parece ter ficado bastante clara agora é o fato de que um grande número de palavras estrangeiras possuem a acentuação na última mora da palavra (TANAKA, 2001). Esse estrato possui outra ordem de restrições, porque por ser empréstimo recente, ainda não assentou corretamente no idioma. Nesse caso, a

fidelidade ao input possui um papel especial e o acento no final do composto acaba sendo permitido.

Outro motivo de confusão é o grande número de variação. Muitas palavras de acento inesperado estão variando para o que seria esperado, e outras palavras que parecem regulares estão a um passo da desacentuação (TANAKA, 2001). Entretanto, isso pode ser explicado. Cerca de 50% dos vocábulos do idioma japonês não possuem acento. Além disso, segundo Ito & Mester (2003), a falta de acento é não-marcada, enquanto a acentuação é marcada. Dessa forma, a desacentuação é um processo de regularização da língua. Ito & Mester (2003) explicam que existe uma restrição relevante para o idioma japonês que é No-HL, "sem tom descendente", que normalmente é violada em palavras acentuadas, tornando-as marcadas. Essa restrição não é violada no caso das palavras acentuadas.

Com todas essas questões vistas, pudemos entender o porquê do tema de acentuação de compostos em língua japonesa ser tão polêmico e discutido dentre os linguístas. Agora, conseguimos entender mais nitidamente os processos pelos quais o idioma passa e os fenômenos da acentuação dos compostos. Contudo, o tema da acentuação dos compostos ainda não foi esgotado e muito mais pesquisas ainda serão necessárias para tentar explicar melhor o tema, como, por exemplo, a questão da variação na situação atual na variedade de Tóquio.

CAPÍTULO 6 - PROBLEMATIZAÇÕES

Assim como no famoso capítulo 9, do *Sound Pattern of English* (SPE) de Chomsky & Halle (1968), em que os autores mostram no final do livro que existem outros modos de analisar a fonologia da língua inglesa, aqui nesse capítulo final, mostraremos que também é possível ver o acento do japonês de forma diferente. Em 6.1., veremos que a colocação do idioma japonês como uma língua de acento tonal ainda é bastante dúbia dentre os linguistas da área e esse tema possui diversas interpretações. Em 6.2., voltaremos à questão dos pés em língua japonesa (veja mais na seção 2.1.2.) e veremos esse tema em relação ao tom, também observaremos se outras interpretações a respeito disso interferirão teoricamente com a análise que propusemos para o acento em palavras compostas do japonês.

6.1. Acento, tom ou acento-tonal?

Até este momento, utilizamos o conceito de acento-tonal, ou pitch accent, como uma propriedade indiscutível da prosódia de língua japonesa. Entretanto, essa é uma questão muito controversa entre os estudiosos de fonologia. Tipologicamente, línguas acentuais, como o inglês e o português, são opostas às línguas tonais, como o mandarim. Entretanto, existem línguas que não podem ser descritas como absolutamente acentuais ou tonais e ficam em um grau intermediário. Surge, assim, uma dificuldade linguística para se estabelecer se essas línguas pertencem a um grupo ou a outro. Uma das línguas que apresenta essa dificuldade é o idioma japonês.

Na história da linguística japonesa, os estudiosos primeiramente utilizavam termos da fonética chinesa para descrever elementos da prosódia japonesa, como o "alto", "baixo" e "queda". Labrune (2012a), mostra que a partir da Era Meiji (1868-1912), os estudiosos começaram a utilizar o termo *akusento* /acento (accent) emprestado da língua inglesa. Para a autora, o termo pode ter relação com questões que estão fora da linguística, pois o termo /acento/ pode ter sido considerado mais privilegiado que /tom/ naquele determinado período histórico, pois a maioria das línguas europeias era acentual (stress). Assim, a autora imagina que o fato de que os países ocidentais que tiveram contato com o Japão nessa época pode ter interferido na

visão que os estudiosos de línguas começaram a ter sobre a fonologia suprasegmental do próprio idioma. Labrune (2012a) acredita que a utilização do termo *akusento* pode ter sido responsável por provocar a classificação do japonês como uma língua acentual, enquanto línguas com sistemas semelhantes, como algumas línguas nativas norte-americanas, são tidas como tonais. Independente disso, muitos estudiosos japoneses consideram o acento na prosódia do idioma japonês.

Hyman(2007) discute a questão do grupo de acentos-tonais na linguística. Para ele, existem línguas que são nitidamente tonais, outras são acentuais, porém as línguas que são agrupadas como se tratando de acento-tonal são, na verdade, línguas muito diferentes umas das outras. Por causa disso, não se consegue estabelecer um protótipo para esse tipo de língua, ou seja, fatores que se esperam que uma língua de sistema acento tonal respeite.

Um protótipo é um conjunto de propriedades que estão presentes nos melhores e mais nítidos exemplos de língua de um determinado sistema linguístico. Assim, em uma língua de acento (stress), espera-se que possua uma estrutura métrica no nível da palavra, que haja apenas um acento primário e que esse acento se aplique a uma sílaba, dentre outros. Como podemos observar a seguir (HYMAN, 2007:659):

- a. A localização do acento não é redutível simplesmente à primeira última sílaba;
- b. Sílabas acentuadas mostram efeitos de proeminência posicional:
 - i. oposições consonantais, vocálicas e tonais são maiores em sílabas acentuadas;
 - ii. segmentos são fortalecidos em sílabas acentuadas. (ex. consoantes se tornam aspiradas ou geminadas, vogais são alongadas, ditongadas).
- c. Sílabas não acentuadas mostram efeitos de não proeminência posicional:
 - i. oposições consonantais, vocálicas e tonais são menos numerosas em sílabas não-acentuadas;
 - ii. segmentos são enfraquecidos em sílabas não-acentuadas. (ex. as consoantes sofrem lenição, as vogais se reduzem)
- d. Acento tem efeito cíclico (incluindo acentos secundários não resultantes de eco);

- e. Acento mostra efeitos rítmicos lexicais pós-lexicais; (cf. a Regra do Ritmo em inglês)
- f. Acentos lexicais interagem em nível pós-lexical; ex. compostos frase fonológica.
- g. Acento lexical promove os determinados acentos terminais para a colocação dos tons da entonação ("acentos-tonais");
- h. Outros argumentos que toda sílaba faz parte de um constituinte métrico a que possa referir globalmente.

Para os tons, também é possível estabelecer um protótipo bastante claro. Por exemplo, o tom possui uma função distintiva em cada unidade portadora de tom (TBU), ou seja, tom alto, baixo, médio, e outros. O tom está presente na forma subjacente, ou input, do léxico e a unidade que o portará será a mora, não a sílaba. Hyman (2007) aponta que, embora todos os elementos para acento sejam necessários, para o tom, apenas a função distintiva é mesmo essencial. Por exemplo, há línguas em que a unidade portadora de tom é a sílaba, não a mora.

Entretanto, quando falamos de acento-tonal ou até mesmo de accent, percebemos que a noção é vaga. Hyman (2007) aponta o fato de não se conseguir estabelecer um protótipo do que seria uma língua ideal de acento-tonal. Isso porque o que é assim chamado é uma classe intermediária de línguas que respeitam apenas determinadas características. O que aqui chamamos de acento (accent), trazendo o conceito de acento-tonal, é uma marcação lexical para a inserção do tom. Sendo assim, percebemos que é importante se considerar o tom para essa língua. O tom que aqui nos referimos, ou seu protótipo, é ligeiramente diferente, pois para cada TBU existe um tom. No output, cada TBU ou mora está associada a apenas um único tom. As línguas do que chamamos de acento-tonal não são semelhantes entre si. Hyman(2007) aponta que existem duas características imprescindíveis para se ter uma língua acentual: obrigatoriedade e culminatividade. A primeira exige ao menos um acento por palavra, e a última, a existência de somente um acento primário. O idioma japonês possui um acento culminativo, mas não é obrigatório, pois uma grande parte do seu léxico é não-acentuado. Além disso, ele acentua que existem línguas tonais que possuem fenômenos que se assemelham à culminatividade e que por isso, "a culminatividade não é um critério confiável para o acento" (HYMAN, 2007:666). Sendo assim, apenas ser uma língua culminativa não faz com que ela seja, obrigatoriamente, uma língua acentual.

Hyman (2007) acredita que existem línguas acentuais (stressed), línguas tonais, e até mesmo línguas que utilizam ambos. Mas discorda da existência da classe de acento-tonal, pois acredita que essas línguas possam ser analisadas como tom. Para ele, o idioma japonês não é uma língua que possui tanto acento quanto tom, mas uma língua que possui um sistema que não mantém todas as características que se encontra em línguas tonais prototípicas. Por isso os pesquisadores sentem relutância de considerar o japonês, assim como outras línguas, como o basco, como línguas tonais.

Para Gussenhoven (2004), também não existe, na tipologia das línguas, uma classe de acento-tonal porque não existe utilidade para a criação de uma classe intermediária. Para ele, acento não pode ser medido por ser um conceito analítico, ao contrário de stress que pode ser medido foneticamente (ex: duração, etc), e do tom, cuja existência é possível medir. Essas línguas chamadas de acento-tonal possuem apenas um contraste tonal por palavra (no caso do japonês, HL), mas não são delimitados metricamente. Assim, se assemelham mais ao tom e podem ser analisadas dessa forma.

Para Beckman (1986), o acento com ou sem stress e o tom possuem diferenças grandes. Para ela, ambos os acentos consideram bastante a frequência fundamental. Ao contrário do tom, as línguas acentuais utilizam o accent como um traço que é mais organizacional que distintivo, e por isso, línguas com acento-tonal não possuem tantos pares mínimos como línguas tonais. Enquanto a função primária do tom é paradigmática, o acento pode ter essa função, mas sua principal função é manter contrastes sintagmáticos. Beckman (1986) utiliza a noção do protótipo de tons, nos quais não se podem incluir línguas que são menos rígidas nesse aspecto, como o japonês.

Pierrehumbert & Beckman (1988) fazem uma análise da estrutura prosódica do idioma japonês e apoiam a noção de acento-tonal. Para elas, "o pitch-accent é especificado no léxico" (PIERREHUMBERT & BECKMAN, 1988: 237). As autoras assumem que os tons acentuais são os únicos que são propriedades de itens lexicais, sendo os demais tons – como os tons de fronteira – originados em nós acima da mora e inseridos pós-lexicalmente.

Para Pierrehumbert e Beckman (1988:121), os tons de acento, ou seja, o tom ligado ao acento-tonal, possuem determinadas características. Primeiramente, o local em que incide o acento é distinguido lexicalmente. Assim, palavras de uma (ou mais) sílaba

podem ter o acento em sílabas diferentes. Além disso, o objeto do f0 do acento H* é mais alto em comparação ao objeto do tom H em nível da sentença. As autoras utilizam o contorno f0 como representação fonética que é o output dos moldes tonais. Finalmente, o principal argumento a favor do acento é que ele é a razão de se engatilhar a catathesis, que é a redução fonética de tom provocada pelo acento, ou seja, o H*L. Afinal, para as autoras, não haveria um abaixamento se não houvesse um acento marcado lexicalmente, pois tudo ficaria com o tom alto, como uma palavra desacentuada.

Como visto acima, alguns estudiosos pressupõem que o japonês é uma língua que possui acento. Vimos algumas análises que propõem que a língua possui palavras acentuadas e outras palavras não-acentuadas. Entretanto, quando se trata de acento, essa visão também não é unânime. Duanmu (2007) propõe que o idioma japonês possui dois tipos de acento: HL e LH. Sendo que o último é o que consideráramos, até então, como palavras não-acentuadas.

Para Duanmu(2007), a pressuposição de que o japonês possui palavras que não possuem acento é algo problemático. Ele discute que esse tipo de análise possui alguns problemas teóricos que não são muito discutidos na teoria linguística. Primeiramente, ele acredita que se deve investigar melhor o fato da língua possuir 50% do léxico não-acentuado. Se o acento possui uma função culminativa, deve haver ao menos um acento por palavra. Essa, que é uma das principais características do acento, faz com que seja difícil entender o fato de que uma enorme percentagem do léxico do japonês ser analisado sem acentuação.

Além disso, Duanmu(2007) discorda da colocação tonal em japonês. Pierrehumbert e Beckman (1988) propõem que existam tons de fronteira no domínio prosódico de aplicação do acento no japonês. Esse tom de fronteira é o L% inicial, que parece ser uma dissimilação que ocorre antes de H*L(HARAGUCHI, 2001). Quando a palavra possui um acento na primeira mora, esse abaixamento inicial não acontece. Pierrehumbert e Beckman (1988) propõe que esses tons de fronteira estão sempre presentes, mas não se realizam.

Pensando nessas questões, Duanmu(2007) propõe o que ele chama de two-accent model. Sua proposta pressupõe que uma palavra pode possuir um ou dois acentos. Caso possua dois acentos, um deles pode cair em qualquer uma das moras,

enquanto o outro ocorre sempre no início. O acento inicial pode ser tanto HL, quanto LH. Além disso, nessa proposta os pés são binários e o acento não pode cair em moras vizinhas. Observe (DUANMU, 2007:09):

(97)

	modelo de 1 acento	modelo de 2 acentos
'kageboshi sombra	'H-L-L-L-L	'H-L-0-0-0
ta'mago ovo	L-'H-L	0-'H-L
yama'zakura cereja selvagem	L-H-'H-L-L	'L-H-'H-L-0
murasakiiro cor roxa	L-H-H-H-H-H	'L-H-0-0-0-0

No modelo de Duanmu(2007), visto acima, a primeira palavra continua como no modelo antigo, pois possui o acento na primeira mora. A segunda palavra, ta'mago, também continua como o esperado porque o tom alto está na primeira mora e como os pés são binários, não se pode acentuar também as moras vizinhas. Sendo assim, o tom baixo anterior ao tom alto não é um caso de acento. Já nas duas últimas palavras, observamos que a interpretação do acento por Duanmu(2007) é bem diferente do que estávamos acostumados. Em yama'zakura, existe o acento ligado ao tom alto que está na terceira mora da palavra e, além disso, o abaixamento inicial L% é considerado como se fosse um outro acento: L-H. Neste caso, a palavra fica com dois acentos: LH e HL. No último exemplo, murasakiiro era o que chamávamos de palavra não-acentuada. Segundo a interpretação de Duanmu (2007), não se trata mais de uma palavra não-acentuada, pois a curvatura inicial LH é considerada um acento.

Segundo o autor, no modelo de apenas um acento, não existem evidências que invalidem o segundo acento, ou seja, o acento inicial. Parece apenas que o acento inicial é evidente, porque é totalmente previsível, e por isso não precisa ser mencionado. Já o outro acento, HL, precisa ser sempre mencionado porque é especificado no léxico. Entretanto, o autor afirma que, apesar de previsível, ainda trata-se de um acento e merece ser mencionado.

Observando as diferentes interpretações acima, percebemos que a classificação do idioma japonês dentro dessas tipologias é algo realmente complexo. Como

observamos com Hyman (2007), o japonês é uma língua que se coloca em níveis intermediários quando se trata de questões suprasegmentais. De acordo com o autor, "(...) sistemas controversos como o basco, japonês de Tóquio e o somali podem ser facilmente analisados com tom, estrutura métrica, ou os dois." (HYMAN, 2007:676). Ao que parece, a classificação tipológica pouco influencia a análise do acento na língua japonesa. Apenas devemos nos preocupar com algumas questões teóricas, como a existência de pés métricos em uma língua tonal. Independente disso, essa discussão nos faz pensar em diversos aspectos do acento no idioma japonês que é de extrema importância para o prosseguimento dos estudos na área.

Primeiramente, o fato de que 50% do léxico do idioma japonês não possui acento algum é algo que não tem sido suficientemente ressaltado nos estudos da área. Além disso, Tanaka (2001) aponta para uma variação de diversos compostos acentuados a caminho da desacentuação. Se o idioma japonês é uma língua que leva em consideração o acento, surge a questão de como explicar que esse idioma acentual está em processo avançado de desacentuação do léxico, mantendo apenas o tom. Como mencionado, Itô & Mester (1995) apontam para a questão de que a falta de acento é um processo de regularização da língua, que vai do marcado para o não-marcado. Contudo, isso também nos possibilita pensar que o idioma japonês é uma língua que, caso realmente possua algum acento, está mais próxima do tom.

Outra questão a se pensar, quando olhamos para o acento-tonal no idioma japonês é a redundância do tom em relação ao acento. No idioma japonês, sabemos que o acento está no primeiro tom alto seguido de uma queda, HL. Entretanto, apenas sabendo o posicionamento do acento, sabemos que é nele que haverá um tom alto e que na mora seguinte haverá uma queda. Observe a primeira situação em (a.) e a segunda em (b.):

(98)

a.	kaki	→	'kaki	/ostrao
	H L			
b.	'kaki	→	kaki	/ostrao
			H L	

Esse fenômeno não acontece em todas as línguas de acento final. Em de Lacy (2002),

observamos que as línguas mixtecas possuem ao mesmo tempo tom e acento, ou seja, o que viemos chamando de acento tonal. Veremos alguns exemplos do Mixteca de Ayutla, em que vemos o acento se aplicando ao tom (de LACY, 2002:5-6):

(99)

- a. Acentue a sílaba com tom H mais à esquerda que seja seguida de uma sílaba de tom baixo:

'HL	['ʃínɪ]	/chapéu
'HLL	['kániwà]	/é muito longoo
'HLH	['ʃínirá]	/o chapéu deleo
'HLHL	['ʃáàʃíɪ]	/não está comendo

- b. Caso não haja, acentue o tom H mais à esquerda, se não houver H, acentue M e assim por diante:

'HH	['tímáʔ]	/velao
L'H	[pà'lá]	/açúcar mascavoo
LM'H	[nuɲá'rá]	/ele não abrirá
M' ML	[lã'ʃírà]	/a laranja deleo
LL	['kajíʔ]	/comero

Como vemos no mixteca de Ayutla, saber a sequência de tons é imprescindível para a localização do acento, pois sempre que houver um tom alto seguido de um tom baixo, com privilégio para sua posição à esquerda, haverá um acento. Além disso, como o acento é obrigatório nas palavras, se não houver quedas ou se não houver tons altos, outros arranjos podem ser feitos para se determinar o acento, como visto em (b.). Apesar de parecer similar com o japonês de Tóquio, cujo acento também incide sobre HL, existe uma grande diferença. Em mixteca, saber a localização do acento não ajuda a determinar os acentos das palavras, porque a combinação de tons é muito mais complexa. Por exemplo, em mixteca, saber onde está o acento não garante saber se o tom é H, M ou L, já que ele pode acontecer em diversos casos, como podemos ver em b., em que quando o tom alto é ausente, o tom médio assume seu lugar preferencial e, por sua vez, quando o tom médio não está também presente, o primeiro tom baixo passa a ser acentuado. Sendo assim, precisamos saber os tons para determinar o acento, mas saber o acento não ajuda a determinar os tons.

Outro argumento a favor do tom que podemos pensar é em relação ao composto.

Em línguas acentuais, quando juntam duas palavras para formar o composto, normalmente existe a preservação do acento primário de um membro e o outro acento se tornaria secundário, ou então haveria deslocamento. No idioma japonês, não existe a preservação de nenhum dos acentos, mas a criação de um novo local para o suposto acento, ou queda tonal.

Também podemos pensar mais sobre as palavras desacentuadas e compará-las com as do português. No idioma português, as palavras átonas são poucas e são em sua maioria muito pequenas, funcionando como clíticos. No idioma japonês, ao contrário, quanto maior a palavra, mais provável que seja desacentuada, ainda que existam palavras sem acento de todos os tamanhos.

Em japonês, como vimos, é indiferente sabermos a localização do acento ou do tom, porque ambos nos ajudam a compreender os suprasegmentos da língua. É provável que seja essa ambiguidade faz com que a língua japonesa seja difícil de adequar em alguma tipologia e faz com que análises acentuais ou tonais funcionem.

Nessa pesquisa, resolvemos utilizar a noção de acento-tonal para tratar de níveis prosódicos do idioma japonês. Entretanto, nesta seção, mostramos que a análise utilizando o acento-tonal não é a única maneira de se enxergar a língua japonesa. Uma análise pensando apenas em contornos tonais também é possível. Felizmente, acreditamos, assim como Hyman (2007), que independentemente de como se pense na tipologia da língua, devido ao fato do japonês estar em um nível intermediário entre o tom e o acento, ambos os raciocínios conseguem lidar com a análise do acento na língua.

6.2. Mais sobre a questão dos pés em japonês

O pé fonológico e sua formação já foram bastante problematizados na seção 2.1.2., onde abordamos a questão do pé em japonês. Entretanto, na análise da acentuação dos compostos em idioma japonês, o pé foi um fator de grande importância para estabelecer o local da queda tonal em palavras compostas da língua. Concordando com Tanaka (2001), observamos que a não-finalidade do pé é um dos principais fatores que fazer essa determinação. Sendo assim, estamos de acordo com a existência do pé na língua.

Contudo, na seção anterior observamos que o fato da língua japonesa possuir

acento não é um fator unânime entre os estudiosos do assunto. Por isso, devemos questionar se a análise proposta – em relação ao pé – se mantém ao pensarmos no idioma japonês como uma língua sem acento, ou seja, que apenas leva em consideração o tom. Para isso, devemos nos perguntar se o tom é uma sequência linear ou existe alguma relação entre ele e a estrutura métrica, o pé.

Podemos observar a existência de pés na literatura de línguas tonais. Olhamos para o chinês padrão a procura de evidências a respeito do pé e descobrimos que muitos linguistas consideram o chinês como uma língua que possui pé. Contudo, também é considerada por diversos como uma língua em que há a interação de tom, acento e pé (DUANMU, 2000; YIP, 2002). A questão é que se o chinês possui acento e tom não seria surpresa alguma esperar a formação de pés. Portanto, devemos procurar evidências de tons em línguas que não possuam nenhum tipo de evidências para existência de acento.

Existem línguas sem acento que parecem possuir uma relação clara entre tom e pé métrico. Pearce (2006) ilustra a existência simultânea de tom e pé em Kera, uma língua tonal afro-asiática. Nessa língua, não existe nenhuma evidência de acento, apenas de tom. Entretanto, a autora afirma que existe uma interação entre o sistema tonal de Kera com a estrutura métrica. Pearce (2006) mostra que é possível haver interação entre o sistema métrico e o tonal em uma série de línguas e isso pode se manifestar com a associação dos tons aos núcleos, apagamento de tons em não-núcleos, preferência por determinados tons em núcleos e não-núcleos, espraçamento do tom no pé e associação de determinadas melodias para cada pé. No caso do Kera, em palavras de mais de três moras, a TBU é o próprio pé, não uma mora ou sílaba como seria de se esperar. Segundo Pearce (2006:283), "Kera ilustra que, mesmo sem acento no nível da palavra, existem línguas que possuem interação entre pé e diversos outros fenômenos, incluindo o tom. Apesar de ser possível que o sistema tonal e métrico sejam totalmente independentes, Kera mostra como o sistema tonal pode ser sensível à estrutura métrica".

Sabemos mais sobre a interação do pé com o tom na pesquisa de Leben (1997) a respeito de pés tonais. Para ele, o pé tonal é mais difícil de se documentar e diferente do pé métrico descrito por Hayes (1995), como já vimos, em que cada pé contém apenas um acento. Segundo Leben (1997), o pé tonal pode se referir à prosódia da camada segmental, tonal ou ambas. Além disso, os pés podem ou não parsear todos os tons da

palavra, de acordo com cada língua. Para o autor, o estudo do pé tonal ainda é incipiente na fonologia, mas ele incita questões linguísticas importantes, por exemplo, como as unidades das camadas de tom e segmento se comunicam.

Sendo assim, vemos que é coerente – mesmo se considerarmos o japonês como uma língua tonal – propor uma análise que leve em consideração o pé nesse idioma. Assim, percebemos que a análise de pés dos compostos do japonês ainda deixa em aberto a questão da construção do pé, sendo ela acentual (2.1.2.2.) ou não. Porém, ainda que o pé do japonês seja de difícil construção, não devemos esquecer que existem diversas evidências para sua existência (POSER, 1990) e por isso não devemos ignorar esse problema.

Outra questão que ainda deve ser melhor estudada, pois não conseguimos resolver é a respeito do ritmo troqueu ou iambo do pé da língua japonesa. Como pudemos ver no capítulo anterior, apesar de utilizarmos necessariamente o conceito de pés, não é possível estabelecer se a língua possui pés iâmbicos ou trocaicos. Isso acontece, no caso dos compostos que foram o alvo da nossa investigação, porque existe uma interação entre a restrição de proibição de finalidade do pé e a restrição de acento na fronteira de morfema.

De acordo com WALS, The world atlas of languages structures online (GOEDEMAN & HULST, 2011), quanto ao ritmo das línguas do mundo, existem línguas com ritmo, trocaico, iâmbico, indeterminado e dual, sendo que todas possuem acentos secundários; também existem aquelas que possuem o ritmo desconhecido. Essa tabela foi feita com base em línguas acentuais e não considera a existência de pés tonais. Se pensarmos no idioma japonês que não possui acento secundário e que sua categorização no grupo de línguas tonais pode ser aceita, devemos pensar que ao considerar o pé tonal, como proposto por Leben (1997) as línguas do mundo possuem uma maior complexidade. Portanto, não é de se surpreender que não consigamos encontrar ainda um padrão rítmico para o pé do japonês, que é uma língua que possui um grau diversificado no nível suprasegmental

REFERÊNCIAS

- BECKMAN, Mary E. (1986). Stress and non-stress accent. Dordrecht Riverton: Foris. pp. 1-141.
- BECKMAN, Mary E.; PIERREHUMBERT, Janet B. (1986). Intonational Structure in Japanese and English. *Phonology Yearbook*, vol. 3: 255-309.
- BISETTO, Antonieta; SCALISE, Sergio. (2005) "The Classification of Compounds" In: *Lingue e Linguaggio* IV(2). pp.319-332.
- BOOIJ, Geert. (2007). *The Grammar of Words: an introduction to morphology*. 2nded. New York: Oxford University.
- BROSELOW, E. (1995). "Skeletal tier and moras". In: GOLDSMITH, J. (ed.). *A handbook of phonological theory*. Oxford: Blackwell. pp. 175-205.
- CHOMSKY, Noam; HALLE, Morris. (1968). *The sound pattern of English*. New York: Harper and Row. Reprinted: MIT Press, 1991.
- de LACY, Paul. (2002). The interaction of tone and stress in Optimality Theory. *Phonology*, vol. 19: 1-32.
- DUANMU, San. (2007). A two-accent model of Japanese word prosody. *Toronto working papers in linguistics*, vol 28: 29-48.
- EWEN, Collin J.; van der HULST, Harry. (2001). *The phonological structure of words: an introduction*. New York: Cambridge University.
- FUDGE, Erik. (1999). Words and Feet. *Journal of Linguistics*, vol. 35: 273-296.
- GOEDEMANS, Rob; van der HULST, Harry. (2011). Rhythm Types. In: DRYER, Matthew S. & HASPELMATH, Martin (eds.). *The World Atlas of Language*

Structures Online. Munich: Max Planck Digital Library, chapter 17. Available online at <http://wals.info/chapter/17> Accessed on 2012-12-14.

GUSSENHOVEN, Carlos. (2004). The Phonology of Tone and Intonation. New York: Cambridge University.

HAGUENAUER, Charles. (1951). "Les mots invariables". In: Morphologie du Japonais Moderne. Volume 1 - Généralités mots invariables. Paris: C. Klincksieck.

HALLE, Morris; VERGNAUD, Jean-Roger. (1987). An essay on stress. Cambridge: MIT.

HARAGUCHI, Shosuke (1977). The tone pattern of Japanese: an Autosegmental Theory of Tonology. Tokyo: Kaitakusha.

HARAGUCHI, Shosuke (2001). "Accent". In: Tsujimura, Natsuko (Ed). The handbook of Japanese linguistics. New York: Oxford.

HASPELMATH, Martin. (2002). Understanding Morphology. Great Britain: Arnold.

HAYES, Bruce. (1995). Metrical Stress Theory: principles and case studies. Chicago: University of Chicago.

HYMAN, Larry. (2007). How (not) to do phonological typology. UC Berkley Phonology Lab Annual Report, 2007.

INABA, Seiichiro. (1998). Moras, Syllables and Feet in Japanese. Language, Information and Computation PACLIC21, vol. 18-20: 106-117.

ITÔ, Junko; MESTER, Armin. (1995) Japanese phonology. In Handbook of Phonological Theory, edited by J. Goldsmith. Cambridge, MA: Blackwell. 817-838.

- ITÔ, Junko; MESTER, Armin. (1999). "The structure of phonological lexicon". In: The Handbook of phonological linguistics. Oxford: Blackwell. pp.62-100.
- ITÔ, Junko; MESTER, Armin. (2003). "Extended Obligatory Contour Principle Effects and Further Issues". In: Japanese Monophonemics: Markedness and Word Structure. Massachussets: MIT.
- KAGER, René. (1999). Optimality theory. Cambridge: Cambridge University.
- KIPARSKY, Paul. (1982). Lexical phonology and morphology. In: I. S. Yang (ed.), Linguistics in the Morning Calm . vol. 2 . Seoul: Hanshin .pp.391
- KUBOZONO, Haruo. (1999). "Mora and Syllable". In: TSUJIMURA, N. (Ed.). The handbook of Japanese linguistics. Oxford: Blackwell. pp. 31-61.
- KUBOZONO, Haruo. (2001). "Epenthetic Vowels and Accent in Japanese: Facts and Paradoxes", in van de Weijer & Nishihara (orgs.). Issues in Japanese Phonology and Morphology. Berlim: Mouton de Gruyter.
- KUDO, Mayo. (2004). A Lexical semantic study of four-character sino-japanese compounds and its application to machine translator. Dissertation. University of Victoria.
- KUNO, Mariko. (2007). "Como se fala em Tóquio: para uma proposição de dialeto metropolitano"(Trad. Everson Esteques Lemos). In: Revista de Estudos Japoneses, nº27. São Paulo: Edusp.
- KURISU, Kazutaka. (1999). Richness of the base and root fusion in Japanese. Santa Cruz: University of California.
- LABRUNE, Laurence. (2012a). The phonology of Japanese. New York: Oxford University.

- LABRUNE, Laurence. (2012b). Questioning the universality of the syllable: evidence from Japanese. *Phonology* 29: 113-152.
- LADEFOGED, Peter. (2001). *A course in phonetics*. 4th ed. Boston: Heinle&Heinle.
- LEBEN, William R. (1997). Tonal Feet. In: GUT, Ulrich; GIBBON, Daffyd (eds.). *Proceedings, Typology of African Prosodic Systems*. Bielefeld Occasional Papers in Typology, vol 1: 27-40.
- LEE, Seung-hwa. (1995). *Morfologia e fonologia lexical do português do Brasil*. Tese de doutorado. IEL, Campinas.
- MCCAWLEY, James David (1965). *The Accentual System of Standard Japanese*. Dissertation. MIT.
- NESPOR, Marina; RALLI, Angela. (1996). Morphology-phonology interface: Phonological domains in Greek compounds. *The linguistic review*, vol. 13: 357-382.
- NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. (1996). *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris.
- NEUSTUPNY, Jiří V. (1978). "Variability of the Japanese Accent". In: *Post-structural approaches to language theory in a japanese context*. Tokyo: University of Tokyo.
- NHK. (1998). *Nihongo hatsuon accentu jiten* [dicionário de acento da pronúncia do japonês]. Tokyo: Nihon Hoso Suppan Kyokai.
- OTAKA, Hiromi. (2009). *Phonetics and Phonology of Moras, Feet and Geminated Consonants in Japanese*. Lanham: University Press of America.
- PEARCE, Mary. (2006). The interaction between metrical structure and tone in Kera. *Phonology*, vol. 23: 259-286.

- PIERREHUMBERT, Janet B; BECKMAN, Mary E. (1988). "Tones and prosodic structure". In: Japanese tone structure. Cambridge: MIT.
- POSER, William J. (1990). "Evidence of foot structure in Japanese". *Language*, Vol.66, n.1 (Mar. 1990). pp.78-105.
- PRINCE, Alan; SMOLENSKY, Paul. (1993). *Optimality Theory. Constraint interaction in generative grammar*. Technical Report 2. Rutgers University Center for Cognitive Science.
- SAITOU, Yoshio. (1997). "Akusento [Acento]". In: *Nihongo Onsei Nyuumon* [Introdução à fonética do idioma japonês]. Tokyo: Babel Press. pp.117
- SATO, Yasushi. (2010). Two types of tonal feet in Japanese. *The MGU journal of liberal arts studies KARUCHURU*, 4(1): 201-210. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10723/91> . Acessado em 14/12/2012
- SHIBATANI, Masayoshi. (1990). "Word Formation". In: *The Languages of Japan*. 2nded. Cambridge: Cambridge University.
- SMITH, Jennifer L. (1997). *Noun faithfulness: On the privileged behaviour of nouns in phonology*. Massachusetts: ? , pp. 1-12.
- SUGITO, Seiju. (1989). "Lexical Aspects of the Modernization of Japanese". In: COULMAS, Florian (org.). *Language Adaptation*. Cambridge: Cambridge University.
- TANAKA, Shin-ichi. (2001). "The Emergence of the /Unaccented/: Possible Patterns and Variations in Japanese Compound Accentuation". In: *Issues in Japanese phonology and morphology*. Jeroen Van der Weijer and Tetsuo Nishihara (eds.). Berlin: Mouton de Gruyter. pp.159-192.
- YAMAGUCHI, Toshiko. (2007). *Japanese linguistics: an introduction*. London: Continuum. pp. 40-119.

YIP, Moira (2002). "Asian and pacific languages". In: Tone. New York: Cambridge University.